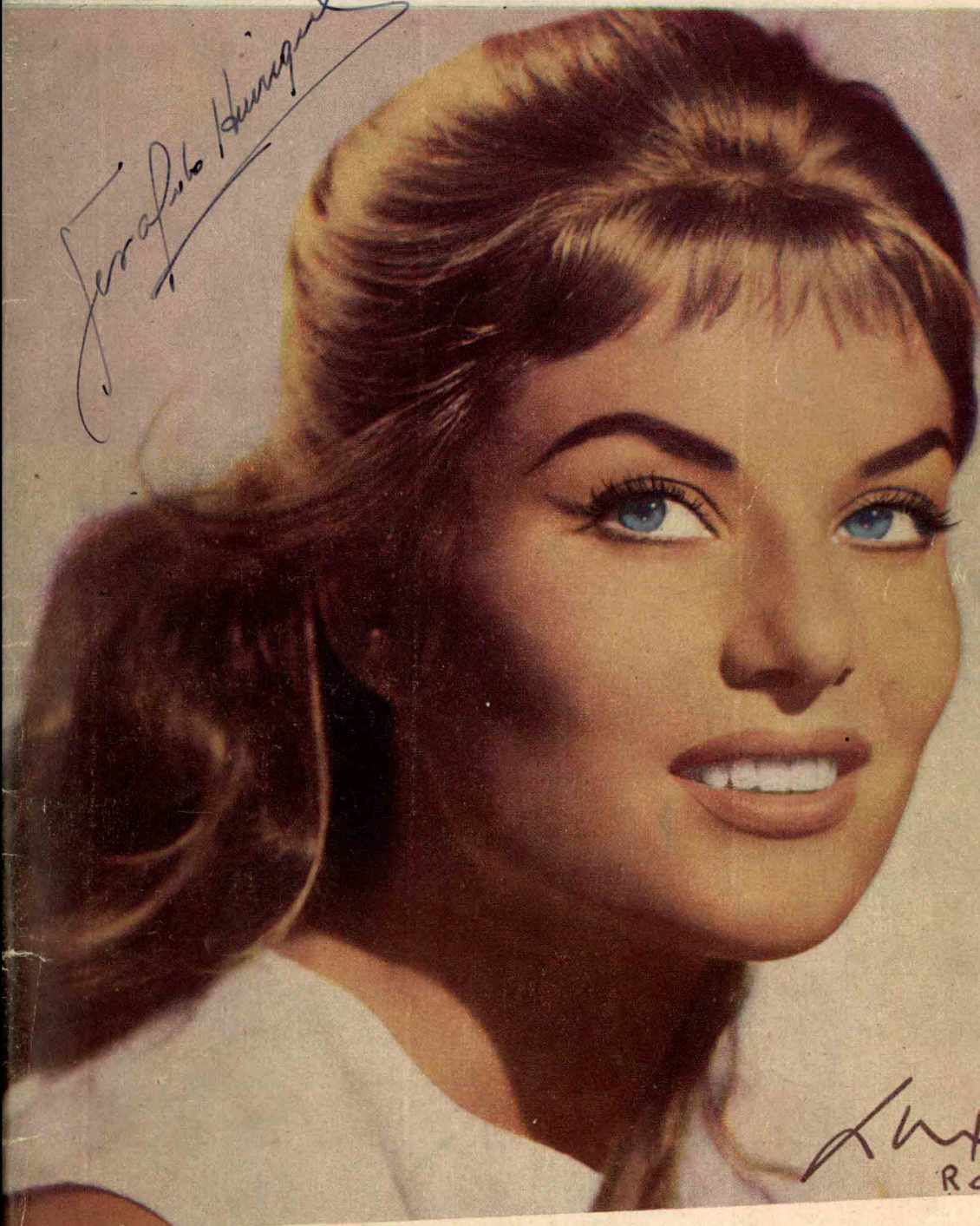


# ALTEROSA

MAIO 1959  
Segunda Quinzena  
Cr\$ 15,00

*Jerônimo Henrique*

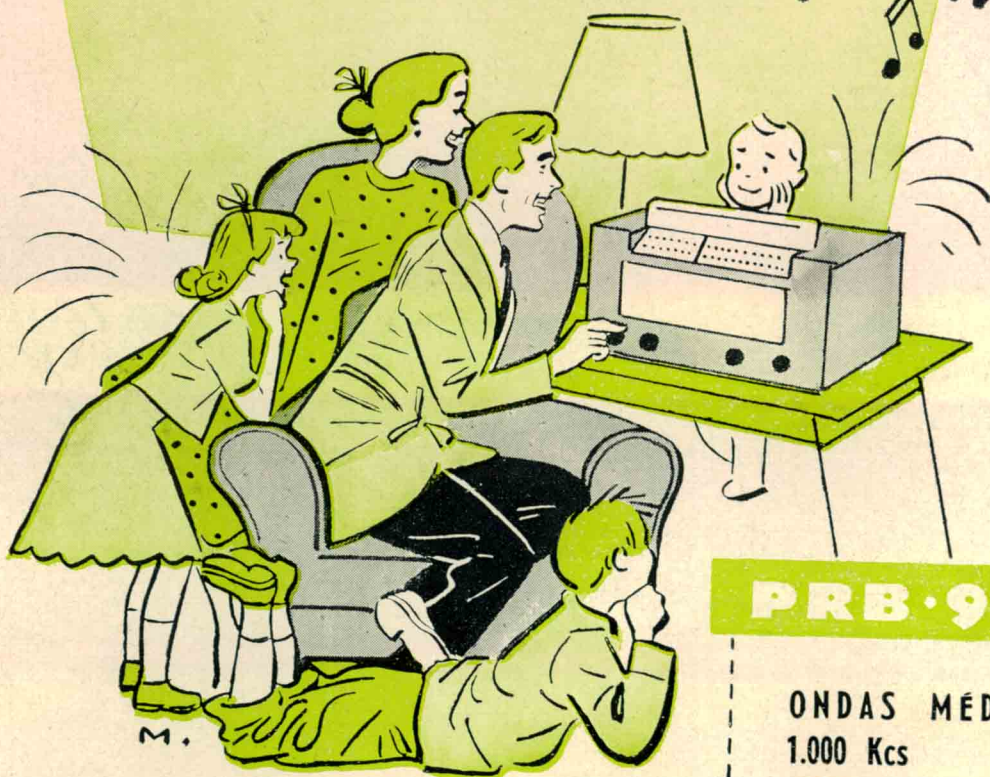


*Rona*  
RONA

Ouro Preto Não Tem Só Semana Santa



# Chegou a hora!



**PRB-9**

ONDAS MÉDIAS  
1.000 Kcs  
50.000 watts

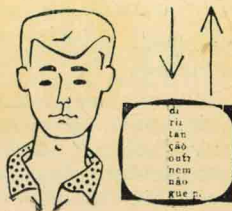
ONDAS CURTAS  
19 - 25 - 31  
e 49 metros

Todos querem  
alcançar o melhor lugar  
para ouvir a maior

*Rádios* **Record**

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS





## TELEVIZINHOS

Gilberto de Alepçar

**N**ÃO obstante as facilidades oferecidas pelo sistema de vendas a prestações, nem toda a gente possui ainda um aparelho de televisão, de onde resulta naturalmente para os possuidores uma tal ou qual consideração pública em sua rua e às vezes até em seu bairro, conforme as circunstâncias.

— Fulano já tem televisão em casa.

— Não diga!

— Tem sim, que eu sei.

— Veja só! Eu qualquer hora também compro. A mulher anda querendo...

Há uma certa dose de inveja no diálogo, mas por igual não deixa de haver admiração e respeito, a admiração e o respeito que desde os tempos mais remotos os que não possuem, sempre experimentam pelos que possuem. Nisto é que reside talvez a força principal da propriedade. E isto é que garante a sua sobrevivência indefinida, por muito que a combatam e procurem derrubá-la. Mais fácil será a tal viagem de ida e volta a Marte ou Vênus do que a derrubada de tão sólida instituição humana. O meu e o teu andam muito longe de morrer...

O homem, pois, compra o aparelho e instala-o na sala de visitas, quando não prefere instalá-lo na de jantar. E põe-se a gozar, não só os programas executados, bons ou

maus, como sobretudo a curiosidade admirativa da vizinhança.

A vizinhança, aos poucos, convidada ou não, amiúda as visitas durante a noite, para assistir ao cinema em miniatura. Que importa seja em miniatura, se é gratuito?

No princípio, guarda-se uma certa cerimônia. Esta, porém, rapidamente desaparece, substituída por um desembaraço total e absoluto, que não pede licença para entrar, vai empurrando a porta da rua sem mais nem menos, vai tomando assento, vai enchendo a sala de telespectadores... De tal sorte aflui a vizinhança, que muita vez não sobra assento para o pessoal de casa.

— Já começou faz muito tempo?

— Não, começou agorinha mesmo.

— Vamos ver se o programa presta. O de ontem, nem por isso...

Se existem possuidores do aparelho que, exasperados, mandam mentalmente a todos os diabos os filantes que lhes abarrotam noturnamente a sala, dando cabo do doce conchego do lar, outros existem, e talvez sejam a maioria, que recebem a coisa com agrado visível, ou por vaidade, ou por natural desprendimento. Estes últimos levam a complacência ao ponto extremo de mandarem servir café com biscoitos às visitas, insistindo para que guardem a derradeira parte do programa.

As visitas?

As visitas, não.

Aos televisinhos.

Esse é, com efeito, o nome que o povo já inventou para os filantes dos espetáculos televisados.

Dirão os filólogos, com toda a razão, que o neologismo se formou contra todas as boas regras a que deve obedecer a formação de tais vocábulos. Afinal de contas, a contradição é evidente, já que as duas partes da palavra se repelem de maneira violenta. Se «tele» significa longe e «vizinho» significa perto, que é que exprime então o termo?

O termo, mal formado embora, exprime muito bem o que quer exprimir, não havendo quem não saiba que televisinhos são os vizinhos que filam os programas e televisão o conjunto deles. O neologismo, ainda que rebelde às regras estabelecidas pelos gramáticos, não tardará a entrar vitoriosamente para os dicionários, visto como já entraram outros de formação muito pior e muito menos expressivos do que ele.

Quem faz a língua é mesmo o povo e com este ninguém pode. Registre-se, contudo, que a palavra está seriamente ameaçada de morte pelo sistema de vendas a prestações. No dia em que todos tiverem televisão em casa, é claro que não haverá mais nem televisinho, nem televisão.

## SUMÁRIO

### CAPA

BELINDA LEE, "explosiva" estrêla do cinema inglês numa foto de Luxardo especial para ALTEROSA.

### CONTOS E NOVELAS

O Menino e o Periquito ..... 22  
Meu Inglês ..... 35  
Há Sempre Alguém ..... 62

### ARTIGOS E REPORTAGENS

Os Católicos e a Psiquiatria .. 20  
Biografia do Zé Pereiro ..... 26  
Fido — Cidadão Honorário de Luco ..... 38  
Baile das Debutantes ..... 42

A Gruta de Maquiné ..... 48  
Casamento na Idade da Pedra ..... 54  
O Destino Calca os Freios .... 96

### PARA A MULHER E O LAR

Modas — A partir da ..... 66  
Para Seu Lar ..... 70  
Arte Culinária ..... 76  
Bazar Feminino ..... 78

### SEÇÕES PERMANENTES

Concurso de Contos ..... 16  
Cartas à Redação ..... 2  
A Voz do Brasil ..... 4  
Satélites e Teleguiados ..... 7  
Páginas Escolhidas ..... 8  
Panorama do Mundo ..... 10

Como Falar — Como Escrever ..... 16  
Fuga ..... 17  
Quitandinha ..... 18  
Tapê Mágico ..... 25  
Humor (Bosc) ..... 32  
Nossas Crianças ..... 39  
Páginas da História ..... 46  
O Crime Não Compensa ..... 50  
Bom-Tom ..... 52  
Fonte Viva ..... 58  
Cantigas ..... 61  
Teste ..... 74  
Cinema — A partir da ..... 82  
Esparsos : ..... 89  
Livros e Letras ..... 90  
Picadeiro ..... 92



## Movimento Por Um Mundo Melhor

LI, com muito prazer, a ótima reportagem que essa conceituada revista, no seu número 302, deste mês, publicou sobre o «Movimento Por Um Mundo Melhor».

Como apreciador das boas causas, não pude conter o desejo de congratular-me com os responsáveis por iniciativa tão feliz, uma vez que representa uma contribuição valiosa no sentido de divulgar idéias destinadas a pro-

porcionar melhores dias para a sociedade.

Assim, ao mesmo tempo que lhes envio os meus respeitosos cumprimentos, faço votos pela prosperidade de sua Empresa e para que prossigam no mesmo programa de bem servir à coletividade.

**GIL MOREIRA JÚNIOR —  
BELO HORIZONTE — MG**

## À Procura de Parente Desconhecido

TOMO a liberdade de servir-me desta para solicitar, se possível, a inserção, em «CARTAS À REDAÇÃO», de uma pequena nota sobre um antepassado (já deve ter falecido há muitos anos) ou sobre seus descendentes, porquanto apenas agora chegou ao meu conhecimento as possíveis re-

lações familiares com o mesmo.

Refiro-me a um cidadão que tinha o nome de SERAFIM DE SOUZA OTIM (ou muito semelhante) e, cuja família era tradicional na terra mineira pela época de 1900.

**ANTONIO FAUCZ —  
PRESIDENTE PRUDENTE — SP**

• A correspondência destinada ao Sr. Antonio Faucz pode ser enviada para a Rua Nilo Peçanha, 326, na mencionada cidade paulista.

## Satélites e Teleguiados

QUERO aproveitar a oportunidade para declarar-me fã do Sr. Gibson Lessa, cuja seção é das

melhores dessa boa revista.

**ANTÔNIO PEREIRA DA SILVA —  
SÃO PAULO — SP**

## Divulgando as Nossas Coisas

PERMITA-ME que, logo de início, eu venha trazer uma sugestão. E' que, brasileiro apaixonado pelo meu País, eu julgo que todos os seus leitores, apreciariam uma seção de Turismo, na qual a sua revista traria os pontos mais afamados para serem divulgados e através do que, mui naturalmente, a Gente brasileira tomaria conhecimento dessas belezas e seria facilmente atraída para conhecê-las.

No caso de V. S. aceitar esta minha sugestão, penso que, pelas colunas da revista, poderia a Redação solicitar a todo o Brasil o

envio de fotografias de suas plagas para serem publicadas; eu, de bom grado e prazenteiramente, enviarei as da nossa Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, tida como uma das obras mais deslumbrantes que existem; a Vila Velha, outra maravilha da natureza, digna de ser visitada por turistas; as Sete Quedas, tão afamadas no mundo inteiro; a Foz do Iguassu, outra glória do Paraná; e muitas outras que forem surgindo.

**JOÃO L. P. DA COSTA —  
CURITIBA — PR**

• Nossa seção «Tapêto Mágico» vem focalizando exatamente a matéria sugerida pelo prezado leitor, fixando assuntos folclóricos e regionais do Brasil e de outros países. E se não tem sido constante a presença do Brasil se deve exatamente à dificuldade na obtenção de boas crônicas e fotos dos motivos nacionais. Será, pois, com vivo prazer que aceitaremos a colaboração dos leitores que desejem auxiliar-nos nesse sentido.

**A  
FELICIDADE  
está  
à sua  
espera  
tôdas as  
SEXTAS-FEIRAS**

**LOTERIA  
DO  
ESTADO  
DE  
MINAS  
GERAIS**

a nossa loteria



## Logosofia

ESTANDO interessado em adquirir um volume da obra de Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol), de título: «O Mecanismo da Vida Consciente», e como a mesma não é encontrada facilmente nas livrarias deste Estado, venho pela presente solicitar-lhe que encaminhe esta minha solicitação a qualquer uma das livrarias que vendem esse opúsculo de Logosofia.

NICOLAU CAMPOS — RUA MARIZ  
E BARROS, 281 — ALEGRETE —  
RS

• Seu pedido está sendo providenciado por esta Redação.

## Sucessão Presidencial

ATENDO à democrática sugestão dessa revista, estampada na sua edição nº 298. A chapa de minha preferência seria o general Teixeira Lott, para presidente, e o governador Bias Fortes, para vice.

ALZIRA GUIMARÃES —  
BELO HORIZONTE

O BRASIL precisa de um governo forte, embora democrático. Por isso, voto no general Teixeira Lott, com o Sr. Fernando Ferrari para vice.

HELVECIO JOSE' SOARES —  
UBERABA — MG

\*\*\*

## A Sucessão Mineira

Conclusão da pag. 93

eleitoral. Realizando convenções regionais, complementando diretórios locais, incrementando o alistamento e promovendo entendimentos, o ilustre presidente da UDN nacional está ganhando terreno, numa pregação cívica que dá à sua candidatura um sentido extra-partidário, com vistas à renovação de métodos e costumes políticos e administrativos contida em sua própria formação de homem público. Mentalidade arejada, trato ameno, aprimorado na escola do trabalho realizador, afeiçoado à prática do humanismo cristão, espírito ponderado e esclarecido, imune às paixões e aos exaltamentos pessoais, o Sr. Magalhães Pinto é, sem favor, um excelente candidato, capaz de assegurar aos mineiros um período de governo tranqüilo quanto à boa prática do regime e quanto à boa aplicação dos dinheiros públicos.

Resta-nos desejar que os candidatos que venham a surgir pelas demais legendas partidárias tenham o mesmo gabarito do Sr. Magalhães Pinto, para que se possa assegurar a Minas, no próximo quinquênio governamental, uma administração verdadeiramente voltada para os altos interesses do nosso Estado.

15 DE MAIO DE 1959

# Panex

o 1º nome em alumínio

Quando se fala em alumínio pensa-se em PANEX! Porque os utensílios PANEX — práticos... resistentes... indeformáveis... são há muitos anos os preferidos pelas donas de casa.



Fidel 3-2

Dona de casa exigente

com **Panex**  
está contente!

SÃO PAULO: Rua João Adolfo, 118 — Telefone: 37-1276  
RIO: Rua Visconde de Inhaúma, 134 — Telefone: 43-7329  
PORTO ALEGRE: R. Vig. José Inácio, 391 — Telefone: 7809  
BELO HORIZONTE: Av. Amazonas, 281 — 1º — Tel. 2-9821



# comerciário

Acham-se abertas  
as inscrições para  
a temporada na

## COLÔNIA DE FÉRIAS "SYLLA VELLOSO"

em Venda Nova

inclusive para comerciários do interior

Temporada de 14 dias, por  
pessoa — Cr\$ 2.100,00

Fins de semana  
(sábado a segunda-feira - Cr\$ 400,00)

DESCONTOS para filhos menores e  
para comerciários  
sindicalizados.

O pagamento pode ser feito em  
prestações.



Maiores esclarecimentos  
e inscrições:



### SESC

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Rua Curitiba, 601 - Sobreloja (Cine Art-Palácio)  
Fone 4-6319 - Belo Horizonte

A VOZ  
DO BRASIL

• O Brasil sempre foi uma nação explorada. Primeiro, no tempo da Colônia, pela metrópole a que estávamos submetidos e, mais tarde, por determinadas organizações que aqui se instalaram para trazer a técnica que nos falta e para nos levar, na química dos bons lucros, resíduos capitais que se aqui permanecessem, com boa aplicação, contribuiriam para acelerar o nosso progresso.

Geraldo Mascarenhas  
CIDADE DE BARBACENA — MG

• Preocupado, Juscelino telefonou pra Minas :  
— Como é, já está pronta a marcha da fome ?  
— Sim, senhor !  
— Então assobia um pedacinho !  
DIÁRIO DA TARDE — BELO HORIZONTE — MG

• Os jornais andam dizendo que o Sr. Bias Fortes é quem coa o café servido no Palácio da Liberdade. Dizem mais êsses órgãos da imprensa que o tal café é muito mal feito e, de um sabor horrível. Quem tolera essa bebida é somente o «pessoal» que gravita em torno da figura trovejante e feia do Governador de Minas Gerais.

VOZ DE DIAMANTINA — MG

• Ao que tudo indica, vão afrontar-se dentro em breve as candidaturas Lott e Jânio à presidência da República.

A musa não é doutora  
Mas também não é tapada  
Ou vence a espada à vassoura  
Ou vence a vassoura à espada...

Zangão  
DIÁRIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• A mediocridade é quase uma sombra do homem; poucos são os que dela não se viram envolvidos pelo seu halo. O mediocre flutua na vida a abocanhar os méritos de outros que ele só poderá gozar pela servilidade e adulação. O seu êxito é ilusório. Infelizmente, o que vemos pela vida a fora é este tipo que mais sobressai. Vivem com intensidade porque precisam de estimular o brilho de sua pessoa, são como satélite de um planeta, recebendo a sua luz... Porque, no recesso de seu âmago, sabem que nada valem e que de si nada ficará para a posteridade.

Djalma de Assis Mouço  
FOLHA NOVA — CARMO DE MINAS — MG

• Antes eram os carrinhos de brinquedo, em que se divertiam os garotos nas calçadas. Mas os tempos mudaram, ou melhor, as crianças mudaram. Já querem transpor os limites da idade, em carreiras vertiginosas. E para isto, entram no carro do papai, e... «pé na tábua!» Adeus sossêgo dos pedestres! Adeus segurança pública! Assomam, quando menos se espera, numa esquina, e o divertimento pode redundar em tragédia.

GAZETA DO TRIÂNGULO — ARAGUARI — MG



• Se a mulher continuar enrolando a saia para dentro, veremos daqui há pouco muita mulher vestida do avesso.

O COMETA — IGARAPAVA — SP

• Quem bebe cachaça de mais fica estúpido como porco, valente como leão e sem-vergonha como macaco... E, mesmo assim, ainda há, por aí, quem tenha coragem de vender bebida a crianças... A criança se dá beijo na face, puxão de orelhas ou palmadas no «presunto». Bebida só o leite ou o chá de macela, quando a barriga roncar.

Joaquim José

FOLHA DO POVO — GUAXUPÉ — MG

• A extrema precariedade dos benefícios prestados pelos institutos de previdência social constituem a mais nítida demonstração de como nossa famosa «legislação social mais adiantada do mundo» é, na prática, uma burla clamorosa, uma perversa ironia aos trabalhadores de todas as categorias dela dependentes. Aposentadoria e pensões irrisórias, em relação ao nível dos salários e, sobretudo, ao do custo de vida, serviço de assistência médica praticamente inexistente, uma burocracia talvez pior que a do comum das repartições públicas, a dificultar ou impossibilitar aos segurados a solução dos casos mais simples, e mais um enorme desfalque na renda prevista na lei para os institutos, a começar do «calote» oficial que os sucessivos governos deixaram, através de algumas décadas, acumular-se em bilhões de cruzeiros, correspondentes às contribuições devidas pelo Estado e não pagas.

Osório Borba

FOLHA DO POVO — CAMPOS — RJ

• Começaram em todo o Brasil os preparativos para o próximo pleito e um dos assuntos que vai ser mais explorado pela demagogia reinante será a «Reforma Agrária». A questão é das mais palpitantes, mas reformar o que? Nós não temos nenhuma organização agrária para ser reformada. Precisamos, sim, criar uma mentalidade rural de onde sairá a orientação de nossa produção agrícola abandonada, e não, com fins estritamente eleitorais, tumultuar os ruralistas com promessas de distribuição de terras nos moldes comunistas, ludibriando a massa campesina.

GAZETA DE PARAPEBA — MG

• Falando sobre futebol, vale recordar um episódio ocorrido durante o jogo, também de um campeonato sul-americano (é claro), quando o jogador Chico foi espaldeirado pela polícia portenha e todos os brasileiros apanharam indistintamente no estádio do River Plate, se estais lembrados. Conta-se que o cronista Rubem Braga, que assistia à luta — luta mesmo — em companhia do também cronista Sérgio Porto, no aceso das agressões, virou-se para este e perguntou-lhe, temeroso de ser descoberta a sua nacionalidade: «Usted tiene fósforo?»

Mister Eco

DIÁRIO CARIOCA — DF

• O Ministério da Guerra consome, no Brasil, 36,5% da verba global de pessoal ativo do orçamento da União (isto é, Cr\$ 13.638.915,00). E note-se que o abono vigente desde 1º de janeiro, mas votado depois da Lei de Meios, não entra na percentagem.

CORREIO DA MANHÃ — DF

êste inverno  
a moda é...

TRICÔ

...tricote a moda

com nossas

200 CÔRES

sugeridas

por Paris!

lãs pingouin

PROUVOST





*Ela sabe:* **Ele volta mais depressa  
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**

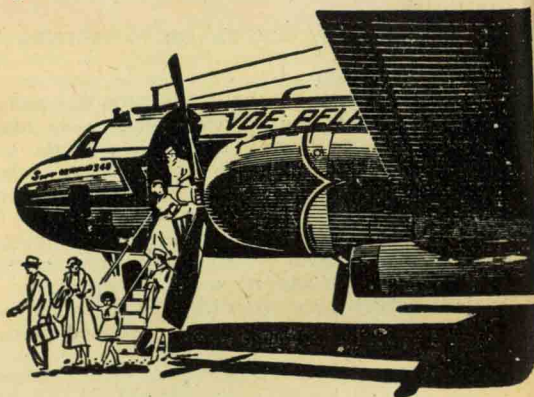
... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de voo. São aviões ultra-modernos que têm:

1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões; 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão; 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos pousos.

Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.



Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife



GIBSON LESSA

**A TERRA TEM A FORMA DE UMA PÊRA** e não, como se vinha supondo, de uma **laranja** achatada nos pólos, concluíram os 30.000 cientistas e técnicos de 66 países que fizeram a cobertura do Ano Geofísico Internacional.

Outra revelação importante: descobriu-se que a Terra, lá pelas alturas de 400 quilômetros, está envolvida por uma faixa **mortífera** de radiação cósmica, mil vezes mais poderosa do que se pensava, o que, desgraçadamente, vem lançar um jato de água fria na fervura do entusiasmo daqueles que, como nós, supunham estar próxima a ida do Homem à Lua e aos planetas vizinhos. Agora, até que se descubra a aparelhagem protetora necessária para furar o raio da faixa...

Outra revelação importantíssima: os oceanógrafos que estudaram o fundo do Pacífico, em frente às costas do Peru, descobriram o antepassado vivo de um **caracol** cuja espécie se julgava extinta há trezentos milhões de anos.

Misera ciência nossa, que não acerta nem mesmo com a idade de um caracol...

## NÃO PODEM PLANTAR BATATAS

Os agricultores de S. Paulo enviaram um memorial ao Presidente da República informando que, por falta de sementes estrangeiras, não podem plantar batatas.

**A ÚLTIMA DE SALVADOR DALI**: obtura uma das narinas com uma azeitona, quando pinta, e não toca nos bigodes:

— Não toco jamais em meus bigodes, quando pinto e, ultimamente, dei para adorar o odor das azeitonas.

**MUITO ESCANDALIZADO**, ante a bagunça nacional, um patriota de Uberaba, desabafou:

— Não tem jeito. O Brasil não tem jeito. O melhor é devolvê-lo a Portugal e pedir desculpas pelo estrago.

**«POR PIOR QUE SEJA** a quadra que estamos atravessando (diz Agrippino Grieco, incorrigível) sempre é melhor do que qualquer quadrinha do acadêmico Ademar Tavares».

**RICO, RIQUESSIMO, PODRE DE RICO** é o norte-americano. Mas inteligente, mesmo, é o francês.

Um exemplo: o telescópio gigante de Monte Palomar, na Califórnia. É um telescópio-monstro, uma maravilha de telescópio, o mais potente do mundo. Com o seu espelho de 5,80 metros, pesando da base à cúpula nada menos de mil toneladas, tem a propriedade-recorde de vasculhar o espaço até a profundidade de dois bilhões de anos-luz e focalizar nada menos de um bilhão de galáxias. Preço: 16 milhões de dólares.

Ora, onde iria a França buscar 16 milhões de dólares para obter um telescópio mais poderoso que o de Monte Palomar? Não buscou. Em vez de usar a bolsa usou a cabeça. Tamanho não é documento, há de ter raciocinado o astro-físico André Lallemant e pondo mãos à obra, graças à

nova técnica eletrônica, construiu um aparelhinho (nada mais que um canudinho de pouco mais ou menos dez centímetros de comprimento), o qual, colocado na ocular do modesto telescópio de 1,93 m do Observatório de Saint-Michel de Provence, capta, amplia e multiplica-lhe a potência de tal forma que a pequena lente de 1,93 m passa a equivaler a um espelho de 10 metros, quase o dobro portanto do telescópio-gigante de Monte Palomar.

Preço da lente do colosso norte-americano: sete milhões de dólares.

Preço do pequenino tubo eletrônico francês: cem mil francos, apenas.

**REMORSO ATÔMICO** — Julgando-se perseguido pelas **almas** dos 100 mil japoneses mortos nos bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki, o major da Aviação Claude R. Eatherly, participante dos raids que, há quatorze anos, torraram vivas aquelas duas populações nipônicas — enlouqueceu. Está internado num hospício, no Texas.

## PRETA VELHA EM TURISMO NA ITALIA

Vesúvio  
meu véio  
que mal te fêz  
Pompéia?

**«TODA A GENTE PERGUNTAVA**: Como será possível suceder a Pio XII, um papa tão aristocrático? João XXIII deu a resposta mais simples: **assim**. E passou a conduzir-se como um pároco de aldeia, um bom padre velhote, que onde põe a mão toca com o coração». (De uma correspondência de Roma).

**BEM FAZ O POETA ROBERT FROST**: «Não acredito, disse ele num programa de televisão em Nova York, que a Humanidade esteja a correr o risco de extinguir-se numa guerra nuclear. Somos **inextinguíveis** — como as moscas e os percevejos. Sempre haverá alguns que sobreviverão em fendas ou frinchas».

**OUTRO, POREM, É O PENSAMENTO** de Jacques Maritain: «Hoje, o demônio combinou tudo de tal modo no regime da vida terrestre que, muito em breve, o mundo não será habitável a não ser pelos santos. Os outros mergulharão no desespero. As antinomias da vida humana se encontram tão exacerbadas, o peso da matéria tão agravado que, simplesmente para existir, somos forçados a nos expor a uma série de ciladas. O heroísmo cristão vai tornar-se a única solução, de tal jeito que veremos coincidir com o pior estado da história humana, uma vasta floração de santidade...»

**SACHA GUITRY**, numa entrevista, pouco antes de morrer:

- Acredita na imortalidade da alma?
- Estou me reservando para a surpresa.
- E na existência de Deus?
- Negar Deus é privar-se do único interesse que a Morte possa ter.



# Roteiro Sobre o Tempo

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Extraída de «Diário de Notícias»

**D**ESTA vez eu o fui visitar.  
— Ai, minha rica madama, que tanto se incomodou comigo! — disse êle, mal avistou a cronista:

— Vim saber notícias. Disseram-me que você estava doente.

— E estou mesmo. Que me incham as pernas, e que me dói o peito. Parece que me torno de chumbo! E' isso. Quando se é moço o corpo é feito asa de pássaro. Fica-se velho, então êle vira chumbo. Têm-se cá dentro do peito a alma com a mesma força que dantes — se duvidar, até mais forte ela se põe! e não juízo muita vontade e projetos... Mas as mãos se nos faltam — as traidoras!

— Bonito discurso, «seu» Manuel. Mas essa doença vai embora logo, quando chegar o sol. E' do reumatismo êsse inchaço. Nem o senhor tem idade para virar «chumbo» e não poder trabalhar!

— Que já a tenho... ai! Já a tenho, minha rica senhora. Estou na idade em que se fica a cismar, em que o pensamento anda ligeiro, mas as pernas vão fracas e vagarosas. Os cabelos se me estão negros, porque não é com a cabeça que eu lido. Cabeças quentes, sim, embranquecem os cabelos!

«Seu» Manuel faz uma pausa:

— Só tenho pena de uma coisa. Já folguei muito, já ganhei muito dinheiro, que passava depressa por êstes dedos. Quando vim para cá, para êste Hotel — quarenta anos faz, em agosto! — reformei por inteiro êste jardim. Eram então a moda os canteirinhos pequeninos, com desenhos caprichosos. Todos os canteiros levavam uma cercadura de um palmo — feita de cimento ou de bonitas pedras. Ao chegar desmanchei tudo, fiz aquêlegramado bem grande na frente, com roseiras, com roseiras-chorão no centro. Para os lados — plantei hortênsias, mais ou menos como se vê hoje. Tudo ficou mais arejado. Agora... estava na hora de nova mudança. Capricham-se os jardins, minha senhora. Há um patricio que não tem mais engenho do que o que eu cá possuo. Tem letras e tem estudos. Pois êle faz uns traços no papel. Põe aqui um

pogo, cercado com pedras lisas. Acolá, põe um tufo de flôres da estação. Amontoa roseiras, palmas, begônias, junto dum muro (diz que na confusão das plantas é que está a sua arte...), mas faz tudo só no desenho. E sabe que o maroto tem cobrado de quinze a vinte contos para fazer êsses projetos?

O Hotel está ficando velho. Dessem-me um jardim novo e êle remoçava, como velhote que casa com rapariga nova. Madama, noites há em que eu sonho fazendo êsse jardim, e então chegam aquêles automóveis carregando gente e mais gente, para ver a maravilha.

«Seu» Manuel emudeceu, depressa. Parece comovido.

— Se Deus quiser ainda hei de ver o seu novo jardim. E muito breve.

O jardineiro desvia o olhar.

— Só pedi a Nossa Senhora de Fátima esta graça: uma estação mais e com saúde! O tempo de plantar de novo, pela última vez. Na minha família são mesmo de fim êstes sinais que trago. Eu cá não me iludo.

\* \* \*

Agora — fechada no meu quarto — onde a chuva de Petrópolis penetra como roupagem úmida, penso no exemplo de «seu» Manuel: — «Mais uma estação; o tempo de plantar.»

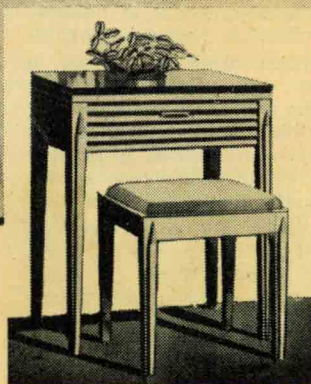
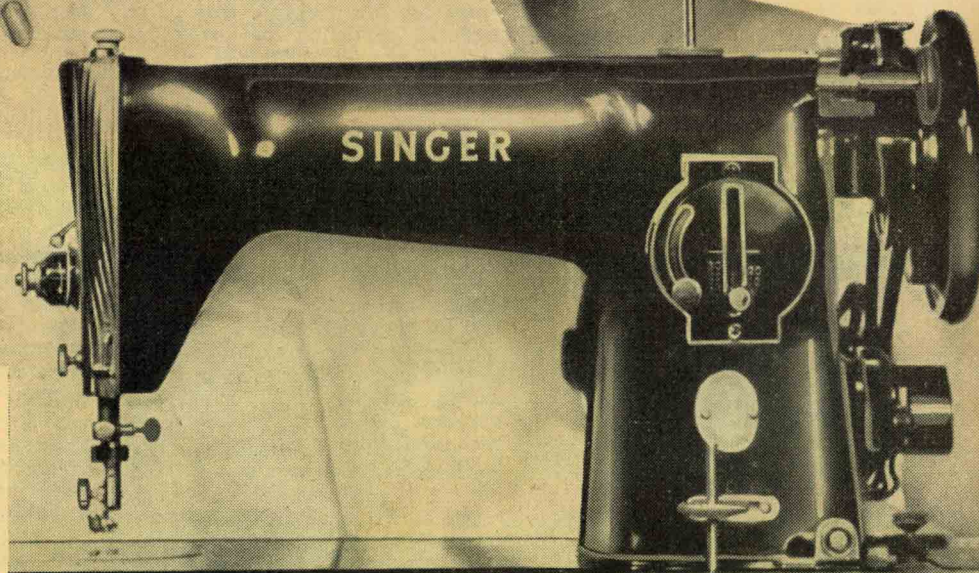
E, de repente, sinto cruamente a noção de que temos uma tarefa, e que é bom que dela se cuide bem cedo, antes que de chumbo se tornem as mãos.





*A Noiva*

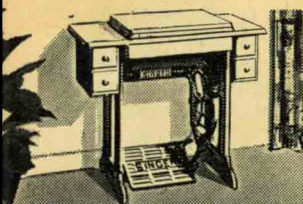
CÔM OS NOSSOS VOTOS  
DE FELICIDADES



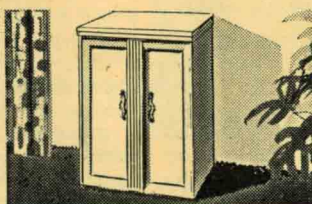
## O nome garante o seu presente!

Uma tradição de mais de 100 anos e a preferência de 150 milhões de compradores — eis as principais razões que fazem de uma Singer o presente útil e de classe. Um presente que oferece mais ainda: assistência técnica para um funcionamento perfeito, continuamente.

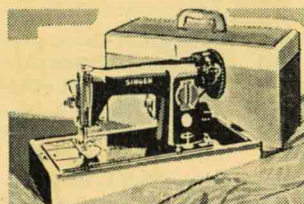
Há uma **SINGER** para cada gosto... para cada orçamento!



**Meio Gabinete N.º 404** — A melhor máquina de pedal que existe. Cabeça 15 C 75, que costura para frente e para trás, instantaneamente.



**Gabinete N.º 451** — Um móvel de dupla utilidade, uma linda peça que se harmoniza com sua mobília. Elétrica ou de pedal.



**Portátil N.º 280** — Permite trabalho cômodo em qualquer lugar. Motor, farol e controle de pé. Maleta moderna e elegante.



...O NOME  
GARANTE  
O PRODUTO

—e  
compramos  
em suaves  
prestações!







Tommaso Ponzi, agora em apuros.

## DETETIVE ITALIANO: DE CAÇADOR A CAÇA

MESES atrás, uma conhecida indústria farmacêutica de Milão, Maggioni, descobriu que alguns traficantes inescrupulosos estavam-se utilizando de rótulos seus a fim de venderem produtos falsificados, como calmantes, cortizona e tônicos para o coração. Procurando dar um fim ao abuso, os dirigentes da companhia entraram em contacto com certa agência particular de investiga-

ções, por nome «Mercury», cujo diretor era o Sr. Tommaso Ponzi. Sem perda de tempo, Ponzi, logo após receber o comunicado, pôs mãos à obra, juntamente com seus trinta e um homens.

Demonstrando ser um detetive de mão cheia, Ponzi não tardou muito a descobrir toda uma rede de falsificadores que, acobertados por marcas alheias, fazia um grande e rendoso comércio. Servindo-se de pequenino microfone, que trazia à guisa de relógio de pulso, gravou conversas mantidas com suspeitos, além de obter telefotos de alguns elementos implicados no negócio, para tanto utilizando-se de câmaras instaladas em binóculos. Na antena de seu carro, improvisou um periscópio que lhe possibilitava espreitar casas e estabelecimentos também suspeitos. Tommaso Ponzi descobriu ainda que não havia apenas uma firma lesada, e, terminado o seu trabalho, dirigiu-se com um dos interessados à Justiça, a fim de expor ao chefe de polícia, Sr. Mario Nardone, os

## PAORAMA DO MUNDO

## SETE HOMENS E UM DESTINO

A GRANDE aventura do espaço — a primeira viagem de um homem à região até hoje somente atingida pelos satélites artificiais — poderá realizar-se em menos tempo do que se imaginava. Sete, dentre os 175 milhões de habitantes dos Estados Unidos, já foram escolhidos para o feito. Dentro de aproximadamente dois anos, um deles será escolhido — provavelmente pela sorte — para verificar pessoalmente, pela primeira vez, se pode o homem ir além da atmosfera, circular em torno da terra à velocidade de 29.000 quilômetros por hora, e voltar

para contar o que viu. Caso sobreviva, os outros seis seguirão o seu rastro; caso aconteça o contrário, restarão seis homens para continuar a aventura.

A primeira viagem do homem ao espaço será uma nova experiência humana, cheia de dificuldades e perigos. Desde o primeiro momento, o arranque do foguete, com a aceleração igual a oito vezes a atração da gravidade, o viajante começará a sofrer fenômenos desconhecidos. Sua respiração tornar-se-á difícil, o coração baterá de modo irregular, os instrumentos diante de seus olhos desaparecerão numa espécie de bruma, seus braços e pernas não poderão mover-se, porque estarão oito vezes mais pesados. Em seguida, seu corpo ficará, de repente, muito leve, porque o foguete acabará de consumir a sua carga propulsora, e então, terá início a sua queda em direção ao centro da terra. Essa queda durará quatro horas e meia, e então, ele não terá mais a sensação de movimento, e, erguendo uma das mãos ou uma perna, verá que ela fica onde parou. A partir desse momento, sua visão voltará, a respiração recuperará o seu ritmo, mas o coração continuará batendo mais depressa, agora, porém, devido à excitação. Raios de sol penetrarão na cabina, e ele poderá enxergá-los, mas não verá o que não fôr atingido por

eles, porque a escuridão será completa. Se olhar para a terra, lá em baixo, conseguirá distinguir os contornos dos continentes.

De repente, nova mudança: ultrapassando a linha do horizonte solar, o satélite onde ele se encontra mergulhará na escuridão total. Tudo em redor será negro e silêncio. Depois, com a mesma rapidez com que desapareceu, voltará a reinar a claridade, e, mais uma vez, sem a transição que conhecemos por crepúsculo, voltará a haver a mais negra treva. Neste ponto, estará o satélite completando a primeira volta em sua órbita, e o viajante ouvirá da terra uma pergunta: estão ele e seu veículo em condições de dar mais uma volta ou duas? Terá de fazer uma série de verificações, valendo-se, inclusive, de informações sobre as suas próprias condições físicas, enviadas da terra, e responderá «sim» ou «não».

As duas voltas serão mais ou menos como a primeira, e afinal, um sinal indicará se o veículo está corretamente dirigido, para que o astronauta possa providenciar a aceleração negativa para voltar à terra. Em seguida, dois foguetes na retaguarda começarão a queimar-se, compensando a velocidade do engenho, que penetrará de novo na atmosfera, com um choque semelhante ao de uma pedra que é atirada à



resultados de suas pesquisas, e denunciar os traficantes.

No entanto, desta vez, embora tudo corresse da melhor forma possível, a caça, como no dito popular, virou mesmo contra o caçador. E o doutor Mario Nardone achou-se, de repente, diante de uma questão singular, talvez a primeira no gênero, durante toda a sua carreira. De fato, viu-se forçado a prender o «detetive particular», Tommaso Ponzi, e a deixar soltos em Milão, apenas comprometidos com uma denúncia, os falsificadores desmascarados por aquele. Mas era o artigo 134 da Lei de Segurança Pública da Itália que falava claro, e Nardone devia fazê-lo respeitar: «Não pode ser concedida licença para operações que importem em exercício de públicas funções ou em diminuição da liberdade individual» — diz o artigo, a propósito de institutos de investigação privada. E Ponzi, conforme as pessoas por ele acusadas sustentaram, tinha contrariado, e muito, estes preceitos.

água. O calor desenvolvido pelo atrito será de várias centenas de graus, mas o homem não o sentirá, devido a uma proteção especial. Pouco depois, um pequeno pára-quadras abrir-se-á, e logo em seguida, um outro maior conduzirá a cápsula espacial, maciamente, até um ponto qualquer do Golfo do México, onde estará à espera um navio da Marinha.

O herói dessa viagem ainda está sendo convenientemente preparado, através de uma série de testes. E um dos sete homens cujos nomes — John Herschel Glenn Jr., Malcom Scott Carpenter, Walter Marty Schirra Jr., Alan Bartlett Shepard Jr., Leroy Gordon Cooper Jr., Virgil Ivan Grisson e Donald Kent Slayton — já se tornaram conhecidos nos Estados Unidos e fora deles. Suas idades vão de 33 a 37 anos, são todos casados e foram escolhidos dentre 56 voluntários. Jornais, revistas e agências de notícias já estão providenciando a aquisição do relato que o primeiro deles deverá fazer de sua experiência, dentro do chamado «Projeto Mercúrio», e os sete astronautas, que têm o espírito de Prometeu, já se comprometeram entre si a dividir, qualquer que seja o escolhido, os lucros obtidos com a venda dos direitos autorais dessa narrativa, que certamente será a da mais espantosa aventura até então vivida pelo homem.

## O FIM DO «GAULEITER»

UM VELHO enfêrmo, que precisava ser carregado, um homem acabado, parecendo já não se interessar nem pela vida nem pela morte — essa a impressão deixada, num tribunal de Varsóvia, durante o estafante processo que terminou com a condenação de Erich Koch, antigo gauleiter nazista da Polônia.

Com efeito, ninguém pôde reconhecer naquela sombra de homem, reduzido a um quase esqueleto de 45 quilos, o ditador que fez tremer e chorar milhões de semelhantes, durante a prolongada ocupação da Polônia pelos alemães. O tribunal o considerou culpado pelo extermínio de 76.000 poloneses e 200.000 judeus, nas províncias de Checanow e Bialistok. Conforme a acusação, Koch teria sido ainda responsável pelo extermínio de quatro milhões de pessoas na Rússia ocidental.

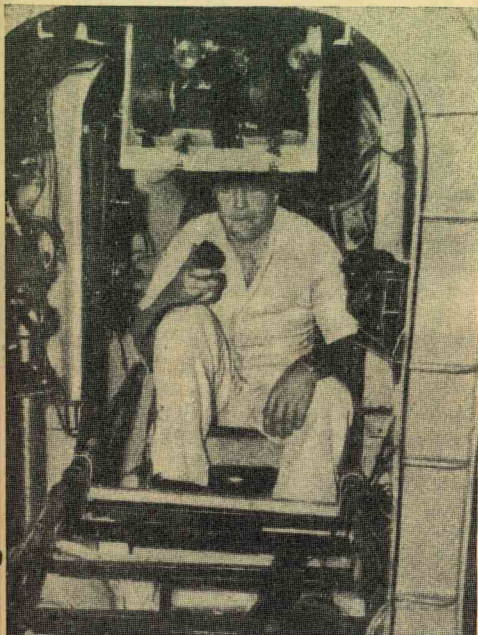
Diante dessas cifras, tão assustadoramente gigantescas, Koch não perdeu a sua indiferença, e indiferente se conservou até o momento em que se anunciou a sua condenação à morte, na fôrca.

Koch, logo após a derrota dos exércitos nazistas, havia procurado fugir, mas fôra capturado pelos homens do serviço secreto inglês, que o entregaram ao governo da Polônia, onde, durante anos, ficou aguardando o julgamento, somente agora consumado. Todavia, a sua defesa interpôs um recurso, logo após a proclamação da sentença, e, com isso, a execução terá de ser adiada por pelo menos um ano. Diante desse fato, poucos são os que acreditam que o antigo terror polonês, nas precaríssimas condições de saúde em que se encontra, possa realmente ser executado; é que, segundo o parecer de vários médicos, ele não viverá tanto tempo.



Durante setenta e nove dias Erick Koch compareceu ao tribunal, onde foram apresentados nada menos de cem depoimentos, pesando 14 quilos.





Numa cabine semelhante a esta, porém mais ampla, Walter M. Moore encerrou-se para morrer.

## «SUICÍDIO ESPACIAL»

**"DECIDI** morrer, mas não confio nas armas de fogo, no veneno, na corda. Se me encontrassem agonizante, poderiam talvez querer salvar-me, e eu não o desejo. Aqui dentro, ninguém me importunará. Tenho no rosto a máscara de oxigênio, e liguei a

bomba de descompressão para a cota simulada de 73 mil pés».

Com essas palavras, inicia-se a carta provavelmente mais original jamais escrita por um suicida. Seu autor foi o técnico fisiólogo Walter M. Moore, da Força Aérea dos Estados Unidos, que trabalhava na base aérea «Davis Monthan», no Arizona. Moore escolheu a mais moderna modalidade de suicídio, por causa da mais antiga das motivações: uma desilusão amorosa.

Naquela base aérea, certa manhã, o sargento William G. Curtiss entrou, como todas as manhãs, no laboratório experimental de voo a altíssima cota, a fim de preparar a cabina de despressurização, para o voo estratosférico simulado. Como de hábito, apertou o botão que faria abrir a porta blindada da cabina, mas esta não abriu. Uma rápida olhada para o painel de instrumentos indicou que, dentro do cubi-

## PANORAMA DO MUNDO

### ELIZABETH AGORA É ELISHEBA

**FORA** de dúvida, o mais famoso e talvez mais bonito bebê nascido ultimamente foi aquele chamado Elisheba Rachel Taylor. Expliquemos: em conformidade com a doutrina judaica, todo convertido é um recém-nascido. E, há poucos dias, a estrela cinematográfica Elizabeth Taylor, contando agora 27 anos de idade, converteu-se àquela religião, adotando, de acordo com a praxe, o nome Elisheba, versão hebraica de Elizabeth, seguido do sobrenome Rachel, sua heroína bíblica

favorita, que foi esposa de Jacó.

Segundo alguns, Liz Taylor, que anteriormente dizia-se cristã, pela primeira vez pensou em adotar a nova fé quando se casara com seu terceiro marido, o falecido Mike Todd, neto de um rabi polonês. Tempos depois, sua amizade com o cantor judeu Eddie Fisher veio, como é natural, fortalecer suas relações com o judaísmo. Passou então a estudar assuntos ligados a esta crença. O



Elisheba Rachel Taylor: Teria comprado por 100.000 dólares a filiação ao judaísmo?

seu passo, como poderia parecer a muitos, não foi assim tão fácil, pois, segundo as palavras frequentemente citadas do rabi Helbo, do 4º século, «os prosélitos são tão pesados para Israel como a lepra». O proselitismo dos judeus é por eles colocado antes como uma questão de raça. O rabi Nusbbaum mandou a atriz ler a Bíblia e uma história dos judeus, além de recomendar-lhe outros livros. Depois, os dois discutiram juntos as antigas tradições e os modernos problemas do povo de Israel. Afinal, segundo o «Observatore Romano», ela pagou cem mil dólares, em bônus do Estado de Israel, e foi assim admitida ao judaísmo.

A cerimônia que marcou o definitivo ingresso de Elizabeth Taylor na nova religião teve lugar numa sinagoga, com a presença de parentes da convertida. Postada em frente da Arca da Aliança aberta e das Tábuas da Lei, respondeu às perguntas rituais proferidas pelo rabi. Entre estas, destacavam-se: «Promete você unir-se com o povo de Israel, sejam quais forem as circunstâncias e condições?»... «Concorda em educar seus futuros filhos de acordo com a fé judaica?»

Finalmente, Elisheba Rachel Taylor repetiu o compromisso: «Eu, por minha livre vontade, busco a comunidade de Israel... Creio que Deus é um só, Todo-Poderoso, Onisciente e Santíssimo...»



culo, existia um vácuo atmosférico quase absoluto, e que a pressão exterior impedia a porta de se abrir. Depois de regular a pressão da cabine com a do ambiente, o sargento repetiu a operação de abertura, e, afinal, a porta se descerrou.

Dentro da cela, de três por seis metros, jazia um corpo humano irreconhecível, de tão inchado e de tão alteradas as suas feições. Só mesmo pela plaquinha de identificação, cosida ao bôlso da camisa, foi possível identificar o morto. Assim, a era da navegação espacial, depois da cadelinha «laika» morta no invólucro do «Sputnik», depois dos ratinhos brancos sacrificados nas ogivas de vários mísseis americanos e na esfera do «Explorer II», fazia a sua primeira vítima humana. Com efeito, Walter M. Moore foi o primeiro «suicida espacial».

Na carta por ele deixada, está

contada boa parte do que lhe ocorreu durante os minutos passados entre o momento em que fechou a porta e aquele em que não pôde mais escrever. «Altímetro a 17.000 metros — continua a narração. — Dentro em pouco, deixarei de escrever, pois não quero escrever coisas idiotas. Espero ainda que o altímetro indique a cota simulada de 22.000 metros para retirar a máscara de oxigênio. Não acreditava, até agora, que tivesse coragem para tanto, mas não fecharei o descompressor. Não consigo mover a cabeça, o ventre me dói, tenho o coração na garganta, não vejo mais... Céu... estrelas, estrelas, céu. Diria...»

Nesse ponto, termina a narrativa. Na página, encontram-se ainda alguns sinais ilegíveis e uma mancha que dissolveu o grafite do lápis. Posteriormente, o exame revelou tratar-se do líquido vazado do globo ocular, que

rebentou por causa da pressão interna. Os mesmos técnicos reconstruíram o que deve ter acontecido a partir do momento em que se interrompeu a breve narrativa: alguns segundos depois de ter parado de escrever, Walter Moore tirou a máscara de oxigênio. O seu sangue, já em estado de semi-ebulição, pôs-se imediatamente a ferver, como acontece com a água a mais de cem graus centígrados. A pressão interna, não compensada pela externa, provocou a explosão dos intestinos, o coração rachou-se como um vaso de porcelana; os pulmões rebentaram como balões cheios de borracha muito cheios. A morte foi instantânea, mas dolorosíssima.

Walter M. Moore, o mais moderno dos suicidas, desertou da vida porque, não obstante suas desesperadas solicitações, Ann Cathryn Bayle, sua ex-noiva, não quisera refazer o noivado.



Serena, dentro de um automóvel, Soraya tenta afastar-se do Hotel, diante do qual verdadeira multidão provoca engarrafamento do trânsito. «Estou pagando com um sorriso o pedágio da tranqüilidade — comentou ela.

OS ESTUDOS de heráldica passaram, desde algum tempo, a figurar entre as preocupações do homem comum dos nossos dias, por força de uma série de romances ou pseudo-romances envolvendo príncipes, princesas, nobres e plebeus, iniciada há poucos anos com o namôro da irmã da rainha

## A PRINCESA E O (QUASE) PLEBEU

da Inglaterra com o aviador Coronel Townsend. Houve, em seguida (entre outros) o caso da princesa Margaretha, da Suécia, que por pouco não se casou com o pianista britânico Robin Douglas-Home (Agora, anuncia-se que o rapaz está para se casar com um jovem «modelo» inglês, a bela Sandra Paul). Poucos meses depois, outro casamento se anunciava, desta vez envolvendo gente de sangue perfeitamente azul: o do Xá Mohamed Rezza Pahlevi com a princesa Maria Gabriela de Savóia. Como de costume, os boatos se misturaram com os fatos, e, afinal, ficou-se sabendo que a princesa não vai casar-se com o Xá do Irã, por motivos de ordem religiosa, aos quais se junta o fato de ter ele quase o dobro da idade da filha do ex-rei italiano.

Para aquela parte da humanidade que se apaixona por casos amorosos dessa ordem, a decisão do «caso» Mohamed-Maria Gabriela foi realmente de entristecer, e a tristeza haveria de perdurar, não fosse acontecer, lá no Japão, o já nupcialmente confirmado romance entre o príncipe Akihito, futuro imperador, e a rica plebéia Michiko Shoda, a revelar que a democratização

da antiga côrte do Sol Nascente é um fato.

Se a seqüência parasse aí, tudo ficaria muito bem, todo mundo respiraria aliviado. Afinal, o impossível havia acontecido. Mas não parou: em dias de março último, a pretexto de renovar seu guarda-roupa, a princesa Soraya desembarcou em Roma, acompanhada de sua mãe. Sua primeira semana em Roma foi uma semana de espera: espera para os fotógrafos e jornalistas, que se plantaram diante do hotel da Via Veneto; espera para os diplomatas iranianos que receberam de Terã ordens para facilitar tudo o que fôsse necessário à ex-imperatriz; espera para os representantes da aristocracia romana, que não quiseram tomar posição antes de ver como andavam as coisas; espera para algumas figuras do Vaticano, que limitaram sua intervenção a conversações privadas; e espera, afinal, para a própria Soraya, de um lado, e o príncipe Raimundo Orsini, de outro.

Da princesa, não é preciso dizer muito para esclarecer quem é; quanto a Orsini, que as moças casadouras de Roma consideram como uma mistura de Apolo com um toureiro espanhol, tem sido, desde os últimos dias do ano passado, freqüente acompanhador da



# RUGÓL

2 cremes em 1

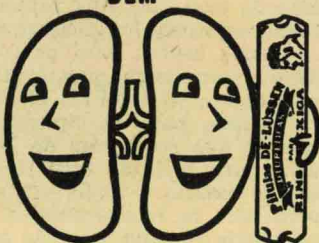
Limpa e embeleza a  
cúti. Dá maravilhosa  
brancura e esplendor de  
juventude.



CREME  
**Rugól**

MANTÉM EM SEGREDO SUA IDADE!

SEUS RINS VÃO MUITO  
BEM



COM AS  
**PILULAS DE-LUSSEN**

A eliminação perfeitamente normal das  
toxinas ou resíduos venenosos e de to-  
das as impurezas do nosso organismo  
constitui regra segura para uma vida  
longa, sadia e feliz.

**PILULAS DE-LUSSEN, DIURÉTICAS,**  
desinflamam, lavam e acalmam os rins e  
bexiga. Eliminam o ácido úrico e com-  
batem dores nas cadeltras, reumatismo  
e irritações das vias urinárias.

**PILULAS  
DE-LUSSEN**



DIURÉTICAS E DESINFLAMANTES

bela Soraya, tendo estado em  
companhia dela em St. Moritz e  
em Mônaco. Os curiosos que acom-  
panham o caso, os quais, para  
não ficar atrasados em relação  
aos fatos, entregam-se à fanta-  
sia quando a realidade é parca de  
notícias, dizem que entre os dois  
já existe uma promessa, que deve  
permanecer secreta até que, em  
Terá, os iranianos resolvam con-  
siderar inválida a cláusula que

impede Soraya de casar-se de  
novo, antes de seu ex-consorte.  
Acrescentam que já se encontra  
em andamento a preparação reli-  
giosa da ex-imperatriz para a  
conversão ao catolicismo, infor-  
mando mesmo que Soraya, na  
clausura forçada do hotel onde  
se encontra, já começou a ler os  
primeiros textos cristãos.

Por último, a princesa fez uma  
visita formal à família do homem

## PANORAMA DO MUNDO

**MUITO** e precioso tempo se  
perdeu, com relação à questão  
de Berlim, enquanto o presidente  
Eisenhower não nomeou Secretá-  
rio de Estado o Sr. Christian  
Herter, para a vaga deixada  
pelo Sr. Foster Dulles (agora  
nomeado Conselheiro Especial da  
Casa Branca, para assuntos de  
política internacional). E o tem-  
po perdeu-se quase todo na mais  
estéril das discussões. Em vez de  
estudar convenientemente o as-  
sunto em causa, os estadistas do  
Occidente, puseram-se a discutir  
a quem caberia a liderança do  
seu bloco, frente ao Kremlin.  
Para o «Times», de Londres, tal  
liderança seria uma prerrogativa  
inegável do Sr. Macmillan, fican-  
do o presidente De Gaulle em se-  
gundo plano. Houve a aventura  
soviética do premier britânico e,  
logo em seguida, disparou a im-  
prensa francesa a reclamar para  
o presidente da Quinta República  
as honras de guiar o Occidente.

Pode admitir-se que, nessas dis-  
cussões, tenham sido postas em  
jogo não simples vaidades pes-  
soais, mas vaidades nacionais.  
Nem por isso, entretanto, a vai-  
dade deixou de prejudicar os tra-  
balhos que diretamente interes-  
savam à solução do problema.  
Porque, na verdade, a necessida-  
de de uma liderança para o bloco  
occidental é e sempre foi um fato,  
mas um fato não sujeito a dis-  
cussões. A situação mundial, pelo  
menos neste particular, é mais do  
que clara: existem hoje, no glo-  
bo, apenas duas grandes potên-  
cias — as duas que possuem ar-  
mas nucleares — e as outras,  
para o assunto de que se está

## A LIDERANÇA DO OCIDENTE

tratando, não têm de ser levadas  
em consideração.

Hoje, as velhas nações da Eu-  
ropa, assim como as demais do  
Occidente, estão para os Estados  
Unidos como estavam para Roma  
os pequenos Estados gregos, após  
o esfacelamento dos exércitos  
macedônios e a definitiva con-  
quista da Grécia, que, com o no-  
me de Acaia, passou à condição  
de província do império (146  
a. C.). Entretanto, nem aquelas  
têm admitido esta situação, es-  
tratificada sobretudo a partir da  
última guerra, nem os Estados  
Unidos têm efetivamente sabido  
dar-se conta da sua importância.  
E, por não se terem dado conta  
dessa situação, de fato, paraliza-  
ram-se, enquanto Dulles, doente  
de câncer, não renunciou ao cargo  
de Secretário de Estado. Enquan-  
to isso, não fizeram nada, en-  
traram em compasso de espera,  
deixando aos soviéticos a mais  
completa liberdade de movimen-  
tos no terreno da diplomacia in-  
ternacional.

Afirmando não estar disposto  
a ceder sequer um milímetro na  
política exterior dos Estados Uni-  
dos, Eisenhower deve ter pensa-  
do que providenciar desde logo a  
substituição de Dulles seria já  
ceder alguma coisa. Agora, pode  
ser que ainda não seja tarde para  
resolver a questão de Berlim a  
modo de conservar os ocidentais  
de cabeça erguida, mas há de ser  
muito mais trabalhoso. «Na guer-  
ra — é velho o ditado — como  
na guerra». E, sendo verdadeiro  
para as guerras sangrentas, é  
vale também para a guerra fria.



que dizem ser seu noivo. Todavia, os círculos do Vaticano e do Irã parecem não acreditar muito nas possibilidades de um casamento. Raimundo Orsini, embora de família nobre, é, pelas condições financeiras, quase um plebeu, e não tem meios para sustentar os gostos, muito caros, de Soraya. E os italianos, que tanto gostam de apostar, apostam mais uma vez, no resultado do romance: haverá ou não haverá casamento?



Segundo a constituição dos Estados Unidos, um expoente do governo que se encontre doente deve ficar no cargo enquanto ele mesmo e os seus colegas não julguem a invalidez prejudicial ao desenvolvimento dos negócios a ele afetos. Daí, a demora na substituição de Dulles.

## JESUS CRISTO E O MUNDO

«Se Jesus Cristo retornasse à terra, o que lhe sucederia?» — Esta pergunta foi, há poucos dias, dirigida a algumas das personalidades mais representativas no campo da arte e da cultura. Carl G. Jung, psicanalista que há anos vive em Zurique, sempre se esquivando de qualquer espécie de entrevista, deu esta resposta tão fatídica quanto real: «Se Cristo reaparecesse no nosso meio, entrevistá-lo-iam, fotografá-lo-iam, televisá-lo-iam, e seu triunfo não duraria mais de um mês. Morreria de fadiga e vergonha, por ver-se tratado trivialmente como um ator, e quase ninguém compreenderia a sua mensagem».

15 DE MAIO DE 1959

# Está na Hora!...



**E O DENTISTA DISSE:**

RECOMENDO COLGATE, QUE É UM CREME DENTAL DE BOA QUALIDADE. E QUE USADO APÓS AS REFEIÇÕES, LIMPA E EMBELEZA OS DENTES, PERFUMA O HÁLITO. E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

O QUE ESSE CUCO INDISCRETO ESTÁ QUERENDO DIZER?

ORA, MÁRIO... VOCÊ NÃO PERCEBE QUE ESTÁ NA HORA DE CONSULTAR O DENTISTA SOBRE... MAU HÁLITO?...

EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS PROVAM QUE, EM 7 ENTRE 10 CASOS, COLGATE ELIMINA INSTANTANEAMENTE O MAU HÁLITO QUE SE ORIGINA NA BÓCA!

FORMIDÁVEL!... COLGATE LIMPA, DEIXANDO OS DENTES ALVOS E BRILHANTES. O HÁLITO PURO E PERFUMADO! E QUE SABOR GOSTOSO TEM COLGATE!

**DEPOIS**

QUASE LEVEI O FÓRA MAS COLGATE AGIU NA HORA!...

Escovar os dentes logo após as refeições com

## CREME DENTAL COLGATE

COMBATE O MAU HÁLITO E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o Creme Dental preferido por milhões de pessoas em todo o mundo!



**COLGATE**  
limpa e embeleza os dentes,  
combate o mau hálito e ajuda  
a evitar a cárie!



COLGATE É O CRIADOR DOS MAIS BELOS SORRISOS!



**N**OSSAS liçõezinhas, que como dissemos, tratarão de etimologia, fonética, prosódia, ortografia e sintaxe de nossa língua e, ainda, incidentemente, de algumas curiosidades correlatas, proporcionarão ensinamentos variadíssimos e preciosos para doutos e indoutos, máxime para estes, que são os que mais precisam de aprender. Trata-se de modesto trabalho, como todos os nossos, destinado a orientar os que ainda não dispõem de amplos conhecimentos do nosso idioma. Procuraremos dar as explicações com a maior clareza possível, com linguagem simples, acessível a todos. Teremos também especial cuidado em apresentar exemplos esclarecedores, a fim de facilitar a compreensão das regras e definições.

Para começar, temos a seguinte consulta de Rói Zambrana, de Belo Horizonte (MG):

"Está corretamente empregado o verbo — *haver* — nas seguintes frases?

1ª — Não *houvemos* a herança às mãos, porém deixamo-la fugir.

2ª — *Houvemos* por bem decretar.

Veio-me a dúvida porque um amigo me afirma que o verbo *haver* é impessoal, ao passo que verifico o contrário nas frases acima citadas.

Muito grato...

Rói Zambrana".

As frases estão ambas corretas. Quanto ao verbo *haver*, é impessoal, sim, na acepção de *existir* e noutras que defluam dessa.

Na de *ter*, que é aquela em que se emprega acima, é pessoal. Quando impessoal, já sabe Rói Zambrana, como toda a gente, que só deve empregar-se no singular.

Para que este problema fique suficientemente solucionado, apresentaremos os casos em que o verbo *haver* é pessoal e os em que é impessoal.

1ª — E' pessoal, tendo o sujeito determinado:

a) — Quando é auxiliar dos tempos compostos, como sinônimo de *ter*: Se não *houvéssemos* presenciado o drama...

b) — Quando é auxiliar nos chamados futuros promissivos: *Hei* de vencer.

c) — Quando significa *possuir*: Nunca *houvestes* alma (Castilho — *Fausto*, 44).

d) — Quando significa *adquirir, alcançar, conquistar, conseguir, obter*: Recebiam-no todos sem lhe perguntar onde *houvera* o dinheiro que lhe dava uma brilhante independência (Camilo — *Vingança*, 69).

e) — Quando significa *julgar*: Se *houverdes* que é fraqueza morrer em tão penoso e triste estado (Camões — ap. Aulete).

f) — Quando, pronominal, significa *portar-se, proceder*: parece que se *houve* nessa ocupação miudamente... (M. de Assis. — *Poesias*, 316).

g) — Quando significa *avir-se, entender-se*: Aquê que sôbre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo se *haverá* (M. Pena — ap. Souza da Silveira — *Lições*, 325).

2ª — E' impessoal, tendo sujeito indeterminado:

a) — Quando significa *existir*: Se não *houvesse* ingratidões, como *haveria* finezas? (Vieira — Ap. M. Maciel — *Gramática*, 392).

b) — Quando significa *acontecer, suceder*: Há casos que podem mais que as leis (Brandão, *Sintaxe*, 192).

c) — Quando significa *passar-se, ter decorrido*: Havia oito ou nove anos que não nos víamos (M. de Assis — *Brás Cuba*, 368). Quando o verbo *haver*, impessoal, vem regido de um auxiliar *deixar, dever, ir, poder*, etc). transmite a êste sua impersonalidade: *Deve haver* grandes perigos na expedição (Brandão — ob. cit., 193).

Consultas para a Caixa Postal 256 — Campinas (SP).

No sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1ª) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2ª) — Motivo e ambiente nacionais.

3ª) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4ª) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5ª) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6ª) — E' permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7ª) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8ª) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

\*\*\*

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil" diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

\*\*\*

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

\*\*\*

## COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir a produção recebida na 1ª quinzena de abril que mereceu aprovação da Comissão Julgadora:

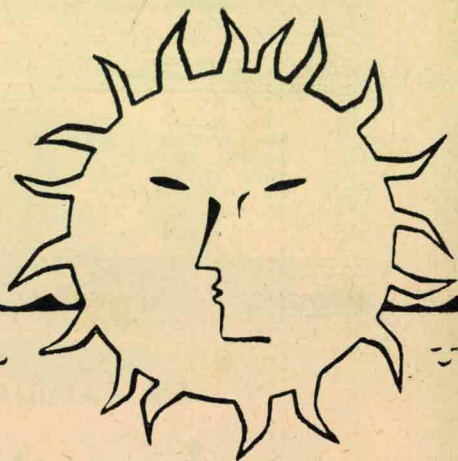
CONTO: "Um Furto", de Samuel Pena Reis.

POESIAS: "Meditação", de Gláucia Maria Leal; "Bailarina" e "Soneto Célebre" (tradução), de Clóvis Ernesto Correia; "Deixa-me Sonhar", de Antônio Zoppi; 4 trovas de Antônio Pereira da Silva e "Pela Estrada da Vida" e 3 trovas de Luiz Otávio.



# FUGA

LEONOR TELLES



**DE** **DESDE** que chegaste, a vida, a natureza. Tudo é uma bênção. Não vês o céu, as estrelas? Tudo parece mais lindo quando olhamos juntos. Vibram harmonias ao redor de nós e... mesmo que tudo ao redor de nós seja murmúrio ou vozerio da multidão... nós estamos além, muito acima de tudo, impregnados de nosso silêncio, de nossa paz!... (Helen Harrison)

**DE** **Paulo Freitas** — Feliz daquele que sofre o mal divino do amor: existe tanta poesia nas quaresmeiras em flor...

**DE** **Euricleides Formiga** — Porque tinha de ser, na estrada rude que perfumaste, ó rosa prometida, reapareceu o sol da juventude, o gosto de cantar de novo a vida. Agasalhado na tua alma, pude reentoar a canção que andou perdida, o sonho bom que revigora e ilude a meiga inspiração adormecida. Andar como ando, em música desfeito, a poesia cantando no meu peito e o teu vulto a acenar-me com uma flor... é a ti que eu devo esta ebbriez fremente, esta ressurreição adolescente, esta alegria de primeiro amor.

**DE** **Gustavo Corção** — Agora eu vejo que é com o amor que a gente conhece as coisas, separando-as, distinguindo-as, mas trazendo-as tôdas unidas e banhadas na mesma atmosfera.

**“TENHO** um amigo!... Doçura de haver encontrado uma alma, onde se aninhar, em meio da tormenta; um abrigo terno e seguro, onde por fim se respira, à espera de que se acalmem as pulsações de um coração ofegante! Não estar mais só, não necessitar de permanecer sempre armado, com os olhos sempre abertos e queimados pelas vigílias até que a fadiga nos entregue ao inimigo! Ter o companheiro querido, em cujas mãos se pôs todo o ser — e que pôs em nossas mãos todo o seu ser! Conhecer a alegria imensa de entregar-se a êle, de sentir que êle possui nossos segredos, que dispõe de nós. Envelhecido, gasto, cansado de carregar durante tantos anos a vida, renascer moço e loução no corpo do amigo, provar com os olhos o mundo renovado, aprender com os sentidos as belas coisas passageiras, gozar com o coração o esplendor de viver.

Mesmo sofrer com êle... Ah! o próprio sofrimento é alegria, contanto que esteja acompanhado! Tenho um amigo! Longe de mim, perto de mim, sempre em mim...» (Romain Rolland)

**DE** **Newton Figueira de Mello** — Morre o corpo. Esvai-se a alma. Fica o amor. Não morre nunca. Não se altera. E' o mesmo sempre, embora surja um dia desbravador, não muda sequer jamais em todo o tempo. E dêste amor se vive e dêste amor se morre, nesta esfera e além mais para onde iremos; aqui, deixamos o mundo que a saúde fere, e para lá conosco, o amor que tivemos. Se amor não fôr o que digo e amar alguém fôr uma aventura de momentos, nada mais, eu não terei amado, não terei ido além. E se essa aventura que concebeis, amantes, fôr para vós amor, e para mim jamais, não tereis sido amados sequer por instantes...

**NENHUMA** porta se abra às palavras sem amor. (Vigil)

**EU** já sabia, então, que não é tudo que o dinheiro pode comprar, e eu ansiava pelos verdadeiros frutos, pelas verdadeiras dádivas da vida. Sempre desejei o amor, amar profundamente, fazer de meu amor o toque mágico que encheria minha vida de alegrias, de felicidade, de trivialidades, de problemas, de sofrimento, mas... de Amor.

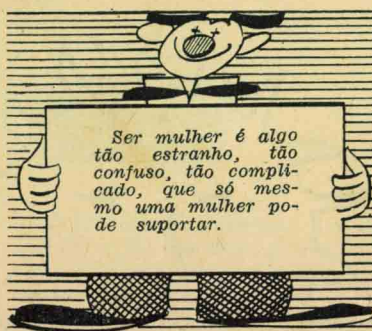
**DE** **Coelho Neto** — Sim, o amor. Dar-se-á o caso de ser mentira tudo quanto dizem do amor? Esses beijos, essas palavras meigas, essas confidências que são enleios d'almas, encontros de espíritos no arroubo, êsses andares lentos desfolhando sonhos, tudo que os outros referem, que os poetas rimam... Será mentira?...

**A** **MAR** é querer, (num grito, numa ríspida aflição), pôr a concha do Infinito na concha do coração... (Marques da Cruz)

**QUANDO** eu não fôr senão sombra perdida entre as sombras da Morte; quando eu fôr pobre recordação esmaecida, um nome numa lápide sem côr; quando estiver parado, já sem vida, meu coração sensível, sofredor, e simplesmente eu fôr asa tangida pelos ventos do Além, rumo ao Senhor: quando eu sair do cárcere terreno e me integrar no Grande Azul sereno — um grão de pó no chão da eternidade — terás um novo amor, nova emoção ou guardarás, fiel, o coração e serás meu ainda na saudade? (Graciette Salmon)

«Vous me parliez d'amour devant la mer profonde...»





Ser mulher é algo  
tão estranho,  
tão confuso, tão compli-  
cado, que só mes-  
mo uma mulher po-  
de suportar.

# Quitandinha

## EM FAMÍLIA



O marido chegou a casa e encontrou o filhinho de seis anos em prantos. Ao vê-lo, a esposa exasperada gritou:

— Já não suporto mais! E' uma teimosia após outra! Está ficando insuportável êsse teu filho!

— Sempre a mesma história — retrucou o marido. — Quando faz teimosia, então é meu filho, né? Mas não chore, filhinho...

Foi aí que o garoto exclamou:

— Ah! papai, se o senhor soubesse como está ficando ranzinza essa sua mulher!

☆☆☆

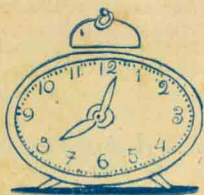
A esposa virou-se furiosa para o marido:

— Então, hein, seu patife, bêbado outra vez, não é? Você não se envergonha?

— Qual o que, mulher — disse êle. — Não estou bêbado. Bebi apenas oito conhaques e assim mesmo foi para eliminar êsse verme maldito que me atormenta...

— Então você tinha necessidade de beber oito conhaques? — perguntou a mulher, espantada.

— Sim, senhora. Por uma questão de segurança. Podia ser que os sete primeiros errassem o caminho, né?



## NA HORA CERTA

— Aqui está um relógio excepcional — dizia o vendedor ao freguês. — Êle nunca precisa de conserto e nem de corda; não tem mostrador e seus ponteiros são invisíveis...

— Mas, então, como é que vou saber das horas? — perguntou o freguês, admirado.

— Ora, isto não é problema — respondeu o vendedor. — Pergunte a um amigo.

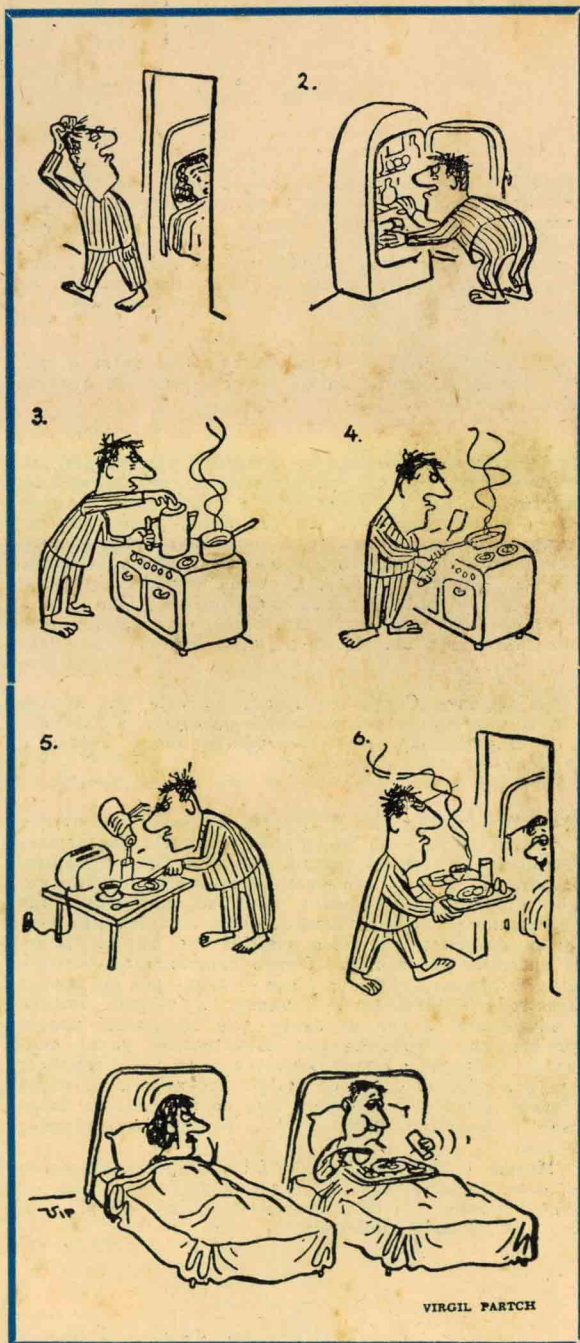
\* \* \*

Olhando para o despertador velho e enferrujado, que o dono do hotel colocara em seu quarto, o hóspede perguntou:

— Será que êsse relógio desperta mesmo?

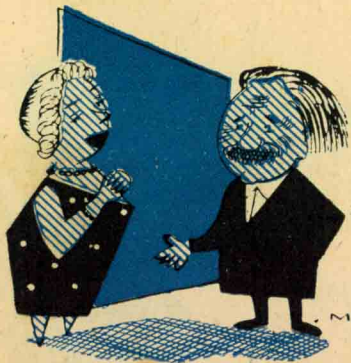
E o hoteleiro:

— Se não despertar, basta o senhor sacudir um pouquinho.



VIRGIL PARTCH





## HUMOR DE SÁBIO

Depois de uma brilhante conferência, na qual expôs algumas de suas teorias, Einstein foi abordado por uma senhorita elegante que fez questão de cumprimentá-lo pessoalmente:

— Gostei imensamente de sua eloquência, professor, mas sou obrigada a confessar que não entendi nada...

— Ora, não se preocupe por isto — replicou o cientista. — Se a senhora tivesse entendido, dava na mesma.



— Uai! O médico não mandou que você fumasse apenas um cigarro por dia?

— Mandou. Eu estou fumando o de 7 de março de 1970.

## CRIANÇAS - PRODÍGIO



— Joãozinho, o que é que você vai ser quando crescer? — perguntou a madrinha ao seu inteligente afilhado.

— Ora, vou ser campeão de futebol, para tornar-me astrônomo.

— Mas por que astrônomo?

— Uai, porque quando o craque dá uma cabeçada de mau jeito na bola, os outros falam que ele vê estrelas...

\* \* \*

— Ah! como eu gostaria de ser girafa — disse o Pedrinho, quando voltou do passeio ao Zoológico.

— Por que, menino? — perguntou a mãe, admirada.

— Ora, assim ninguém alcançaria as minhas orelhas.

\* \* \*

O garotinho chegou com ares aborrecidos junto à ama e disse:

— Vou vender a minha irmãzinha pela metade do preço, isto é por cem cruzeiros.

A ama sorriu e perguntou:

— E o que é que você vai fazer com esse dinheiro?

— Vou comprar um irmãozinho, que é muito melhor.

— Mas, onde vai você encontrá-lo para comprar? — perguntou a ama, intrigada.

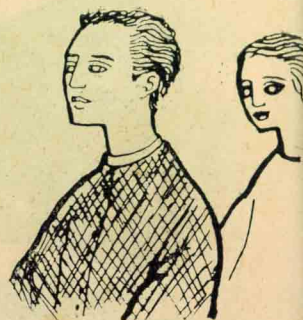
— Ora, no mercado, onde a mamãe comprou a maninha, uai.



Ouvindo seu amigo falar daquele homem que não bebe, não fuma, não joga, não namora e não vai a cinema, mas decidira festejar seu aniversário, perguntou o Joaquim, admirado: — Mas como, rapaz?



O conflito entre o confessorário e o divã do psicanalista é menor do que popularmente se supõe.



## O Que Pensam os Católicos da

**Q**UANDO Sigmund Freud declarou, meio século atrás, que toda religião era uma «neurose obsessiva», uma das mais vivas batalhas do espírito foi iniciada. Qualquer um que simpatizasse vagamente com qualquer religião, imediatamente lançava-se contra o brando neurologista vienense.

O seu maior e mais temível antagonista era a Igreja Católica Romana. Para os católicos, antes de mais nada, a onipresente importância dada por ele aos instintos sexuais infantis do homem tinha o chocante impacto de uma pedra lançada contra as vidraças da janela. Aquêles que não foram francamente injuriados pela revolucionária psicanálise de Freud, fizeram anedotas zombeteiras sobre ela.

Mas nem a injúria nem as anedotas esmagaram a psicanálise. Hoje ela é um ramo legítimo e inseparável da psiquiatria — e esta tem merecido confiança, como uma das mais difíceis tarefas da ciência médica, numa época de crescente doença mental.

O que o católico de hoje pensa da psiquiatria? Alguns a temem. Muitos dela suspeitam. Alguns dão-lhe aprovação parcial. Outros são combativos defensores dela.

Aquêles que temem a psiquiatria ignoram completamente seus propósitos. Aquêles que desconfiam dela pensam que os psiquiatras devem ser homens sem Deus, inclinados a usurpar o poder da Igreja de absolver os pecadores. Aquêles que lhe dão aprovação parcial creem que a psiquiatria pode auxiliar infortunados pacientes anônimos, nas casas de saúde para doentes mentais. E aquêles que a defendem gostariam de ver os padres de todas as paróquias basearem-se inteiramente em seus fundamentos.

Conflitos básicos efetivamente existem entre os católicos e a psiquiatria. Pois que o objetivo da psiquiatria é ensinar as pessoas a se verem objetivamente, e esse objetivo não pode ser conseguido sem auto-avaliação e uma reeducação parcial. No curso deste processo, as pessoas podem vir a duvidar de muitas coisas em que antes acreditavam, inclusive sua crença religiosa.

Além disso, já que o psiquiatra é por profissão e temperamento um cientista, não um moralista, ele pode encarar o problema de um determinado paciente sob um prisma muito diferente daquele em que um padre o encararia. O que é efeito para

o psiquiatra pode ser pecado para um padre e as ocasiões para desentendimento total são muitas.

Espera-se que um católico aceite a idéia da psiquiatria somente quando compreende que ela não constitui ameaça à sua religião. Por que ela não constitui? Porque seus fins são inteiramente diferentes. E nada dramatiza estas diferenças melhor do que os dois símbolos contrastantes — o divã do psicanalista e o confessorário. Quando um católico entra no confessorário, ele deve vir a mortificar-se com os atos maus que conscientemente cometeu desde sua última visita. O padre que o ouve pode ser uma pessoa conhecida ou um completo estranho. Em ambos os casos, o dever do padre é ouvir a confissão, considerar as violações da lei divina e, se convencido de que o pecador está realmente arrependido, conceder-lhe a absolvição. A relação entre padre e pecador é — intencionalmente — impessoal.

Comparada à atmosfera inflexível do confessorário, o divã do psicanalista deve parecer um leito de rosas. O paciente pode revelar qualquer transgressão moral que queira, confiante de que não será recompensado nem punido. Pois, enquanto o padre é uma voz impessoal, equilibradamente julgando o procedimento moral detrás de uma parede de tela, o psicanalista serve como confidente que não faz julgamentos morais.

Os medos paralizantes e os efeitos mórbidos que são laboriosamente trazidos à luz no divã do psicanalista jamais chegariam aos ouvidos de um padre no confessorário. Ainda que chegassem, o padre seria incapaz de fazer face a eles. Pois os problemas de um neurótico não se originam de pecados conscientes. Eles estão profundamente ocultos no inconsciente. E' trabalho do psicanalista auxiliar o neurótico a trazer à superfície lesões emocionais não cicatrizadas, de forma que o próprio paciente possa ver que o seu atual procedimento irracional está baseado em choques emocionais que ele pensou que esquecera. A psicanálise provou repetidas vezes que uma pessoa que sofreu grandes choques emocionais na infância pratica atos hostis e repreensíveis sem a mais leve noção do motivo pelo qual assim age.

Um homem que obedece a uma coerção de conquistar numerosas mulheres, por exemplo, viola flagrantemente não só a lei de Deus como também regras comuns de procedimento decente. A





# Psiquiatria

visita a um confessorário, todavia, raramente curará tal coerção. Ele está mentalmente enfêrmo, e poderá tornar-se uma pessoa responsável sômente quando a fonte de sua enfermidade fôr descoberta. No divã do psicanalista, êle poderá verificar que o seu desdém físico por tôdas as mulheres remonta a uma chocante experiência da infância, talvez há muito esquecida por seu consciente, mas ainda atuante. Pode, por exemplo, ter interpretado em sua mente de criança um ato de sua mãe como uma rejeição total de si próprio. Assim, embora a nenhum choque isolado seja possível criar um estado neurótico, o adulto busca reconquistar o amor de sua mãe conquistando tôda mulher que encontra.

O paciente espera ser punido, pois que a intrincada estrutura neurótica que construiu repousa num sentimento de culpa. Assegurando-lhe que juntos encontrarão as causas de sua doença, o psicanalista tenta obter a confiança do paciente. Juntos, examinarão pensamentos passados, atos e até sonhos, como valiosos indícios — nunca como pecados.

A despeito de acirrados conflitos em áreas específicas, a psiquiatria e o Catolicismo estão aprendendo, de forma bastante surpreendente, a viver juntos. O Papa Pio XII expressou-lhe sua aprovação várias vezes. A sua mais ampla declaração sobre a posição oficial do Catolicismo foi dada há quase cinco anos, quando declarou que êste setor médico «é capaz de obter preciosos resultados para a medicina, para o conhecimento da alma em geral, para as tendências religiosas dos homens e para o desenvolvimento das mesmas».

Em um discurso, um ano antes, o Papa referiu-se explicitamente à psicanálise e fez objeções sômente ao «método pan-sexual de uma determinada escola de psicanálise». O «método pan-sexual» aparentemente se aplicaria à primitiva ênfase freudiana aos instintos sexuais infantis, com exclusão de tudo mais. Implicitamente, ela negava que os impulsos básicos do homem incluíssem dons que o fizessem superior aos animais. Freud nunca realmente equiparou o homem aos outros animais, nem isto faz qualquer psicanalista, atualmente. Alguns católicos interpretaram a declaração do Papa como uma condenação à psicologia freudiana «ortodoxa» dos dias presentes.

Uma bem definida maioria de psiquiatras cató-

(Conclui na pag. 72)



Devolve à  
sua pele aquela  
orvalhada suavidade  
que você julgava  
perdida.

Penetra... suavizando e restaurando.

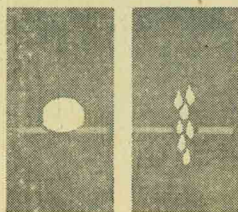
## Agora, com lanolina UMEDECIDA

Restaura a umidade interna  
necessária à pele e os pre-  
ciosos óleos suavizadores

Riquíssimo em lanolina homogeneizada *umedecida*, o Creme S Pond's para Pele Sêca dá à pele não apenas o óleo e a umidade de que ela necessita, mas também aquele frescor perdido. A pele perde, cada dia e cada ano, uma parte dos óleos naturais suavizadores e de sua umidade interior. E entre os 25 e os 40 anos, essa perda pode ser até de 20%.

O Creme S Pond's para Pele Sêca penetra profundamente, impedindo o ressecamento, suavizando, devolvendo-lhe aquela aparência de frescor, orgulho dos seus 20 anos!

Conheça, você também, os maravilhosos resultados do Creme S Pond's para Pele Sêca, esta noite mesmo. E compreenderá porque as mulheres mais lindas do mundo preferem Pond's.



A lanolina comum penetra lentamente nos poros. E apenas superficialmente.

A lanolina umedecida penetra instantaneamente, de fato enriquece a cutis.

## CREME S POND'S PARA PELE SÊCA

O que o orvalho faz pela rosa, o Creme S Pond's faz por sua pele.





**M**INHA mãe, com um gesto, prometeu-me uma surra, ajuntando :

— Aonde já se viu comer desta maneira ? Parece um porco !

Larguei o prato e amuei-me num canto. Meu pai entrou pela porta da cozinha e, vendo-me daquele jeito, inteirou-se do que acontecera. Achou uma solução. Caso contrário, o episódio terminaria, como de outras vezes, em tapas e lágrimas :

— Os periquitos estão acabando com as goiabas. Derrubam as verdes e furam as maduras...

E olhando-me de soslaio :

— Não sei para que existe estilingue neste mundo...

Não disse nada. Retirei o estilingue de dentro de uma capanga, dependurada no portal e saí para o quintal.

Minha mãe protestou junto a papai :

— Você dá asa demais a êste menino. Está ficando impossível !

Foi-me difícil encontrar algo para atirar. Não havia pedras no lugar. Ao passar debaixo de uma laranjeira, encontrei uma laranjinha que o vento havia derrubado. Olhei para trás, procurando meu pai. Estava na porta, o corpo enorme enchendo o vão e os cabelos brancos faziam contraste com a parede escura da cozinha.

Abaixei o corpo e saí andando quase agachado, rumo à goiabeira, num cuidado excessivo. Era um caçador e, certamente, os caçadores agiam daquela maneira. Olhei disfarçadamente para trás, a fim de observar, no rosto do velho, a impressão que minha atitude lhe causava. Não estava mais lá. Aprumei o corpo e andei normalmente, desiludido. Já estava debaixo da goiabeira.

De início, nada vi; mas sentia que os periquitos estavam ali. Fiquei quietinho, os olhos fixos nas folhas verdes, a respiração vagarosa e as mãos preparadas para

Para seu coração  
de criança a avezinha  
era como  
uma criatura querida.



esticar as gomas e arremessar a bolota. Nada. Estavam ali, misturados com as folhas, pois que ouvia o estalar de seus bicos estragando as frutas verdes e a queda dos resíduos nas folhas secas.

Depois vi uma cabecinha verde com pintas vermelhas. Os olhinhos pretos e espantados, observavam-me. Estiquei as borrachas, soltei a bolota e, para surpresa minha, havia acertado. O periquito desceu da árvore aos gritos e trambolhões. Agarrei-o pelo rabo e corri para dentro. Gritei meu pai. Estava na sala, conversando com o Chico Elias. Atravessei a cozinha e Teodora, a empregada, esconjurou-se :

— Cruz credo ! Que maldade ! Que judiação com o pobre do passarinho !

Não importei e fui à sala. Coloquei-o no assoalho e contei a meu pai como acontecera. O bichinho arfava e a respiração apressada era acompanhada de pequenos chilros angustiados.

Observei Chico Elias que, enquanto incendiava a binga com as faíscas da pedra batida pelo fuzil, explicava que aquela qualidade de periquitos aprendia a falar. Alongou-se e meu pai interrompeu :

— Corra e vá pôr água na cabeça dêle. Depressa, senão êle morre.

Saí disparado rumo ao rêgo d'água. Molhei a cabeça e todo o corpo do passarinho. Sentiu-se melhor. A respiração tornou-se normal e ameaçou-me com o bico. Entre o receio de ser bicado e o medo de que êle voasse, pus-me a gritar por papai.

Teodora pensou que o passarinho me houvesse bicado e comentou com vivo prazer :

— Bem feito ! Quem mandou você judiar do inocente !

Meu pai chegou apressado com uma gaiola vazia e colocou dentro o periquito, que saiu trepando pelas grades de arame.

Pulei de satisfação em torno de Teodora, mostrando-lhe os dedos perfeitos e dando gargalhadas de alegria. A preta escondeu sua decepção com um muxôxo, enquanto o braço se alongava, procurando aplicar-me um beliscão.

Depois colocamos água e comida na gaiola. Meu pai explicou-me o procedimento que deveríamos aplicar ao passarinho : uns três dias na gaiola, até acostumar-se; depois êle arranjaria uma gaiola própria para papagaios e uma correntinha para prendê-lo.

Uma manhã, cheguei da escola e meu pai havia arranjado tudo. Almocei depressa e declarei-me pronto para ajudá-lo. Antes de tirar o periquito da gaiola, aparamos-lhe a asinha. Depois, deixamos que êle andasse pelo terreiro, os passos trôpegos, entre as galinhas curiosas. Para agarrá-lo novamente foi necessário envolvê-lo com um pano. Meu pai pegou-lhe a perna, prendendo-a numa correntinha.

A nova gaiola que meu pai comprou, consistia numa tábua com um poleiro fincado ao meio e uma pequena lata vazia pregada num canto, onde seria colocada a comida.

Quando ainda bravo, logo que a gente se aproximava, o periquitinho tentava voar e ficava dependurado pela corrente. Cansava-se daquela posição e, com o auxílio do bico, subia para o poleiro.

Acostumou-se aos poucos e, meses depois, já me chamava pelo nome.

Para as visitas minha mãe tinha uma explicação :

— Só fala o nome dêle ! Também é muito travesso e a gente grita o nome dêle o dia inteiro. Por isso o bichinho aprendeu.

Lançava-me um olhar de ternura e carinho, que desaparecia com as visitas :

— A primeira vez que vier visita aqui em casa e você ficar entrando na conversa da gente, você vai ver !

O periquito fazia parte de nossa vida :

— Vá botar água para o periquitinho que êle está com sede.

— Já pôs comida para êle ?

— Vá botar pra dentro senão o gato come êle de noite.

— Olha, tinha um gato prêto negaceando o periquito. Tome cuidado !

O periquitinho amou-se e não quis comer. A cabecinha pintada de vermelho mergulhou-se debaixo da asa, as penas arrepiadas.

Meu pai afirmou que não era nada.

— Está mudando de pena. E' assim mesmo.

Resolvemos livrá-lo da corrente, que lhe apertava a perna um pouquinho. Ele deixou-se desvencilhar com paciência. Depois pôs a cabeça sob a asa novamente.

Teodora afirmou categórica :

— Isto é quebranto. Todo mundo que vem aqui acha êle bonitinho. Botaram quebranto nêle. E' preciso levar pra benzer. A Tiana benze.

Carreguei-o com cuidado até à casa da Tiana. A velha foi ao quintal, apanhou três raminhos de mentrasto, movimentou os lábios enquanto passava os ramos sobre o corpo do bichinho. Antes de sair perguntei :

— Quanto é, Tiana ?

Ela respondeu-me com sorriso nos lábios murchos :

— Não pode perguntar não. Senão não sara.

— Eu não sabia...

— Não faz mal, não. Vai ficar bom !

— Então, obrigado.

— Não pode agradecer também não.

Saí apressado, com medo de atrapalhar a benzeção. Na porta da sala, disse-lhe timidamente :

— Depois eu trago umas mangas para a senhora, viu ?

— Sim ! Agora você chega em casa, bota êle dentro do pilão e cobre com uma peneira. Amanhã está bom.

CONTO DE ANTÔNIO ARAÚJO

Ilust. de Eduardo de Paiva

# O MENINO E O PERIQUITO

PREMIADO NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»



Executei as ordens da melhor maneira possível.

Antes do jantar, houve uma pequena rusga. Teodora queria por toda forma utilizar o pilão para socar uma paçoca.

— Não. Tem de ser hoje! Senão esta carne acaba não prestando mais. Hoje tem pouca mistura. Depois você põe ele lá de novo.

Após alguns protestos inúteis, gritei meu pai. Minha mãe escutou a discussão e veio. Olhou o bichinho e decidiu-se a meu favor:

— Deixa esse enjoado, Teodora. Faz a paçoca amanhã.

Ao escurecer, perguntei a meu pai se seria necessário botar o pilão dentro de casa.

— Não! Você coloca umas pedras a fim de segurar a peneira. Assim não tem perigo do gato comer.

O periquito ficou lá, quietinho, a cabecinha debaixo da asa, as penas arrepiadas.

No outro dia acordei cedo, pullei da cama e corri ao quintal. Suspendi a peneira e o periquito estava rígido, as penas em desarranjo, o bico um pouco aberto.

Voltei soluçando, atravessei a cozinha e fui para meu quarto. Papai dizia a mamãe:



— Não falei que ele morria? Foi o efeito da pancada.

Teodora aproximou-se com voz macia:

— E' preciso enterrar o coitadinho. Eu te ajudo.

la ser enterrado ao pé de uma paineira no fundo de nosso quintal. Teodora deu uma pancada firme com a enxada abrindo uma pequena cova. Coloquei o cadáver dentro, as perninhas para cima, os dedinhos fechados, duros... Olhei para trás. Meu pai estava de pé, as mãos no bolso e olhava-nos sério. Ao aproximar-me, colocou a mão em minha cabeça e disse:

— Falei com o Chico Elias. Quando fôr época de filhotes de papagaio, ele vai trazer um para nós. Pegados com pedra assim, acabam morrendo. E papagaio é muito melhor. Aprende a falar mais depressa.

Chegamos à cozinha, assentei-me num tamborete e o choro me veio macio, sem arrancos. Minha mãe olhou-me com candura e suas palavras saíram pontilhadas por leve suspiro:

— Deixa disso, menino. Guarda este choro para quando começar a morrer gente...

Olhou pela janela a umbeleira carregada de flores amarelas, que se desprendiam com o vento e caíam executando voltas. E terminou a frase:

— O que não tardará muito tempo.

---

## Jean Servais, da Ribalta Para o Cinema

*Conclusão da pag. 84*

tacar "La Répertition", de Jean Anouilh, e "Les Hommes Disposent", de Cronin.

Mas Jean Servais não é somente um ator de cinema e teatro de fama internacional. Ele é também desportista de grandes méritos, apreciador de armas de fogo, as

quais maneja com absoluta habilidade, na tela e fora dela, como se pode observar nas fotos tiradas num "stand" de tiro, e numa loja de armas de Paris.

O Brasil já o conhece pessoalmente, pois como se recordam, Servais já esteve entre nós, in-

tegrando uma delegação da Unifrance Films que passou pelo Rio em setembro de 1957, a caminho de Lima. Servais é uma figura agradável, irradia simpatia a todos que o cercam, é um camaradão, tem sempre uma "blague" para contar.

---

## Estrêlas Governam a Alta Finança

HAVERIA de parecer impossível que, no mundo dos negócios, onde tudo se faz na base do cálculo e da técnica, houvesse lugar para o ocultismo; pois há, e a melhor prova disso é dado pela Sr<sup>a</sup> Katina Theodossiu. Katina tem 42 anos, é de sangue greco-inglês e dedica-se a um dos, sem dúvida, mais singulares mistérios do mundo: é conselheira dos grandes homens de negócios, não à base de rigorosas pesquisas de mercado ou de uma genial intuição político-econômica, mas nada menos que da influência dos astros.

A maneira pela qual ela se entregou a essa atividade é simples: tendo ficado cega quando colaborava nas páginas de horóscopos de um semanário inglês, ela resolveu continuar em seu trabalho, transformando-o, porém. O mais estranho, contudo, é que ela tenha conseguido fazer-se acreditar, e que, como o provam os fatos, os seus conselhos sempre dão o esperado resultado.

No seu trabalho, Katina recusa toda aparência de tenebrosa bruxaria, mas, pelo contrário, apresenta-se nos encontros marcados com os grandes homens de negócio como se fôsse uma pessoa especializada no assunto a ser discutido. Em poucos minutos, anota o «quadro clínico» da empresa, com a data de sua fundação e, naturalmente, a do nascimento do interessado, além disso, procura saber se a empresa passou por períodos de dificuldades econômicas, se o homem esteve doente, se houve fusão com outra empresa, se o cliente se casou (e quando), pergunta pela formação de sociedades menores, pelo nascimento de filhos, e mais alguns dados que possam interessar ao seu estudo.

Humanizada assim a sociedade que tem necessidade do seu parecer, Katina estuda as conjunturas astrais e emite o responso — oráculo moderno que se interessa particularmente pelas bolsas e pelas divisas estrangeiras.



## Esgrima Versus Loucura

AINDA que possa parecer incrível aos olhos de alguém, a verdade é que a esgrima constitui um dos mais recentes métodos de cura, adotados em muitos hospitais psiquiátricos dos Estados Unidos e, segundo o testemunho de eminentes médicos, tem-se revelado extremamente benéfico em muitos casos.

Justificando o seu emprego na terapêutica das doenças mentais, o diretor do «King Park State Hospital», de Long Island, pelo qual já passaram cerca de oito mil pacientes, afirmou que a esgrima é um esporte que exige uma certa dose de imaginação que corresponde à necessidade de algumas descobertas e, ao mesmo tempo, desenvolve a agilidade, a coordenação de movimentos, o equilíbrio e a presteza. Além disto, dizem os entendidos que a esgrima serve também como um desabafo às tendências agressivas, tão comuns a muitos doentes mentais.

Um dos instrutores, que há cerca de um ano, terça armas com os internos do «King Park», tem o cuidado de providenciar para que os alunos e mestres façam uso constante das máscaras, dos casacos de proteção, e de espadas, floretes e sabres com a ponta coberta, a fim de impedir que o excessivo entusiasmo durante os treinamentos tenha consequências lamentáveis. E o que se sabe é que este novíssimo sistema curativo introduzido pelos psiquiatras norte-americanos tem de fato alcançado os seus resultados efetivos.

## Seguro Contra Furto

Os detentos do presídio de Langholm, situado perto de Estocolmo (Suécia) manifestaram-se muito agradecidos à notável pianista sueca, Emma Tholuck, que, depois de dar um concerto para eles, ofereceu-lhes uma «apólice de seguro contra o furto», documento segundo o qual eles se comprometem a não roubar nem mesmo um lenço de quem quer que seja. A pianista aconselhou-os a colocar o documento bem à vista, nos seus aposentos, de modo que possa ser visto e respeitado por todos.

## TAPÊTE MÁGICO

## TÓQUIO — a cidade mais populosa do mundo

**C**HEGANDO à grande capital japonesa por mar, o viajante estrangeiro, provavelmente, descerá no porto de Yokohama, que é o mais importante do Japão e está na linha dos primeiros do mundo. Esse porto forma com Tóquio uma aglomeração de mais de doze milhões de habitantes, o que garante à cidade o primeiro lugar em população.

Desembarcando na estação central, depois de andar durante 25 minutos de trem elétrico, o visitante tem a impressão de se encontrar em uma desconhecida cidade da Europa, tal o espetáculo que se lhe apresenta e que nada tem de oriental: os edifícios do Marounouchi, o bairro dos negócios da capital, erguem o seu corpo sólido e compacto para o céu, enquanto, pelas grandes avenidas que os circundam, trafega uma quantidade impressionante de automóveis. Mas basta que se observe um pouco mais, para se aperceber de que se encontra em um mundo inteiramente novo, cercado de pequenas criaturas que se comprimem, mas que estão sempre sorridentes.

O povo japonês é conhecido como um povo extremamente educado e polido. Entretanto, nas ruas, nas estações, nas grandes lojas, se é acotovelado, pisado e impressado, sem que ninguém peça a menor desculpa. Aliás, nos lugares públicos, os japoneses conduzem-se exatamente como uma bola de bilhar. Por acaso, alguém já viu uma bolinha dessas interromper a sua marcha, depois de ter-se chocado com outra, somente para lhe pedir desculpas? Bem, talvez, tal atitude dos japoneses seja consequência da grande falta de transporte que se verifica na capital, cuja população é cada vez mais crescente.

Todavia, que diferença, quando se penetra (sem sapatos) em uma casa de família! O visitante é saudado cortêsmente pelo hospedeiro, que se curva até o chão, umas cinco ou seis vezes, desejando-lhe as boas-vindas. Depois dêsse cerimonial, é conduzido para uma sala comum, recoberta de esteiras, devendo sentar-se no chão, uma vez que todo o seu mobiliário se resume em uma mesa muito baixa, que dificulta a acomodação das pernas do visitante. Imediatamente, é-lhe servido o tradicional chá verde, sem açúcar, mas acompanhado por um bolinho típico do País. E, enquanto engole o seu primeiro «o tchá», talvez com certa dificuldade, é cumulado de gentilezas e amenidades pelos donos da casa.

Ao lado dos centros comerciais e industriais, que se apresentam num desenvolvimento constante, Tóquio ainda oferece aos seus visitantes inúmeros lugares verdadeiramente encantadores, tais como os arredores do palácio imperial, o Templo Meiji, os belos jardins do Ueno e muitos outros.

Depois de se passar algum tempo em tão acolhedora cidade, torna-se um imperativo amá-la, bem como ao seu dinâmico e honesto povo, que pelo seu trabalho e por causa do grande senso de dever de que é dotado, tem feito do Japão a primeira nação da Ásia, além de lhe assegurar um lugar de destaque entre as mais adiantadas nações do mundo. — Gilbert E. G. Bertrand.



Rodeado por frondosas árvores, aqui está o templo Meiji, dos japoneses.





Grandes caixas são indispensáveis para manter o ritmo.



NA época do carnaval, perdendo-se pela noite nas tortuosas ruas de Ouro Preto, sons inesperados podem ser ouvidos, contrastando, pelo seu ritmo batido e cadenciado, com a grave austeridade daquelas fachadas coloniais, com o solene recato das tradicionais solenidades da Semana Santa, ali anualmente realizadas. Dir-se-ia que aquele ritmo bárbaro profana a placidez do luar e o lirismo ingênuo da encantada cidade. Barulho surdo de caixas e bumbos continuado ruir de tambores e taróis: tudo aquilo é o "Zé Pereira".

Porque em Ouro Preto, como não poderia deixar de ser, o Carnaval não perdeu o seu cunho conservador e, em vez do louco fervilhar de lança-perfumes e serpentinhas comumente usadas, a tristeza é espantada de seus becos e vielas por meio de um personíssimo folguedo popular de rua.

Por volta de 1850, foi a vetusta Vila Rica surpreendida, pela primeira vez, com o estranho bater de caixas secundadas por enormes "surdos" e de toda uma série

(Continua na pag. 28)

O porta-estandarte.





O presidente dos «Lacaíos» dá o toque de marcha à frente.

Ouro Preto não tem só Semana Santa

# BIOGRAFIA DO «ZÉ PEREIRA»

*Reportagem de Aristides Roriz*





## BIOGRAFIA

### DO «ZÉ PEREIRA»

#### Continuação

de instrumentos de percussão. O préstito denominava-se «Zé Pereira». O ritmo, bem marcado, obedecia a três distintos tempos: um para locais planos, um para ladeiras e, finalmente, outro para descidas. Isto, a fim de seus componentes não se cansarem demasiado, ao percorrer a irregular geografia da cidade.

As origens do «Zé Pereira» remontam ao século passado, quando, no antigo Largo do Paço, hoje Praça Quinze, Rio, morava um gordo comerciante português, por nome José Pereira. Segundo os entendidos, o homem era amante da alegria e do entrudo, embora se apoquentasse com as suas vicissitudes, ou seja, os desconfortos banhos de água colorida, os limões de cheiro, etc. Para se livrar e à sua família desses incômodos, José Pereira idealizou e realizou um curioso desfile, acompanhado de sua imensa prole, toda fantasiada e tocando instrumentos de percussão, mas livres dos banhos. E, nos anos seguintes, continuou fazendo a mesma coisa, saindo às ruas e divertindo os cariocas.

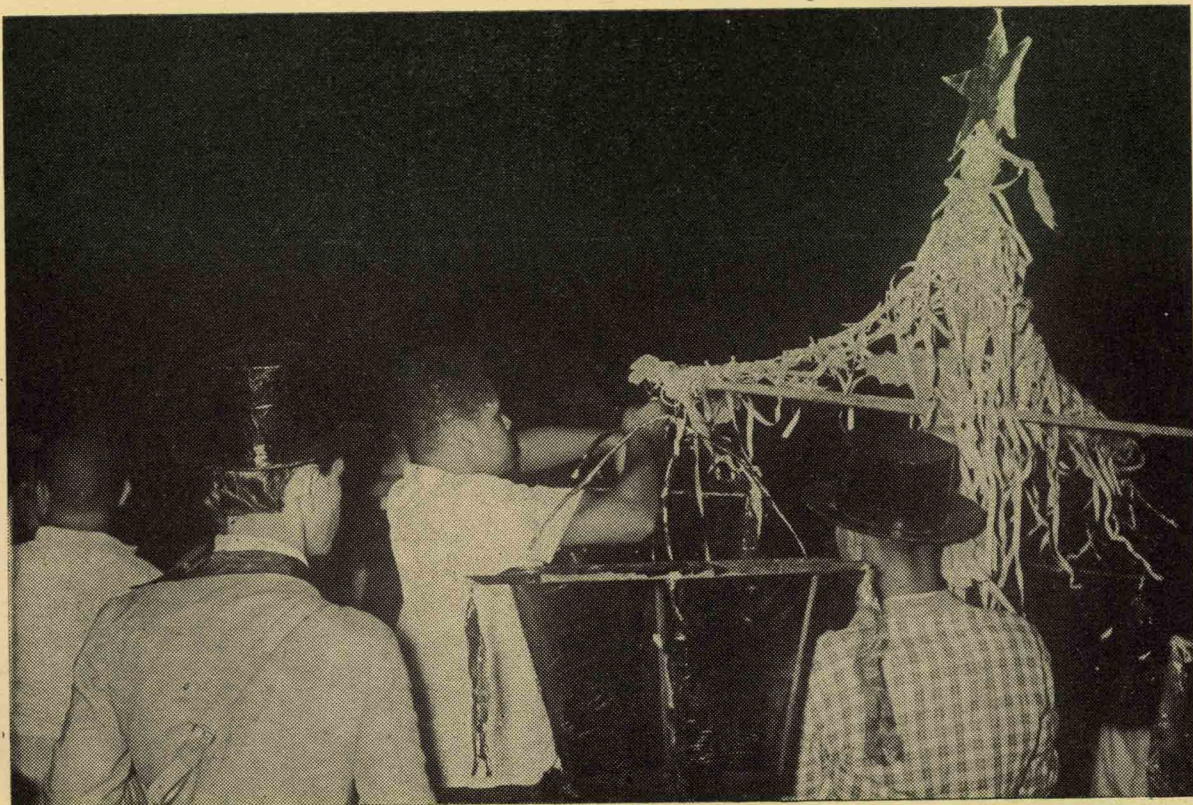
Transplantado do Rio, o «Zé Pereira» foi instituído em Vila Rica pelos antigos guardas do Palácio dos Governadores, cujo «bloco» foi logo apelidado de «Lacaio». Este grupo primitivo resultou, depois, no «Clube dos Lacaio» que, afinal, não era composto só de lacaio, mas ainda de pessoas da fina flor da sociedade. Até mesmo o prefeito lá estava, de sobrecasaca engomada e cartola, além de vários professores da Escola de Minas.

Turistas e outras pessoas, que fogem de terras mais agitadas para admirar a Cidade Monumento, ficam surpresos ao deparar com a «mixórdia» de «capetas», «ca-



À frente do «Zé Pereira», a garotada de Ouro Preto goza as proezas dos «Cariás». \* A festa desperta o maior interesse e o povo enche as ruas da cidade.





A preparação da gambiarra demanda muitos cuidados e o desfile não pode apresentar uma só nota dissonante.

beções" e "catitões", trajados fantásticamente de vermelho e preto, a espetar os incautos e distraídos passantes, com suas lanças pontiagudas, na balbúrdia do "Zé Pereira".

O "Zé Pereira", vindo do Rio para Vila Rica, sofreu, com o correr do tempo, diversas modificações, contando hoje com outros instrumentos que não eram usados antigamente. Assim, para anunciar o início da folia, lá estão os clarins que, em número de cinco, dão a ordem para o "bataque" começar. Feito isso, os tambores tocam a rufar e os cinquenta componentes do conjunto iniciam o curioso desfile. Com suas vestimentas características, represen-



O rei dos «Cariás» sorri.





A turma do ritmo vai «puxando» o desfile.

## BIOGRAFIA DO



Enquanto não se ouve o toque de reunir, os «Cariás» confabulam nos bastidores.



tadas por fraques ora azuis, vermelhos ou brancos, enfeitados com gravatas borboletas, os «Lacaí» desfilam garbosamente em colunas por três, ostentando grandes cartolas, e com as extremidades do «rancho» guarnecidas por lanternas de estilo colonial. Ao centro vai a gambiarra: quatro lanternas, exóticamente ornamentadas

O carro alegórico.



O «catitão», figura tradicional do «Zé Pereira» de Ouro Preto.

## «ZÉ PEREIRA»

Continuação



com motivos orientais, deixando transparecer a sua possível origem. E o grupo lá se vai, espantando os espectadores e as assombrações da Ouro Preto velha.

Ouro Preto é triste, é sim. Mas hoje tem alegria, sim, senhor!

*Isso não faz mal algum :  
Carnaval é carnaval —  
“Zé Pereira” — bum, bum, bum,  
Alegria do mortal...*

*Se é verdade que esta vida  
Começa após os quarenta,  
Deve ser, pois, bem vivida,  
Porque não chega aos oitenta.*

Mas, a história do “Zé Pereira” em Ouro Preto, é a mesma



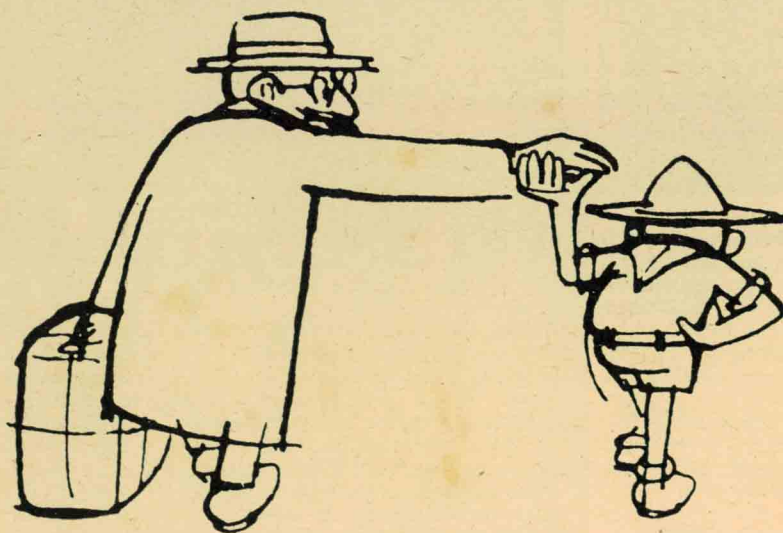
história do “Clube dos Lacaiois”, e não poderíamos falar no primeiro sem abordar especialmente este último. O “Clube dos Lacaiois” é uma das mais velhas organizações carnavalescas da Terra da Inconfidência, e talvez de toda Minas Gerais. De seu velho arquivo nada existe que possa identificá-lo inteiramente, mas sabe-se que teve os seus tempos áureos, como também as suas horas amargas de abandono e de inércia.

Em um bolorento exemplar do “Correio da Noite”, datado de 7 de Março de 1882, encontra-se na coluna de crítica a seguinte referência ao velho clube: “nem o Coutinho, com o espalhafatoso “boi-da-manta” do velho “Clube

dos Lacaiois”, conseguiu amolecer as mandíbulas do sisudo comendador”. Já a esse tempo, o “Correio da Noite”, que se editava na ex-capital mineira, dizia: “o velho Clube dos Lacaiois”. O saudoso Tenente Aniceto Ferreira dos Santos, grande entusiasta dos “Lacaiois”, que rufou sua caixa até o seu último hausto de vida, costumava citar passagens pitorescas do clube, de seus tempos de menino, lembrava nomes de seus principais figurões da época e as façanhas de seu tradicional “boi-da-manta”, na noite de 31 de dezembro. Aniceto faleceu há pouco tempo, já perto dos 80 anos. Assim, se buscarmos na noite dos

(Conclui na pag. 40)









CADA VEZ  
QUE V. ABRE,  
A SURPRÊSA  
SE RENOVA!

# FRIGIDAIRE FUTURAMA

— o mais belo  
e moderno  
refrigerador jamais  
lançado  
no Brasil!

6 modelos à sua escolha; novo estilo de linhas; espaço interno mais profundo; maçaneta finíssima, dourada e cromada; compartimentos para queijo e manteiga; amplos congeladores, verticais ou horizontais; revestimento interno em porcelana a cores; compressor "poupa-corrente" importado; painel da porta em polistireno alto-impacto.

Garantia de 5 anos! Ampla assistência técnica!

Um produto da

**GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.**





# MEU

SEU nome: James. Nobre, segundo se falava. Descendente da Rainha Vitória, diziam-no portador do mais puro sangue azul da Albion. Mas naquele dia vi que em suas veias corria um líquido vermelho, igual ao de todo o mundo. Aliás, foi um espetáculo gozado. Gozadíssimo. Mr. James tinha a mania de cavalgar qualquer animal. Avisei que a bêsta Bolívia era um perigo. Dava com qualquer cavaleiro no chão. E o Mister, acostumado com os "racing horses" da Escócia, zombou da minha advertência. Ia na Bolívia, não temia as consequências.

— Mas, Mr. James, o senhor quebra a cabeça!

— Quebra. Acabou-se.

Teimoso. Parecia a própria bêsta, que, quando empacava, nem o diabo a movia do lugar. E quando inventava de esfregar o seu ocupante numa parede ou porteira, era um Deus nos acuda.

E lá saímos os dois, logo de manhãzinha, que o inglês era madrugador. Eu no Paraná, cavaleiro baio de estimação. Toc, toc, toc. Ele se ajeitava como podia na Bolívia, que estava meio passarinheira, andando pras bandas, guinando, com a maior má vontade deste mundo.

Nossa tarefa era "locar" a nova linha de eletricidade. Explico-me: o Mister ia traçando o caminho, por onde deviam passar os fios transmissores da Cia. Paulicéia, auxiliado por mim. Além de fincar as balizas, abrir picada a facão, armar a barraca, fazer comida; além de tudo isso, tocava-me cuidar do inglês (de sangue azul, descendente da Rainha Vitória), como se fôsse um nenem. Até banho lhe dava — cora-me confessar. Mas assim mesmo lhe queria muito bem, apesar de suas esquisitices.

Eu ia no Paraná, toc, toc, pensando no que íamos fazer nesse dia. Tínhamos pela frente o João Pindeba, senhor de três mortes, homem que era um capeta. Dava em gente que nem é bom falar. Era o terror dos caipiras acovardados. Fazia um camarada suar de mê-

... E eu calculava  
quanto é bom a gente ter um curso,  
conhecer as coisas do mundo.





# INGLÊS

ALTINO BONDESAN

do, só com um olhar. E o Mister queria atravessar-lhe as terras com os fios de alta tensão. Que seria de nós, meu Deus! De vez em quando eu consultava a fisionomia de meu companheiro, a ver se adivinhava algum sinal de medo. Qual! o inglês se mostrava sereno, indiferente à fama do Pindeba, tanto quanto aos galeiros da Bolívia. Resolvi puxar prosa:

— Vai indo bem, Mister?

— Muito bem... Esta cavala é muito boa...

— As vês, não é. Já botou gente boa na capoeira...

— Mim não bota. Mim não bota.

Quis falar no Pindeba, mas a voz me morreu na garganta. E quando íamos atingindo a derrubada, numa passagem estreita que mal dava para o cavalo e cavaleiro, a Bolívia fez a sua. Corcoveou, passarinhou, saltou de lado, e o Mister firme na sela. Mas quem podia com aquela bicha? O caso foi que em menos de um minuto o meu caríssimo Mister focinhou numa touceira de mato, bem em cima de um joá bravo, o que me provocou uma risada irreprimível.

Era ridículo o inglês, ali, estirado, as pernas para cima, o capacete enterrado sobre os olhos, o chicote estendido de lado, as polainas tomadas pelos carrapichos, e o sangue a brotar do pulso esquerdo, onde um espinho do joá fisejou de jeito...

Mas havia, também, um quê de angelical naquela cara de bife, aqueles olhos de boneca, o bigode de môsca, o queixo queimado de sol... Bolívia parara um metro adiante, olhava para trás, maliciosamente, como que perguntando: "Uai, Mister, o senhor cavalgou em Glasgow e Longchamps, mas aqui no Brasil qualquer Bolívia empacadeira lhe dá um ensino..."

Um silêncio caiu sobre nós e sobre as coisas. Mr. James disse apenas uma coisa. Foi tudo.

— A cachimbo...

Fui, meio temeroso, apanhar o seu querido cachimbo, que estava no sapicua da garupa. Como de hábito, limpei, soprei, botei o fumo inglês cheiroso, acendi e estendi

ao Mister. Ele tirou uma baforada, espiou a fumaça, tirou outra, outra, e, sem mudar de posição, ficou cismando, talvez pensando na vida, talvez lembrando a sua Londres tomada pelo "smog", talvez alguma loira inglesinha das histórias de Walter Scott... Ficou, sem nada dizer, na mesmíssima posição, fumando, fumando. Eu, Paraná e Bolívia esperávamos. O animal causador do tombo olhava, maliciosamente. (Vocês não acreditam que uma bêsta seja maliciosa? Pois sim...) Paraná pastava capim da beira do trilho, eu, eu olhava e ficava calado. Porque se dissesse qualquer palavra, já sabia, o Mister me calava com um olhar. Seus silêncios eram preciosos. E ele os aproveitava ao máximo.

Eram quatro da tarde quando chegamos, de novo, à Vila. Deixamos o Pindeba para outro dia. E havia leilão de prendas, festa de igreja. Entramos na Pensão Familiar e Mister libertou o seu Mike, um cachorrão policial, mais importante na vida que Bolívia, Paraná e eu. Mike ladrou de contente, quase mordeu-me a perna. Uma vez tacou-me uma dentada perto do calcanhar, urrei de dor, mas Mister pagou os curativos e disse-me que evitasse "provocar o cachorro". Vejam só, no final era eu o culpado. Mas o Mister pagava bem e não queria outro servo. Eu era seu Sancho Pança, pois como já viram, ele era uma espécie de D. Quixote britânico, do lado de lá da Mancha.

Ficamos por ali um minuto, no alpendre, e nesse instante houve uma correria, gritos de "pega", "bate". E surgiu o Mike, perseguido por uma malta de pessoas. O Mister fê-los parar com um dos seus olhares e com os olhos — era parco de palavras — indagou o que havia.

— Esse cão dos diabos avançou no tabuleiro de pastéis do João Fernandes. Causou prejuízo ao pobre homem. Merece paulada.

— Quantos pastéis tem João?  
João fez as contas. Eram cem ou cento e vinte.

— Quanto o preço?

João fez as contas. 300 cruzeiros.

Sem dizer uma palavra, Mister sacou do dinheiro, pagou ao reclamante e ordenou:

— Dá pastéis pra Mike. Mike está com fome.

— Todos?

Ele fez que sim com a cabeça.

Jantamos e ficamos no alpendre, o Mister espiando a noite, baforando, vez ou outra baixando a mão para alisar o pêlo do Mike, que estava farto de pastéis. Lá fora ia a bulha da festa.

— Quanto me dão pelo peru?  
Quanto me dão? Está gordinho. Peito inchado. Quanto me dão?

Mister começou a impacientarse com o barulho.

— Até quando essa leilão?

Expliquei-lhe que dependia do número de prendas. Vez havia que varava noite. Outras ocasiões morria às onze.

— Pergunta quanto custa o resto da leilão.

Desci a escada, sem mesmo saber como começar a conversa. A gente lá de baixo já andava aborrecida com o caso do Mike. Agora essa, de saber o custo das prendas restantes.

Acheguei-me sem coragem, mas desembuchei.

— Oi pessoal, o Mister tá perguntando quantas prendas tem e quanto querem por elas. Ele arremata tudo.

Foi um arregalar de olhos, um cair de queixos. E essa, agora! Todo mundo sabia que o Mister devia ser protestante, como é que ia entrar na festa, assim.

— Vai vê que ele qué ajudá o Santo!

— Vai vê que qué...

Discutiram, fizeram cálculos, trocaram idéias em voz baixa. O Ranulfo, maroto como o saci, aventou que se pedisse um absurdo, só para pôr à prova o inglês.

— Diga pra ele que é vinte contos, nem um tostão de menos.

Se me custou descer, mais me

ilust. de Wilma Martins



custou subir a escada. Como contar ao homem o despropósito? Mas, que diabo, a proposta não era minha. Dei o recado. E vi, abismado, o Mister contar as vinte pegas, ali, sem arredar pé e dizer sossegadamente.

— Não precisa recibo. E' só parar a leilão. Quero dormir...

De manhã, quando acordamos, era impossível ganhar a praça. Diante da porta estavam amontoadas, ao sol e à curiosidade popular, tôdas as prendas do leilão. Cachos de banana, jacás de galinhas, bolos, frutas, canas, potes, embrulhos, lataria, o diabo. O Mister que se demorara escrevendo para São Paulo perguntou-me o que era. Sabida a resposta, determinou:

— Devolve a leilão. Hoje dormimos fora. Podem fazer leilão de novo.

E com essa rumamos para as terras do Pindeba. Mister ia na égua pampa, eu no Paraná. Mike, excepcionalmente, nos acompanhava, abanando a cauda para espantar as motucas.

O Pindeba nos esparava na divisa. Saudamos, eu rasgadamente, o Mister polidamente.

— Que eu mal lhes pergunte, o que é que os senhores querem aqui nas minhas terras?

Tomtei a palavra e expliquei. Estávamos traçando os planos das linhas de transmissão. Elas deviam cortar a fazenda, longitudinalmente. Não se tratava de uma invasão, mas de um ato lícito, garantido por Lei. Seriam feitas desapropriações das áreas. Tudo legal. Pagamento à vista. E viriam benefícios para a zona: a eletricidade trazia consigo o conforto, as máquinas, o progresso.

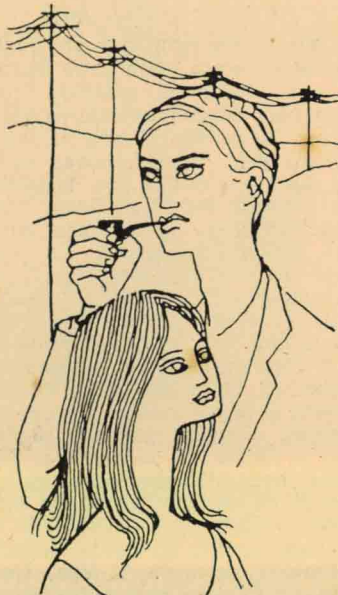
Pindeba, meio desconfiado, convidou-nos à sua casa.

— Se é por bem, podem entrar.

Almoçamos um virado de feijão, carne de porco com farofa e outras coisas saborosas. Pindeba ficou apaixonado pelo Mike, quis dar dois contos pelo animal, mas o Mister disse que nem por cem.

— A cachorro não é para vender. Cavala sim.

Pindeba, louco de negociante, acabou comprando a égua pampa por quinhentos mangos, depois de muito pechinchar.



Ora vejam vocês o que é o mundo. Enquanto descansávamos das medições, no terreiro da fazenda, à tarde, escutamos uma música que não era de viola.

Pindeba explicou:

— Taí minha filha, que veio da Côrte. Toca piano, mania de moça.

E pouco depois chegava a Zulmira, uma morena de encher os olhos, com dengues de moça da Avenida, vestida que nem princesa, sacudindo as ancas que nem — perdoem a comparação — que nem a égua pampa...

E me deixou mais bocó quando, respondendo ao cumprimento do Mister, lhe dirigiu a palavra na língua dêle. E foi só "yes" pra cá, "please" pra lá. Uma beleza. Pindeba escutava enlevado. E eu calculava quanto é bom a gente ter um curso, conhecer as coisas do mundo. Num intervalo da conversa dos dois arrisquei uma pergunta.

— A dona já estêve na estranja?

— Não. Jamais deixei nossa querida Pátria. Só irei para o estrangeiro se ocorrer um imprevisto.

O imprevisto aconteceu. Resumo a história, esclarecendo que Pindeba não só deixou passar os fios como não quis indenização nenhuma.

Zulmira conheceu a Inglaterra, porque o imprevisto ocorreu. E' mãe de quatro formosos pimpolhos, loiros como o pai, despachados como o avô.

E o Mister? — perguntarão.

— Ora, o Mister ficou por ali mesmo. Cachimbando, olhando o tempo, comendo virado de feijão, carne de porco e farofa, depois de ter andado por sua terra, a mostrar a mulher brasileira. Nunca mais lhe dei banho, nem o Mike me mordeu. Mas, confesso, tenho saudade daquele homem esquisitão e calado. Gostava de estar com êle até hoje, acendendo-lhe o cachimbo quando caído do cavalo, esfregando-lhe as costas com a bucha e arrematando de uma vez tôdas as prendas do leilão...

☆ ☆ ☆

## Marte Não É Para Nós

OS cientistas estão cada vez mais empenhados na construção de foguetes destinados a viagens interplanetárias e preconizam que dentro de um futuro próximo, o homem poderá ir à Lua, a Marte, a Vênus, etc.

Não obstante parecer Marte um dos objetivos preferidos para as futuras viagens, está provado, à luz das mais recentes indagações científicas, que êle não pode ser habitado pelo homem e nem tão pouco por animais terrestres, dado as suas condições de vida, tão diferentes das que se verificam na Terra. A êste respeito, têm sido efetuadas longas e complicadas experiências nos laboratórios espe-

cializados dos Estados Unidos, tendo-se chegado à conclusão de que indivíduos como as bactérias e os fungos podem viver e se desenvolver em condições semelhantes às existentes em Marte, mas os organismos que necessitam de uma atmosfera de oxigênio não resistem e morrem imediatamente.

Outros estudos particulares revelaram que existem no planêta em aprêgo matérias radiantes que, absorvendo o mesmo comprimento da onda de energia radiante que é absorvida por algumas plantas terrestres, têm excluído, sem nenhuma dúvida, a possibilidade de que em Marte possa existir uma vida animal análoga à que existe na Terra.



**S**E AINDA fôsem necessários documentos para provar que os pais não estão mais à altura dos filhos — com perdão pela aparente irreverência — essa prova acaba de ser dada na França, onde foi fundada uma associação para combater a crescente independência dos jovens e lançar uma campanha moral para restabelecer a autoridade paterna. A mim parece que, com esse gesto, os pais — que pais! — perderam mesmo a última cartada, com a qual poderiam ainda, se quisessem, garantir a continuação da sua autoridade. Dêsse passo, associação por associação, campanha por campanha, os filhos se constituíram numa fraternidade análoga, para estudar os meios de se desembaraçarem dos pais. O erro está justamente em ser invocada a autoridade; um pai tem autoridade ou não a tem. Deve, sobretudo, saber merecê-la. E digo mais: é um erro recorrer à autoridade (pois me parece que aqueles pais franceses querem apoiar-se a uma autoridade exterior, de comando, mais que a uma autoridade íntima e persuasiva); e que, pelo contrário, toda a força das relações entre pais e filhos está baseada tanto nos poderes paternos quanto no prestígio natural que o filho reconhece no pai. Toda a educação moderna é alimentada pela confiança, não pelo temor; e, onde opera a confiança, a autoridade cede passo à paridade.

Ocorre — perguntar-se-á — também entre pais e filhos a paridade? Não, porque da parte do pai, acabariam por desaparecer certas coisas que, não sendo necessárias de igual para igual, são indispensáveis nas relações entre pais e filhos.

Um pai que seja pai em tudo, na responsabilidade e não apenas nas ambições, deve educar seu filho não se propondo ele próprio como modelo, mas antes desejando que o filho procure superar esse pobre modelo; não é por fátua humildade ou por vazio orgulho, mas simplesmente porque a vida e essa continua progressão, que os pais devem andar à frente dos filhos para abrir-lhes o caminho, não para barrá-lo. — Giancarlo Vigorelli.

\*\*\*

O que é bom é belo, e quem é bom dentro em breve também será belo. — Safo.

## Seus anos não contam se sua cútis continua jovem!

Para conservar o frescor e juventude de sua pele, é **indispensável** uma **limpeza profunda e tonificante** de seus poros com a revitalizante ação medicinal do

# Leite de Colonia

Sim... sua idade não conta, quando você ostenta uma pele sedosa, macia e juvenil! Para isso, você precisa conservar os poros sempre limpos, através de uma limpeza profunda e tonificante com a ação medicinal do Leite de Colonia. Quaisquer que sejam os preparados que use, confie no incomparável Leite de Colonia para a limpeza de sua pele. Removendo as impurezas e resíduos,

Leite de Colonia conserva sua cútis sempre jovem... adorável!

Está em suas mãos prolongar o viço de sua pele. Comece a usar, ainda hoje, o Leite de Colonia!



... mas não confunda!

Exija **Leite de Colonia**

De comprovada ação medicinal, Leite de Colonia é único! Não existe nada melhor, igual ou parecido! Portanto, não aceite um substituto qualquer!



# FIDO - cidadão honorário de Luco

FIDO não é belo nem excepcionalmente inteligente. Todavia, é o único cão na Itália que legalmente não precisa de licença e o único animal que figura na lista de "cidadãos honorários" da nação. Este velho "Virallata" de olhos tristes nunca fez qualquer espetacular ação de heroísmo, mas é um herói para os sentimentalistas de todo o mundo.

A estranha e bela fábula de Fido começou numa noite tempestuosa do inverno de 1940. Um velho ônibus lutava para vencer a estrada de San Lorenzo a Luco, uma vila na rochosa e íngreme região dos Alpes. A neve que caía bloqueou finalmente a estrada e o ônibus gemeu e parou. O motorista disse a seus cinco passageiros:

— Terei de voltar a San Lorenzo. Querem voltar comigo ou tentar chegar a Luco a pé?

Quatro preferiram ficar no ônibus. O outro, um pedreiro chamado Carlo Soriano, disse:

"Minha esposa ficaria preocupada se eu não chegasse em casa".

Apanhou sua marmitta e saiu mancando estrada afora, na tempestuosa noite — pois uma das pernas de Carlo era ligeiramente mais curta do que a outra. Cruzando uma ponte sobre o Rio La Cale, Carlo teve a impressão de ouvir um como que vagido de criança. Permaneceu quieto, apurou os ouvidos, mas havia somente o bramir do vento. Recomeçou a caminhada — e ouviu novamente o vagido.

Desta vez, ele se arrastou pela margem do rio e chegou até debaixo da ponte. Lá, misturado com a noite e o frio, estava um minúsculo cachorrinho, quase morto de frio. Tentando fugir à tempe-

tade, ele se arrastara até uma pequena e precária saliência que se projetava sobre a água gelada.

Carlo, homem impulsivo e de bom coração, jamais hesitava. Expondo-se ao risco de lançar-se na torrente, avançou lentamente até a saliência, apanhou o cachorrinho, abrigou-o sob o paletó, rastejou de volta até a estrada e correu para casa.

A esposa de Carlo, que o esperava ansiosa, ficou surpreendida quando seu marido entrou agitado em casa e lhe mostrou o seu achado. Balançou a cabeça tristemente, porém.

— Pobre animal, jamais viverá.

Viverá, sim! — redarguiu Carlo com veemência. — Traga depressa um cobertor e es quente um pouco de leite, Maria.

Durante toda a noite, as mãos nodosas e calejadas do pedreiro, carinhosamente, acariciaram o cachorrinho. Pela manhã, como que fortalecido pelo amor e pela fé do homem, o cãozinho abriu os olhos e lambeu levemente a face de Carlo.

Ele sorriu feliz.

— Veja, Maria, ele está passando bem. O pequeno Fido está salvo. — Então, com o olhar suplicante de um menino, aquele homem de 30 anos de idade virou-se para a esposa e perguntou-lhe: — Podemos ficar com ele, Maria? Nunca tive um cachorro.

Para o casal, aquela era uma grave decisão. Embora não tivessem filhos, eram tão pobres que mal podiam sustentar a si próprios. Alimentar um cachorro também significava que às vezes teriam de passar por privações. Maria, contudo, já que também

tinha bom coração, pôde perceber que já se criara um elo entre o homem e o cachorro. Sorriu.

— Sim, Carlo, podemos ficar com Fido.

Carlo e Fido raramente se separavam desde então. Anteriormente, por causa de sua perna atrofiada, Carlo era muito tímido para conversar. Agora, quando os homens se reuniam ao cair da noite na praça da vila, lá estava ele para exibir a fidelidade de seu cachorro de estimação. Ninguém conseguia tirar o cão dos pés de seu senhor, ainda que lhe oferecendo um apetitoso bife. Fido só dava atenção a Carlo.

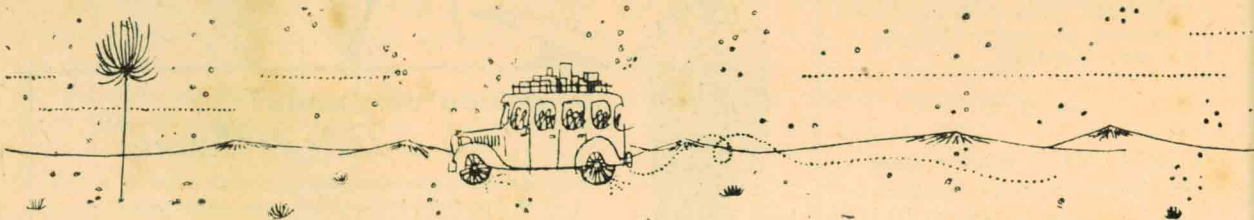
Na verdade, pondo de lado a sua devoção, nada mais de extraordinário havia em Fido. Tornou-se um "vira-lata" indefinível, de tamanho médio, de cor parda, de orelhas caídas, com um passo desajeitado e de rabo enroscado. Diariamente escoltava o seu senhor até o ônibus para San Lorenzo. À noite, sem falta, estaria esperando para saudar Carlo, quando este descesse do ônibus na praça.

Sempre que os habitantes da vila viam Fido trotando sozinho pelas ruas, sorriam e diziam:

— Deve ser hora do ônibus.

Então, numa noite de dezembro de 1943, Carlo não desceu do ônibus. Fido, intrigado, observou que um grupo de homens com as roupas chamuscadas desceu do ônibus; os homens balançaram tristemente a cabeça ao ver o cão a esperar, e subiram a rua para contar a Maria que seu marido, que estava trabalhando numa fábrica em San Lorenzo, morrera durante um reide aéreo.

Não havia, porém, meio de contar isto a Fido, e quando tentaram conduzi-lo para casa, ele refugi-





*A estranha e bela fábula  
de um cachorro cuja  
devoção ainda provoca lágrimas  
em toda a Itália.*

ou-se debaixo do ônibus e recusou-se a sair dali. De manhã, saiu e, aflito, observou todos os passageiros que entraram no ônibus. Somente depois que este partiu, ele se dirigiu para casa. Ali, rebuscou ansiosamente todos os cômodos e, não encontrando o seu amado Carlo, deixou-se cair desanimadamente na soleira da porta da cozinha.

A noite, Fido correu cheio de esperança para o ponto do ônibus. Os passageiros desceram como de hábito, mas Carlo não apareceu. Fido saltou nervosamente para dentro do ônibus e rebuscou-o de ponta a ponta. Então, como que finalmente convencido de que o seu amo não estava, abrigou-se debaixo do ônibus e novamente ali passou a noite.

"Pobre Fido" — murmuraram os vizinhos. — "Ele acabará superando isto, porém". Mas Fido não superou. Toda noite ia encontrar o ônibus, aguardando Carlo. Parecia não perder a esperança de que seu amigo haveria de aparecer algum dia. Toda noite dormia sob o ônibus e de manhã observava os passageiros. Nas noites frias o motorista induzia-o a dormir dentro do ônibus.

Passaram-se dois, cinco, dez anos... — e Fido esperava o ônibus toda noite. Várias vezes estava tão doente que mal podia ficar de pé; ainda assim arrastava-se até o ponto do ônibus. Mesmo quando este quebrava ou era substituído por outros, Fido estava lá, esperando por seu dono.

Certa vez, um brincalhão perverso amarrou-o, num esforço para impedi-lo de ir esperar o ônibus. Fido, que normalmente nada mais fazia do que ladrar, enfureceu-se. Atacou o seu algoz, li-

(Conclui na pag. 40)



## Quando a criança não tem boas notas

**A** CHEGADA de um boletim escolar trazendo más notas provoca reações diferentes em cada lar. Há pais que se conservam inteiramente indiferentes, como se o fato não tivesse o menor significado para eles. Há outros que, ao contrário, manifestam-se desapontados e mesmo mal satisfeitos, e há alguns que, erroneamente, aborrecem a criança com falatórios intermináveis, castigam-na, privando-a dos seus mais caros privilégios. E, se há em casa outra criança que tenha tirado notas melhores, aí então é um Deus nos acuda! A infeliz comparação vem logo à baila. E acontece que a conversa vai rendendo pela semana afora, já que os pais acham que o muito falar resolve o problema.

Pais verdadeiramente cômicos da sua grande responsabilidade em educar e formar caracteres não assumem, absolutamente, atitudes como essas. Assim que se vêem a par da má situação escolar do seu filho, eles têm o cuidado de chamá-lo mansamente e dizer-lhe: «Precisamos encontrar um meio de você melhorar essas notas para a próxima vez». Note-se que não deixam apenas a cargo da criança a solução do problema. Compreendem e aceitam o seu quinhão de responsabilidade no mau êxito alcançado pelo seu filho, e dizem «nós» precisamos.

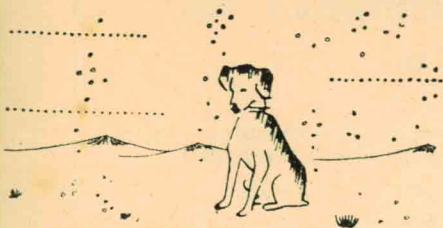
Alguns há que procuram entender-se com a escola que o filho freqüenta, a fim de descobrir o motivo do mau aproveitamento, e até solicitam dos professores sugestões para que possam melhor ajudar a criança em casa. E se a escola não lhes pode fornecer um programa satisfatório, eles não se desanimam e tentam encontrá-la em qualquer outra parte.

Esta sim é uma atitude louvável.

E' muito interessante e bastante proveitoso também que se idealize um programa de estudo para a criança em casa, uns 40 minutos diários, por exemplo, incluindo leituras e exercícios, sob a orientação do pai ou da mãe. Ambos devem ter o máximo de paciência possível, evitando, seja qual for a circunstância, falar mais alto do que o normal.

Há casos em que nem o pai nem a mãe é capaz de ensinar o filho a ler ou a escrever uma palavra sequer, sem antes dar bons gritos e tornar mais que evidente a sua grande falta de paciência e de calma. Assim sendo, ainda que isso acarrete dificuldades no orçamento da família, o melhor caminho a ser tomado é contratar uma professora particular que, de preferência, dê aulas em sua própria casa.

E' preciso ter sempre em mente que lamúrias, castigos e choros não vão melhorar o boletim escolar. O que resolve é descobrir a deficiência que impede o bom aproveitamento da criança e ajudar a superá-la. Aprendamos, pois, a sentir com o nosso filho a necessidade de ajudá-lo mais a melhorar o seu aproveitamento escolar. — **Dr. Garry C. Myers.**







**P.** — As adolescentes devem usar cremes para a pele, ou êstes são necessários apenas para mulheres de mais idade?

**R.** — Uma cútis limpa sempre tem maiores probabilidades de conservar-se jovem.

Se a sua pele é normal, aplique o creme de limpeza uma vez por dia. Cubra todo o rosto com creme, faça uma suave massagem e retire-o com um lenço de papel.



Se é gordurosa, limpe-a com creme líquido e use depois um adstringente.

Você deve lavar o rosto com água e sabonete pelo menos duas vezes por dia. Mas não se esqueça de que cada vez que lavar seu rosto, deve usar depois o creme de limpeza.



Obtenha o "Guia de Elegância e Encanto para os Brotos", inteiramente grátis, escrevendo para Polly Pond's - Seção C 4 - Caixa Postal 3.705 - Rio de Janeiro.

CB-11

K-16.507

## Fido — Cidadão Honorário de Luco

Conclusão

bertou-se da corda que o prendia e disparou para a praça, chegando segundos antes do ônibus.

Outra vez, em que o ônibus estava atrasado, Fido, repentinamente, saiu correndo pela estrada de San Lorenzo. Isto era tão incomum que vários homens correram atrás dêle. Encontraram o ônibus tombado numa ribanceira, para onde se precipitara da estrada. Ninguém se ferira, mas o estranho pressentimento de Fido elevou o seu conceito diante dos habitantes de Luco.

— Muitas vezes temos sido inspirados pela fé e pela devoção reveladas por esta simples criatura de Deus — diz o padre da vila. — Tem-nos sido demonstrado que, como entes humanos, devemos ser capazes da fé e devoção pelo menos assim tão grandes.

A medida que a história de Fido se espalhava, turistas de todo o mundo foram a Luco, para

ver aquêle cão que jamais deixara de esperar o ônibus toda noite, ainda que nevasse ou chovesse. Muitos contribuíram para a constituição de um Fundo para Fido. A esposa de Carlo Soriano ainda cuida de Fido. Não se casou novamente.

— Face a tal fidelidade de Fido — explica — devo permanecer fiel à memória de Carlo.

Ao completar-se o surpreendente total de 14 anos em que Fido esperou por seu dono no ponto do ônibus, o prefeito decretou que o cão viveria daí em diante isento de taxa, como o único cachorro legalmente sem licença na Itália; em seguida, seu nome foi pôsto na listas dos "cidadãos honorários" de Luco. Em novembro do ano passado deram-lhe de presente uma medalha com a inscrição: "A Fido, cão exemplar".

Fido recebeu-a empertigado e então trotou para esperar o ônibus de San Lorenzo. — John Carlova.

☆☆☆

## Biografia do Zé Pereira

Conclusão da pag. 31

tempos o natal do "Clube dos Lacaiois", de Ouro Preto, não será de estranhar se o encontrarmos já bem centenário. O fato é que o velho súdito de Momo, em Ouro Preto, "quanto mais ancião, mais folião", e maior interesse público despertam suas exibições, durante o tríduo carnavalesco.

Hoje, o "Clube dos Lacaiois" não usa mais o "boi-da-manta" para comemorar a passagem do ano. À meia-noite de São Silvestre, o rufo das caixas e o vibrar dos clarins de seu "Zé Pereira" é que despertam Ouro Preto para um novo ano. O "Zé Pereira" per-

corre as ruas da veneranda cidade, levando ao povo as esperanças contidas no nascimento de um novo ano.

E, apesar de viver mais de promessas e esperanças do que de colaborações concretas, e de não possuir nem sede própria; é o "Clube dos Lacaiois" que, de ano para ano, sai à rua para dizer ao povo:

Entra Dodô no batente,  
Rufa o bombo do Baiano...  
Salve, Salve nossa gente!  
Salve Povo Oupretano...

## TESTE

Respostas da pag. 74

1. Afonso Celso.
2. Medeiros e Albuquerque.
3. 15 de novembro.
4. Machado de Assis.
5. 40.
6. José de Alencar (Cadeira nº 23).
7. Êmile Zola.
8. Francisco Alves.
9. «Petit Trianon» (porque lembra, no seu estilo arquitetônico, o «Trianon», onde funciona a Academia Francesa).
10. Afrânio Peixoto.





*...e agora na intimidade  
a sutileza  
da Lingerie*

**Nailotex**  
*um sonho de nylon*

Recebida com satisfação... usada com carinho... sempre querida...

Lingerie Nailotex é um presente de bom gosto.

Sua loja favorita tem Lingerie Nailotex.



Esta é a marca  
de qualidade  
da Lingerie  
Nailotex.

Lingerie  
Nailotex é  
*Sanitized*<sup>®</sup>  
com  
exclusividade.



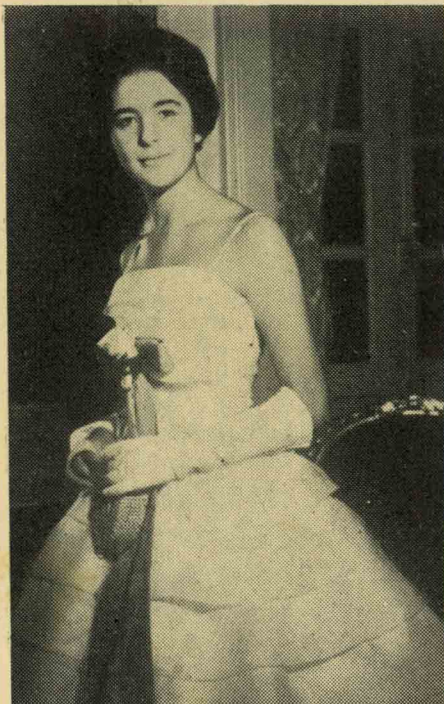


*O grande acontecimento do ano foi prestigiado pela presença do Governador de Minas e Senhora Bias Fortes.*

*Suzana Rache*

*Wanda Lopes Teixeira*

*Mariana Lanari*





# Tulipas da Holanda no Baile das Debutantes

Quatro salões ricamente ornamentados e coloridos, contrastando com os vestidos brancos das senhoritas.

A senhora Bias Fortes, «patronesse» de honra, ofereceu uma jóia a cada uma.

Trinta e quatro «jeune filles» dançaram a primeira valsa, no maior acontecimento social do ano.

**T**RINTA e quatro jovens da sociedade mineira vestiram o seu primeiro vestido de baile e dançaram a sua primeira valsa, no Baile das Debutantes de Minas Gerais, considerado o acontecimento social máximo da temporada, não só pelo fato de ter reunido, nos aristocráticos salões do Automóvel Clube, as senhoritas de maior destaque da «nova geração», mas, pelo seu esplendor, concorrência e luxo da decoração, feita à base de tulipas holandesas trazidas da Holanda 24 horas antes do baile, por avião especial da KLM. Pela primeira vez na história do Automóvel Clube, um acontecimento social mobilizou quatro salões (Boite, Salão Dourado, «Hall» de entrada e Salão de Música). Três orquestras tocaram nessa noite, sendo uma delas com o famoso pianista Bené Nunes, que veio do Rio especialmente para tocar a valsa.

O BAILE DAS DEBUTANTES DE 59 foi, ainda, motivo para en-

contro das figuras de maior categoria da sociedade belo-horizontina e as toaletes das senhoras presentes se destacaram da mesma forma que os riquíssimos vestidos brancos das desfilantes, mostrando, mais uma vez, que a fechada sociedade mineira, se rivaliza com a dos grandes centros como Rio e São Paulo. Foi a festa mais comentada, disputada, fotografada e divulgada que já se fez em Minas. A sua cobertura estender-se-á a todo o território nacional, pois cronistas de várias cidades e Estados, aqui estiveram, atraídos pelo prestígio do acontecimento.

O GOVERNADOR DE MINAS E SENHORA BIAS FORTES (a primeira dama foi a «patronesse» de honra) prestigiaram o baile com sua presença, tendo permanecido no Salão Dourado até o final da festa. A Sr<sup>a</sup> Bias Fortes ofertou a cada debutante uma linda jóia. A «deb» Maria Alice Campos Vaz de Melo ofereceu, a



*Alexia Helena Lana  
Wikrota*



*Ana Maria Abreu*

Reportagem de  
**WILSON FRADE**

Fotos de  
**Humberto Cerri**





## Tulipas da Holanda no Baile das Debutantes

conclusão

cada colega, também uma jóia, confeccionada em ouro e côco, típica de Diamantina. Richard Hudnut presenteou a cada senhorita com um finíssimo perfume. A senhora José de Faria Júnior veio do Rio especialmente para oferecer a cada uma artística caixa de orquídeas.

Foram debutantes de 1959 e seus respectivos pares, Diva Maria Assis das Chagas-Fábio de Castro; Suzana Rache-Luiz Burlamáqui; Maria Vitória Soares da Silva-Paulo Sérgio Dias Duarte; Maria José Soares da Silva-José

*A debutante Marinela Uxa, com o seu par, Cláudio Moura Castro.*

*A famosa maquiladora inglesa Dominique, maquilando uma das debutantes antes da festa.*

*O jornalista Hêlio Vaz de Melo, depois de dançar a valsa com sua filha Maria Alice.*

*O Sr. Tales Assis das Chagas, com sua filha, a debutante Diva Assis das Chagas.*





Maria Vitória  
Soares  
da Silva



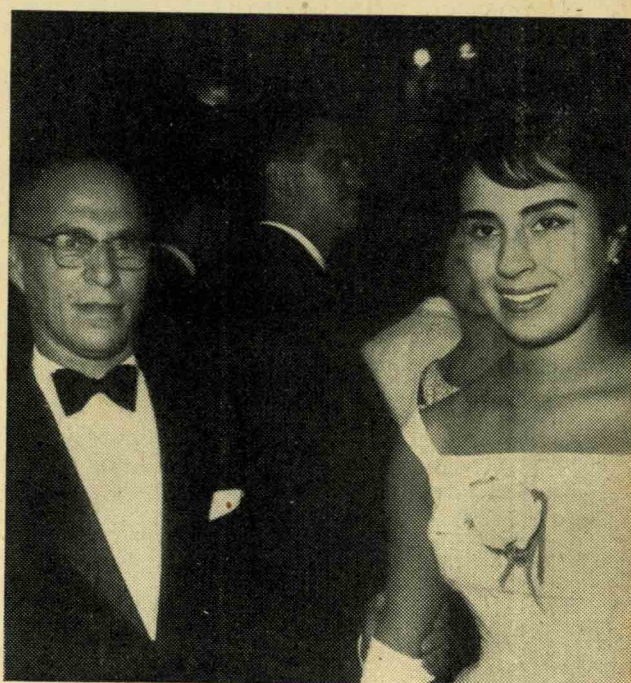
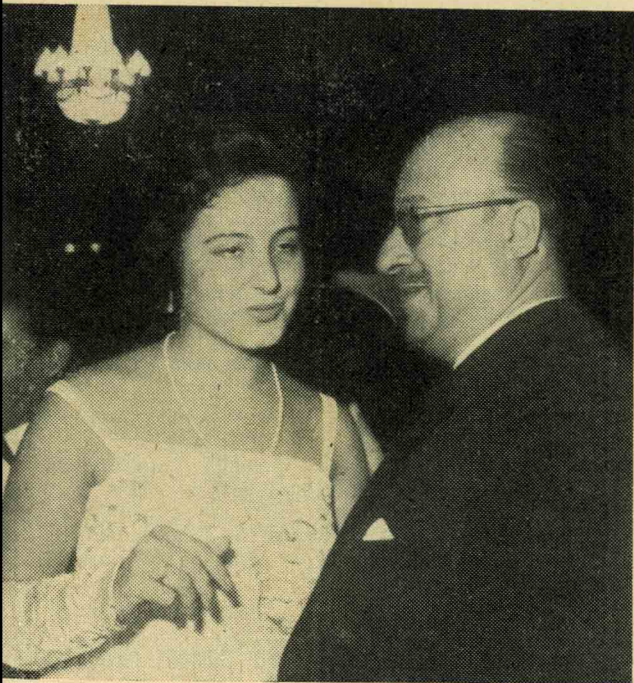
Maria José  
Soares da  
Silva



Maurício Gomes de Castro; Cléia Eunice Gontijo-Fernando Passos Gomes; Maria Adelaide Fernandes Pinto Coelho-Joaquim Francisco de Paula Fernandes; Eliane Hardy-Rodolfo Bias Fortes Abreu; Elizabeth Queiroga-Mauro Abreu; Ângela Terezinha Dorneles Dutra-Vicente Paula Mota; Maria Evangelina Moreira-Marcus Vinícius Guimarães; Maria da Conceição Flósculo Melo-José Francisco Júnior; Marinela Uxa-Cláudio Moura Castro; Sandra Pereira da Silva-Paulo César de Lima; Ângela Miranda-Rogério Damazio; Maria

Clara Paulino Prates-Carlos Henriques Paulino Prates; Maria de Lourdes Resende-Alberto Magno Resende; Mariana Lanari-Rodrigo Lopes; Heloíza da Cunha Peixoto-Humberto da Cunha Peixoto; Ana Lúcia Luciano Pereira-Aurélio Prazeres; Madalena Tamm Renault-Ricardo Assis Fonseca; Alexia Helena Lana Wikrota-Ronaldo Botelho; Maria Alice Campos Vaz de Melo-Jacinto Américo Guimarães Bahia; Wanda Lopes Teixeira-Miguel Bohomoletz; Vera Lúcia Chagas Bicalho-Na-

vantino Alves Filho; Ana Maria Las Casas da Silva-Elmo Balestros; Belkiss Guimarães-José Cláudio Teixeira de Salles; Yara Ale-vato Corrieri-Lúcio Santos Pereira; Eliane Savassi-Carlos Amílcar de Oliveira; Maria Helena Horta-Ronaldo Horta; Ana Maria Abreu-José Ronaldo Rabelo; Ana Maria Pinto-Maurício Vasconcelos; Rose Mary Batista de Sousa-Márcio Garcia Vilela; Maria Inês Loes de Brito-Francisco Eduardo Frade Laender; Maione de Me-deiros Marques-Antônio Alberto de Moraes.





N O fim do ano de 1836, um viajante a cavalo percorria o distrito de Perm, na Rússia. Parou numa aldeia e pediu ao ferrador que lhe ferasse a cavalgadura. Enquanto o operário trabalhava, tagarelando, o desconhecido, grande velho de barbas brancas, de olhos azuis, de traços regulares, mantinha-se em silêncio. Seu mutismo intrigou o dono da forja. Apertou o homem com perguntas:

— Quem é o senhor? Donde vem? Aonde vai?

Nenhuma resposta.

Os curiosos da vizinhança aglomeraram-se. Um deles chamou a polícia local. O velho foi intimado a dizer seu nome, o de seus pais.

— Chamo-me Fiodor Kusmitch — acabou por confessar — mas é tudo quanto posso dizer a meu respeito.

Acusado de vagabundagem, foi o desconhecido metido na prisão. Após um curto inquérito, condenaram-no a ser bastonado e deportado.

Algum tempo mais tarde, o Grão-duque Miguel, irmão do Czar Nicolau, chegava à região e pedia para ver o condenado. Sabendo que Fiodor havia recebido vinte chicotadas, explodiu o príncipe em maldições contra a polícia local. Mas o prisioneiro se interpôs: considerava como uma graça do céu ser deportado e rogava ao grão-duque que não impedisse que a justiça seguisse seu curso.

Na primavera seguinte, Fiodor Kusmitch chegava à Sibéria. Durante anos, trabalhou com suas mãos, primeiro numa destilatoria, depois numa mina. Por toda parte impunha o maior respeito. Seus vizi-

na, corte imperial. Participara sem dúvida da vida política, porque contava facilmente a guerra de 1812 e a entrada dos Aliados em Paris, após a queda de Napoleão.

Indagava-se também das ocupações do velho. Tinham-no visto manusear relatórios e mapas. Um dia em que estava fechado em casa, um operário cantou, sob sua janela, um antigo hino em honra do Czar Alexandre. Logo o **staretz** saiu de casa, com os olhos cheios de lágrimas e pediu ao cantor que cessasse seu canto.

Uma vizinha atrevida ousou perguntar-lhe o nome de seus pais a fim de, dizia ela, mandar dizer missas pelo repouso de suas almas.

— Não tens necessidade de sabê-lo — replicou o velho. — A santa igreja reza por eles. Se eu revelar meu nome, desaparecerei e a malignidade terrestre triunfará.

O mistério deveria em breve esclarecer-se, pelo menos no espírito das pessoas da região. Um dia, em que o **staretz** estava de visita a uma aldeia próxima, velho soldado avistou-o por uma janela e lançou um grito:

— O Czar! É o nosso Czar Alexandre! Ele não morreu!

Ele precipitando-se para baixo, lançou-se aos pés de Fiodor.

Mas o velho fê-lo calar-se.

— Por que me chamas assim? Sou apenas um vagabundo. Se te ouvirem, lançar-te-ão na prisão e eu serei forçado a ir-me embora daqui. Não digas mais a ninguém que sou o czar.

Mas o testemunho do soldado não foi o único.

## PÁGINAS DA HISTÓRIA

## O MISTÉRIO

nhos o chamavam de **Staretz**, por causa de sua piedade. Seus chefes tratavam-no com muita consideração; evitaram-lhe as tarefas pesadas, autorizaram-no a morar sozinho numa pequena cela isolada das casas. Cheio de doçura e abnegação, tornou-se o velho um objeto de veneração.

Seu renome chegou aos ouvidos do bispo de Irkust que teve curiosidade de conhecê-lo. Mandou gente sua buscá-lo. Quando o estrangeiro chegou, o bispo, que viera recebê-lo no limiar, lançou um grito de espanto e ajoelhou-se diante de seu hóspede. Fiodor ergueu-o e lhe deu o beijo de paz. Os dois homens entraram para a casa e conversaram longamente, a portas trancadas. A partir desse dia, Sua Grandeza foi muitas vezes visitar o ancião.

Ficaram doravante os vizinhos convencidos de que o santo homem era um personagem altamente colocado na hierarquia eclesiástica. Mas o interessado desenganou-os:

— Por que me toam por um antigo bispo? Não têm razão. Sou um leigo.

A curiosidade só fêz crescer. Cochichavam-se ao ouvido as informações mais diversas a respeito do desconhecido. Fiodor Kusmitch era um homem instruído. Falava correntemente o francês e o inglês. Devia ter morado em Petersburgo: eram-lhe familiares os menores detalhes da etiqueta em uso

Fiodor Kusmitch adotara uma camponezinha, órfã, chamada Alexandra. Muito piedosa, a moça manifestou desejo de ir em peregrinação a um dos mosteiros mais venerados da Rússia. O santo homem preparou-lhe um itinerário. No decorrer de sua viagem, foi ela hospedada pela família Osten-Sacken. De volta à sua aldeia, contou ao **staretz** as peripécias de sua viagem. Em meio de sua narrativa, interrompeu-se bruscamente:

— Mas, paizinho, como se parece o senhor com o Imperador Alexandre Pavlovitch!

Imediatamente a fisionomia do velho se transformou.

— Que sabes tu? — perguntou-lhe com voz séca. — Quem te ensinou tais coisas?

— Ninguém, pai, digo-o sem nenhum segundo pensamento. Vi, em casa do Conde Osten-Sacken, um retrato em pé do Czar Alexandre e me veio a idéia de que o senhor se parecia com ele e tinha o mesmo gesto de mão.

A estas palavras, Fiodor saiu do aposento, com o rosto transtornado.

Dali por diante, estava firmada a opinião dos vizinhos a respeito da personalidade do velho. Uma testemunha pretendia ter visto em cima de sua mesa a certidão de casamento do Imperador Alexandre. Outra afirmou que a letra do **staretz**

Até hoje, os historiadores não podem dizer ao



era idêntica à do antigo czar. Uma mulher viu na parede da cela dêle um icone encimado por um A maiúsculo e uma coroa imperial. Enfim, todos estavam de acôrdo em afirmar que Fiodor sofria da mesma surdez de Alexandre.

Quando, a 20 de janeiro de 1864, o velho morreu, uma multidão imensa acompanhou-lhe féretro. Tôdas as personalidades da região reuniram-se em tórno de seu túmulo.

Na mesma época, correu em Petersburgo um boato estranho: o Czar Nicolau, que até então não aparecia nas missas rezadas pelo repouso da alma de seu predecessor, assistia agora, em grande gala, aos «Requiem» cantados em honra do imperador defunto.

\* \* \*

Meio século antes, o Czar Alexandre I reinava na Rússia. Filho de Paulo I, assassinado em 1801, em consequência de uma conspiração de palácio, passava Alexandre por um homem estranho e místico. Ninguém conseguia penetrar o fundo de seu pensamento. Napoleão, seu adversário, depois de ter sido seu amigo, apelidava-o de «a esfinge». Mais tarde, tratou-o de «grego do Baixo-Ímpério».

Apasionado por reformas, o czar trabalhou durante um quarto de século pela felicidade de seu povo. Sonhou também, sob a influência da Sr<sup>a</sup> de Krüdener, em inaugurar na Europa uma era de fraternidade cristã.

Esse senhor da Rússia não ocultava, no entanto, quanto lhe parecia pesado o poder. Casado aos catorze anos com a jovem princesa Elisabete de Baden, dela só tivera uma filha, morta em tenra



Czar Alexandre I

## DO CZAR ALEXANDRE I

idade. Seu herdeiro devia ser um de seus irmãos. Em muitas ocasiões, confiou Alexandre a seus íntimos seu desejo de abdicar em favor do Grão-duque Nicolau.

— Por mim mesmo — dizia êle à sua cunhada — estou decidido a desfazer-me de minhas funções e retirar-me do mundo.

No fim de seu reinado, acabrunharam-no duas desgraças sucessivas: a morte duma filha natural, muito querida, e a inundação do Neva, que submergiu Petersburgo. Julgou ser isso um castigo do céu.

Em 1825, os soberanos decidiram passar o inverno no sul da Rússia. A saúde da Czarina Elisabete, sempre vacilante, exigia mudança de ares. Como lugar de estada, escolheu o casal imperial a pequena cidade de Taganrog, situada à margem do Mar de Azov. Essa decisão causou admiração em virtude do clima rude do litoral.

Alexandre apressou seus preparativos de partida. Mandou arrumar seus papéis com um cuidado todo especial. A 1<sup>o</sup> de setembro, à noite, deixava a capital, adiantando-se dois dias à imperatriz que devia alcançá-lo em Taganrog. Ao chegar às barreiras de Petersburgo, o viajante levantou-se do seu banco. Com os olhos cheios de lágrimas, contemplou longamente a cidade que não deveria mais rever.

Alguns dias mais tarde, chegava o czar a Taganrog, com seu médico Wyllie e seu amigo o príncipe Wolkonsky. Febrilmente, pôs-se a arranjar a casa que escolhera para a imperatriz. Era uma casa modesta, construída de tijolos e caiada. Alexandre reservou para si mesmo uma grande peça de esquina, no andar térreo, devendo ser o resto da casa reservado a Elisabete.

Decorreram algumas semanas tranqüilas. A czarina tratava-se e gozava de repouso. Os esposos, muito tempo estranhos um ao outro, reencontravam renovada intimidade. Contudo, o czar, sempre ativo, aproveitava de sua estada para proceder a inspecções. Uma noite — 5 de novembro de 1825 — voltou êle duma viagem pela Criméia com forte febre e teve de acamar-se.

A partir dêsse dia, o povo russo acompanhou com ansiedade as notícias do augusto doente. Mas os boletins de saúde pioraram bem depressa. Com estranha obstinação, recusava Alexandre toda medicação. Cada dia trazia diminuição de suas forças. O Dr. Wyllie verificou em breve uma perturbação acentuada das faculdades mentais. Depois o doente entrou em estado comatoso. A 19 de novembro, a notícia tão temida correu de boca em boca: Alexandre acabava de dar o derradeiro sus-

(Continua na pag. 60)

certo se, naquela data, o Czar realmente morreu.



*"Duvido que a formação de estalagmites e estalactites tenha em qualquer outra caverna conhecida, produzido combinações tão admiravelmente belas".*

*"Quando a boca da gruta, com seu hálito severo de milênios vai engolindo turistas um a um, repetem-se as mesmas exclamações de pasmo".*







# A Gruta de Maquiné

GIBSON LESSA

A GRUTA DE MAQUINÉ, uma das sete maravilhas de Minas (quais são as outras seis?) custou ao seu primeiro dono, em 1919, a pechincha daquilo que outrora se chamava *cinco contos de réis*. Hoje, pertence a duas netas de Oswaldo Cruz e dizem que vai ser desapropriada pelo Governo mineiro por *oito milhões de cruzeiros*.

Espetáculo de raridade universal, Maquiné é uma seqüência maravilhosa de cavernas milenares que mergulham meio quilômetro na crosta terrestre.

"Duvido que a formação de estalagmites e estalactites tenha em qualquer outra caverna conhecida, produzido combinações tão admiravelmente belas, como as que são encontradas na Gruta de Maquiné" — escreveu, em 1836, Pedro Guilherme Lund, o sábio dinamarquês que a desbravou. "Pelo menos, as cavernas que visitei na Alemanha lhe são muito inferiores... E a julgar da beleza das outras que hei lido, nenhuma se lhe compara... seria forçado a confessar sua impotência... Meus companheiros permaneceram durante muito tempo mudos, na entrada d'êste templo; depois, involuntariamente, se ajoelharam, persignando-se, e exclamaram:

— Milagre! Milagre! Deus é grande!

Foi-me impossível dissuadi-los da idéia de que êste templo devia servir de morada a Nosso Senhor. Quanto a mim, confesso que nunca meus olhos viram nada de mais belo e magnífico nos domínios da Natureza e da Arte".

Tinha razão o Dr. Lund.

Até hoje, quando a boca da gruta, com seu *hálito severo de milênios*, vai engolindo turistas um a um; quando se acendem os fogos de bengala e as trevas escapolem e as abóbadas começam a cintilar como iluminadas por brilhantes de tôdas as côres, repetem-se as mesmas exclamações de pasmo.

Uma vez lá dentro há quem descubra, no relêvo apocalíptico das rochas, fantasmas de dinossauros, bandos de búfalos, manadas de elefantes... como há quem veja, ao contrário, límpidas catedrais, altares, candelabros de elefantes... como há quem veja, sabor, é claro, da fantasia do contemplador.

Transpõem-se galerias mais infernais do que as cantadas por Dante, atravessam-se desfiladeiros mais sensacionais, que as *Termópilas*, cruzam-se labirintos, ladeiam-se abismos tão profundos, tão a-perder-de-vista que o distraído que escorregar num dêles de pernas para baixo, ficará caindo a vida tôda e acabará saindo nos antípodas, do outro lado da Terra, isto é, pela boca aberta do extinto Fuji-Yama, em pleno Japão, de pernas para o ar, a menos que a Terra não fôsse redonda!...

E é nessa alternativa de pavores e deslumbramentos que se atravessam em êxtase, a *Passagem do Morcêgo*, a *Passagem da Escada*, a *Sala do Carrilhão*, a *Sala da Lanterna*, o *Corredor de Dâmocles*, a *Sala das Maravilhas* (esta com 25 metros de largura por 19 de altura), a *Sala da Freira*, a *Sala do Escorrega*, a *Sala das Fadas*, a *Passagem do Lago* e, por fim, lá no fundo, mágica, isolada, a *Sala Dr. Lund*, começando nas Cascatas e terminando no Desabamento.

A *Sala Dr. Lund* ocupa, em suntuosidade, o segundo lugar na classificação mundial, e mede 187 metros de comprimento por 82 de largura e 15 de altura; é, só ela, um castelo, um palácio subterrâneo onde a *Natureza* (se não estão errados os cálculos dos geólogos) há 300 milhões de anos, esconde os seus tesouros dos olhos profanos.

(Conclui na pág. 80)



De tanta confiança que tinha em si mesmo, o criminoso não se preocupou em ocultar certos vestígios.

# A morte

## DIRIGIU O FUNERAL

O CRIME NÃO  
COMPENSA

NORMAN ABBOTT

(Do "New York Mirror Magazine", distribuído pelo King Features Syndicate).

NOS Estados Unidos, os indivíduos, quase sempre simpáticos e joviais, cuja tarefa é dirigir o ritual que vai da morte ao sepultamento, eram denominados simplesmente de "encarregados de enterros"; posteriormente, inventou-se uma expressão para designá-los, mas eles não gostaram de ser chamados de "agentes funerários"; assim, de uns tempos para cá, criaram eles mesmos outra denominação, e hoje, todo mundo os chama de "diretores de pompas fúnebres".

Qualquer que tenha sido o título da sua preferência, Elwood North ainda hoje é lembrado pelos moradores da Flórida, como figura singular dentro da sua profissão, embora já vão para mais de quatro anos aqueles dias em que o seu caso foi parar nos jornais, quando ele foi "conduzido à sua última morada", num ataúde do seu próprio estabelecimento. E lembrar-se particularmente dos trabalhos de North, por ocasião dos funerais da viúva Betty Albritton, em junho de 1951, quando ele se desdobrou para atender a todos os detalhes, chegando mesmo a fornecer o cadáver.

Até hoje não se sabe o que levou Elwood North, de 35 anos de idade, a imaginar que poderia livrar-se das consequências do assassinio da Sr<sup>a</sup> Albritton, que deixou o mundo aos 57 anos. Talvez estivesse tão acostumado a manipular com a morte que não pensou que alguém pudesse perceber que ele mesmo a provocara, naquele caso especial. Talvez se imaginasse muito superior às pessoas com as quais tratava; e,

com efeito, até o fim, sua atitude foi a de um homem superior e cheio de empáfia. Com certeza, julgou que todo mundo, menos ele, fôsse mentalmente deficiente.

Quando se esclareceram os fatos, entretanto, verificou-se que estúpido mesmo era ele. Ele que, deixando uma série de pistas, além de confundir-se com mentiras, facilitara muitíssimo o trabalho da polícia.

—oOo—

Para contar melhor a história, voltaremos a 1943, para encontrar Elwood como diretor de pompas fúnebres em Tampa, na Flórida, e já transformado em personagem de tragédia. Certa noite, saindo às pressas de casa, ele foi à polícia contar que, estando a limpar sua espingarda, fizera-a disparar, por acidente, e a bala atingira sua mulher. Antes que pudesse ser socorrida, a jovem Sr<sup>a</sup> North passou para a melhor, e a autópsia chegou à conclusão de que se estava diante de um caso de "morte acidental", embora a vizinhança fizesse comentários muito graves a respeito. E os comentários foram tantos que acabaram atrapalhando os negócios, levando Elwood a mudar-se dali.

Encontramo-lo de novo em 1951. Casado em segundas núpcias, montara um serviço funerário em Fort Meade e outro em Lake Wales, no mesmo Estado. Além disso, era sócio de certo Ira Albritton, dono de um rancho perto de Frostproof, o qual, como vários outros fazendeiros da Flórida, aprendera que o gado se dá muito bem com uma dieta parcialmente baseada em restos de

laranja, das célebres laranjas da Flórida. O seu negócio era criar gado de corte, e prosperava, quando, em janeiro de 1951, Ira morreu, vitimado por um coice, deixando à viúva tudo o que possuía. Era natural, portanto, que o jovem sócio do falecido passasse a confortador, conselheiro financeiro e confidente da rica e entristecida Betty Albritton.

—oOo—

Fazia muito calor e não era fácil dormir, naquela noite de 25 de junho de 1951, sobretudo no Condado de Polk. Quando Elwood chegou à casa dos Albritton, encontrou à porta a viúva e Henry, seu filho de 17 anos. Sob uma árvore nas proximidades, estava sentado o velho Jim Hobbs, empregado da fazenda. North levava um presente para Betty: uma caixa de chocolate. A viúva comeu alguns — e nisso não foi acompanhada por ninguém — tomou um cálice de bebida fraca e, então, ouviu North dizer que tinha de dar um pulo a Lake Wales, para ver um negócio.

Ela perguntou então, porque não ia na sua companhia.

Cerca de uma hora mais tarde, North e sua passageira voltaram. Não tinham chegado ainda a Lake Wales, informou ele, quando, no caminho, a Sr<sup>a</sup> Albritton, começou a sentir-se mal. Provavelmente, estaria sofrendo uma intoxicação alimentar. Era preciso levar a doente para um hospital, quanto antes, mas aquilo teria de ser feito em grande estilo. Assim, Jim e Henry deveriam dirigir-se, no carro de North a Fort





Meade, onde pediriam ao gerente da agência funerária que fôsse com o carro fúnebre — que também fazia as vezes de ambulância — para a residência dos Albritton.

Jim e Henry atenderam à sugestão. Quando voltaram com o coche-ambulância — e com o jovem assistente de North — Betty Albritton estava morta. Encontraram-na caída à entrada da casa, e viram muito bem manchas de sangue em torno dela. Viram também que o corpo guardava sinais de pancada no rosto e no pescoço. Elwood explicou: Betty havia sofrido um ataque do coração e, com as convulsões, talvez tivesse ela mesma provocado os ferimentos. Ou, talvez, tivesse batido com a cabeça, ao cair.

O corpo foi levado para a capela funerária de Fort Meade e imediatamente embalsamado. Uma grossa camada de cera e tinta foi

empregada para cobrir as manchas — “para que ela fique com uma bela aparência”, conforme Elwood esclareceu. O sepultamento deu-se 36 horas após a morte, enterrado o corpo numa cova cavada às pressas. Elwood North, que devia entender bem daquelas coisas, não se lembrava de providenciar uma certidão de óbito, assinada por um médico.

—oOo—

Alguns dias depois, quando alguns parentes da morta tomaram conhecimento daquelas circunstâncias tôdas especiais — ela deixara uma irmã casada, e fra, um mais novo — o corpo foi exumado. Removidas a tinta e a cera, revelaram-se os ferimentos do rosto, os quais bastavam para convencer a qualquer médico que não poderiam ter sido provocados pela própria vítima. Feita a autópsia, revelou-se que não havia o menor

(Conclui na pag. 52)

# GANHE DINHEIRO

SEM PRÁTICA  
SEM CAPITAL

**MOSTRUÁRIO GRÁTIS  
COMISSÃO ADIANTADA!**

TRADICIONAL FIRMA  
ADMITE AGENTES

**CASIMIRAS — LINHOS  
CAPAS — JAQUETAS — CAMISAS**

REEMBOLSO POSTAL

**TECIDOS LASCO**  
CAIXA POSTAL, 13.828  
SÃO PAULO

## Trabalhando Com a Cabeça

ATRAVÉS de uma carta ao diretor de uma conceituada revista espanhola, um dos leitores ensina aos demais como adquirir um automóvel com a mais absoluta garantia e por preço razoável: “Não entendo nada de mecânica — diz ele — e muito menos de marcas de automóveis, mas meu sistema não falha! Quando adquiro um automóvel, primeiro exijo que o vendedor me empreste durante uma hora e, imediatamente depois, vou em busca de um outro vendedor a quem ofereço o automóvel, e pronto! Poucos minutos depois estou perfeitamente informado de todos os defeitos do veículo e até sei mais ou menos a importância que devo oferecer por ele”.



BOM-TOM

## O LUTO

STELLA MARINA

• Durante o período de luto pesado, não se deve assistir a cerimônias festivas, nem a qualquer espetáculo.

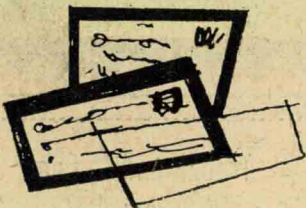
Apenas se retribuem as visitas daqueles que nos procuram, a dar pêsames.

Os viúvos devem evitar contrair novo matrimônio antes de terminar o luto. Se contudo o fizerem, entende-se que, pondo de parte o respeito devido ao morto, não têm razão para continuar de luto.

• As pessoas de luto só se servem de papel tarjado de preto, cuja largura varia conforme o grau do luto. Os cartões de visita são igualmente tarjados.

• A duração do luto varia. Depende muito da pessoa, mas há uma regra, prevista nos tratados de civilidade e de etiqueta. O luto mais pesado, é o luto por marido ou mulher. Dura dois anos, sendo o primeiro de grande rigor e o segundo discretamente aliviado. O luto por avós ou netos dura seis meses — três meses pesados e outros três aliviados. O luto por irmãos ou cunhados tem seis meses. Pelos tios, ou pelos sobrinhos, dura apenas dois meses. Os primos têm apenas quinze dias de luto. Uma viúva usa um véu caído para trás, e um outro ao rosto, o qual conservará durante os primeiros seis meses. Luto dos pais, avós e filhos — exceto quando o filho conta menos de doze anos de idade — é bastante pesado nos primeiros meses; contudo, nunca deve confundir-se com o luto de uma viúva.

A pessoa que herda dum amigo, usa luto durante três meses pelo menos.



• O luto consiste no aparato exterior, que se impõe em homenagem a um parente desaparecido.

A importância do luto não corresponde somente ao grau de afeto que se testemunhava ao defunto. Depende, quase unicamente, do grau de parentesco.

• A viúva, enquanto não tornar a casar, por muito nova que seja

não usará côres garridas. Mas, logo que se torne a casar, usará o que mais lhe agradar.

Durante o período de luto pesado, evita-se, na casa, todo o ruído festivo. Não se toca piano, nem se ouve música. Só às crianças é permitido continuar os seus exercícios musicais, depois de algumas semanas.

• Os pêsames devem ser enviados tão cedo se tenha conhecimento da notícia que os provoca e nunca esperar um encontro casual com alguma pessoa da família enlutada, para então, pedir-lhe desculpas ou apresentar-lhe explicações.

• Um homem ou uma senhora, de luto aliviado, podem aceitar ser padrinhos de casamento ou de batizado. Mas, nesse caso, devem levantar o luto por esse dia.

• Se, no momento de estar para celebrar-se um casamento, um dos noivos perdesse um parente chegado, seria preciso adiar a cerimônia algumas semanas, um mês ou dois, segundo o grau de parentesco existente. Todavia, mesmo passado esse prazo, o casamento seria celebrado na mais estrita intimidade e sem festa nenhuma. Um lanche muito simples seguir-se-ia à cerimônia e apenas reuniria os parentes mais próximos e os padrinhos.

• Quando algum de nossos vizinhos estiver de luto recente, um elementar sentimento de solidariedade ante sua infelicidade fará com que nos abstenhamos de tocar rádio ou fazer qualquer gênero de música.

## A Morte Dirigiu...

Conclusão

vestígio de veneno, mas o legista chegou à conclusão de que Betty Albritton morrera por asfixia provocada por estrangulamento.

As investigações que se seguiram trouxeram ao conhecimento da polícia os seguintes fatos: duas semanas antes de morrer, a Sr<sup>a</sup> Albritton fôra em companhia de North, procurar um advogado de Lake Wales. Levava consigo um testamento novo, e o assinara na presença do advogado. Pelo testamento, tôdas as suas propriedades — no valor de mais de 100 milhões de dólares, eram deixadas a Elwood North.

O próprio North, embora aparentemente próspero, avançara demais nos negócios, e um banco onde tomara dinheiro emprestado estava ameaçando executá-lo.

Betty contara a parentes seus que estava seriamente inclinada a casar-se de novo. Chegara a ser pedida por um fazendeiro vizinho, mas North acabara convencendo-a a desistir daquele propósito.

—oOo—

A 4 de setembro de 1951, Elwood North foi a júri em Bartow, sede do Condado de Polk. Oito dias depois, os jurados o consideraram culpado de homicídio doloso, com várias agravantes, e o condenaram à morte. Durante três anos, a execução foi adiada, por meio de apelações para vários tribunais superiores, e foi somente em outubro de 1954, no dia 4, que ele se sentou na cadeira elétrica da Penitenciária Estadual da Flórida, em Raiford.

A viúva de North, que tomara a frente dos seus negócios, requereu o corpo e encarregou-se do seu enterro. Enterro que, ao que se sabe, foi particularmente bonito.



## Serviços Especiais

Em Nova York, à entrada do Magazin Wallachs, foi instalado um bar exclusivamente para cães. Assim, enquanto os clientes fazem as suas compras, seus respectivos animais são colocados em uma espécie de estábulos, onde lhes são servidos coquetéis de leite, de frutas e de carne, à vontade. E lá em Johannesburgo (União Sul-Africana), foi instituído um serviço telefônico para a interpretação de sonhos. Logo que o candidato acorda, ele apenas dita o seu sonho, com todos os detalhes, e uma hora depois é chamado para ouvir o seu significado psicanalítico.



## Notas Sociais



**ENLACE LAMEGO—PERTENCE** — Teve lugar na Basílica de N. S. de Lourdes, no dia 29 de março último, o enlace matrimonial do Dr. Pedro Joaquim Sepúlveda Pertence, conhecido advogado no Fórum desta capital, com a Srt<sup>a</sup> Áurea Lamego, filha do Sr. Zacarias Pereira Lamego e D. Elvira de Abreu Lamego. Foram paraninfos do noivo o Dr. José Inocêncio dos Santos Júnior e Sr<sup>a</sup>; o Dr. José de Figueiredo Silva e Sr<sup>a</sup>. Por parte da noiva, foram paraninfos: Dr. Marcílio Soares e Sr<sup>a</sup>, e o Sr. Júlio Alfredo Frois Duarte e Sr<sup>a</sup>. Na cerimônia civil, realizada na residência dos pais da noiva, foram paraninfos: Sr. e Sr<sup>a</sup> Zacarias Lamego, Dr. Edgar Horta Júnior e D. Oralda Pertence Cardoso, da parte do noivo; Sr. e Sr<sup>a</sup> José Pertence, Sr. e Sr<sup>a</sup> Stênio Corrêa Pimenta, da parte da noiva.



**O 21 DE ABRIL EM OURO PRÊTO** — De acôrdo com a praxe estabelecida há vários anos, Ouro Prêto voltou a ser sede do Governo Mineiro por um dia, em comemoração à data de 21 de abril, quando se festeja mais um aniversário do protomártir da nossa independência. Figuras de destaque nos meios políticos e sociais de Belo Horizonte e da Capital da República também se transportaram para a lendária Vila Rica, naquele dia, a convite do governador Bias Fortes, a fim de participar das tradicionais solenidades que ali se realizam naquela gloriosa data. Muitas dessas personalidades foram agraciadas com a Medalha da Inconfidência. No clichê, um aspecto das comemorações.

# CITO

*resolve o  
problema  
da limpeza*



**NO BANHEIRO,  
COPA E  
COZINHA!**



Produtos da:

**COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"**  
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO



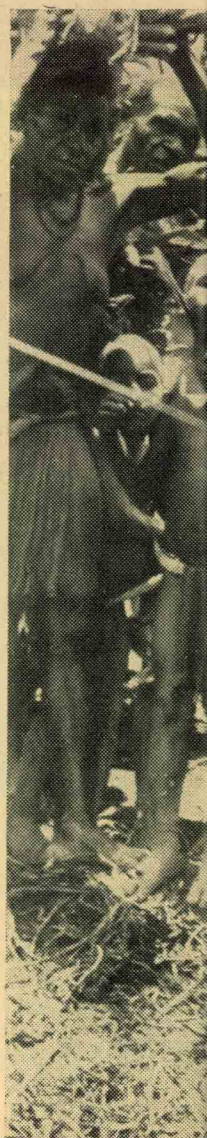


O feliz par assiste às festas realizadas em sua homenagem no dia anterior ao casamento.



←  
Este rapaz Chimbu exibe exemplares de penas de ave do paraíso, de um belíssimo tom alaranjado. Na cabeça, ostenta a reconstituição de um pássaro, e a toalete é completada com dois cânamos passados através do nariz.

→  
Mais alimentos chegam para a festa, procedentes de diversas regiões e suspensos por um bambu, que facilita aos nativos a tarefa do transporte.





# Casamento na Idade da Pedra

Fotografias de  
Richard Harrington  
(Camera Press)

O ACONTECIMENTO mais importante na vida de uma moça da Idade da Pedra é (também) o seu casamento. E a moça da Idade da Pedra e seu futuro marido podem ser encontrados nas montanhosas regiões da Nova Guiné. Ambos se acham convenientemente vestidos para a ocasião. A noiva, adornada com várias conchas, que lhe passam em volta do pescoço à maneira de colar, ostenta ainda outros enfeites que lhe passam através do septo perfurado; um cocar de penas de uma espécie rara da Ave

do Paraíso circunda a sua cabeça e, passando pelo nariz, vê-se uma espécie de grinalda. O noivo veste-se com mais simplicidade, apesar de não dispensar os adornos do nariz, das orelhas e em volta do pescoço. Tudo isso é coroado por uma touca de pele.

Um casamento entre a gente da Idade da Pedra é sempre motivo para grandes festas e, das aldeias vizinhas, grandes quantidades de alimento são carregadas, a fim de prover às necessidades. Esse alimento é, geralmente, representado

*(Conclui na pag. 57)*









Um sorridente homem da Idade da Pedra, vestido com trajes característicos, dá a sua contribuição para o brilho da festa.

←

→  
Um jovem da tribo de Chimbu, trajando-se com apuro, mostra uma expressão admirada e um luxuoso adorno feito de uma espécie rara de ave do paraíso.



## Casamento na Idade da Pedra

conclusão

por presentes, que os curiosos homens vestidos de tangas e penas, oferecem aos nubentes. Ao chegar à aldeia onde se realizará a festa o nativo grita espalhadamente anunciando a sua dádiva. Assim procedem todos os outros que têm algo a oferecer e que, às vezes, vêm de muito longe. Os alimentos são depois, pendurados numa árvore, cujos galhos terão sido cuidadosamente podados. Quase sempre, surgem toneladas de mantimentos que vão desde o inhame, passando pela cana-de-açúcar, abacaxis, laranjas, milho, feijão, até finas iguarias como o mel, além de animais vivos. De acordo com o costume observado entre os nativos, os leitões são trazidos no dia seguinte ao casamento, sendo assados em fornos de barro. Nessas ocasiões, os amigos dos noivos e também os convidados chegam a comer, num só dia, quantidades iguais ou superiores às que normalmente comeriam no espaço de uma semana.

Geralmente, acumula-se uma quantidade de provimentos suficientes para alimentar centenas de convidados chegam a comer, num que todos contribuem, a despesa não se torna pesada para o dono da casa.

Na terra de Chimbu, os homens, mesmo em dias não festivos, u-

sam uma vestimenta muito característica. Adornam-se a si próprios com penas, enfeites de conchas marinhas, correntes de ouro e quaisquer outras bugigangas que logram obter. As toucas, que às vezes usam, são confeccionadas de diversos materiais. Muitos deles pintam as faces de vermelho e azul e, apesar de sua aparência feroz, são bastante cordiais, mostrando-se dispostos a soltar gostosas risadas.

Para espanto geral, um dos convivas da concorrida festa de casamento chega ao local completamente despido de adornos. Essa circunstância, sem dúvida, indica que o homem sofreu algum desgosto na sua família, comparando assim, com o corpo pintado de argila cinzenta, conforme o costume.

As vésperas do casamento, realizam-se curiosas cerimônias. A multidão ferve em volta dos dançarinos — todos homens — que cantam e sapateiam vivamente. Seria quase impossível distinguir os dançarinos dos espectadores, não fosse o cocar que os primeiros ostentam.

E assim, em pleno século vinte, os homens de Chimbu continuam vivendo de acordo com os mesmos hábitos de seus antepassados desaparecidos há muitos séculos.



## Quebra-cabeças Postais

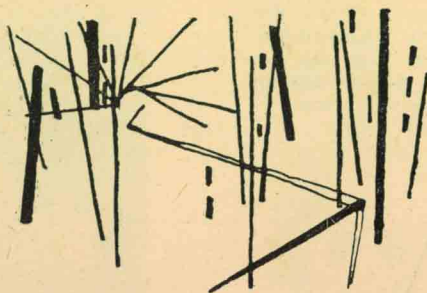
**H**A' tempos, um carteiro em Marblehead, Massachusetts (Estados Unidos), coçou a cabeça pensativo ao contemplar uma carta endereçada para a "Esquina das Vacas". Depois de uns minutos de reflexão, depositou-a corretamente na esquina das ruas *Jersey* e *Guernsey*. Outro estafeta, igualmente *astuto*, experimentou certa dificuldade, ao encontrar numa carta endereçada para "Abraço o Farmacêutico", mas livrou-se do embaraço, entregando-a ao droguista local.

Parece que o povo americano delira em testar a habilidade dos funcionários dos correios na arte de decifrar endereços enigmáticos, mas, de fato, o jogo não é difícil para os estafetas norte-americanos que aceitam o desafio e que raramente se enganam. Uma carta endereçada para C2H5OH, Batesville, Arkansas, por exemplo, foi prontamente entregue a um cidadão chamado Alkie Hall (pronuncia-se, mais ou menos, "al-co-hol") pois o carteiro sabia que C2H5OH é a fórmula do álcool comum.

Cartas com o endereço em taquigrafia, em notas musicais e em símbolos, raramente confundem os correios. Um indivíduo, em Columbus, Ohio, recebeu uma carta que trazia como endereço apenas o seu retrato e o nome da cidade.

Alguns missivistas com inclinação artística deliciam-se em enviar cartas para a Casa Branca, tendo no envelope apenas a caricatura do presidente, ou algum outro desenho apropriado. O mais usado, durante a administração de Franklin D. Roosevelt, era o desenho de uma rosa seguido das letras "v-e-l-t" (roosevelt). No decorrer do mandato de Theodore Roosevelt, muitas cartas chegaram tendo no envelope apenas uma boca sorridente e um pince-nez, desenhados. Quando Theodore Roosevelt tornou-se famoso pela sua bengala, as cartas vinham apenas com o desenho de um porrete no envelope.

Ocasionalmente, quando os correspondentes sabem a quem desejam escrever, mas não estão muito seguros quanto ao endereço, procuram fazer o melhor possível ao endereçar as cartas, e geralmente são bem sucedidos. Não faz muito tempo, uma firma chamada Irmãos Clower, em Gulfport, Mississippi, recebeu uma carta de Waco, Texas, com o seguinte endereço: "Mobiliadora Dirigida por Dois Irmãos Que Se Parecem Muito, Situada Em Frente à Loja Dime, Havendo uma Agência de Empregos em uma Extremidade da Rua e um Armazém de Secos, na Outra".



Fonte Viva:

### ANTE O OBJETIVO

*"Para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição". — PAULO (FILIPENSES, 3:11).*

**A**LCANÇAREMOS o alvo que mantemos em mira:

O avarento sonha com tesouros amoe-dados e chega ao cofre forte. O malfetor comumente ocupa largo tempo, planejando a ação perturbadora, e comete o delito. O político hábil anseia por autoridade e atinge alto posto no domínio terrestre. A mulher desprevenida, que concentra as idéias no desperdício das emoções, penetra o campo das aventuras inquietantes.

E cada meta a que nos propomos tem o preço respectivo.

O usurário, para amearhar o dinheiro, quase sempre perde a paz. O delinqüente, para efetuar a falta que delinea, avilta o nome. O oportunista, para conseguir o lugar de mando, muitas vezes, desfigura o caráter. A mulher desajuizada, para alcançar fantasiosos prazeres, abdica, habitualmente, o direito de ser feliz.

Se impostos tão pesados são exigidos na Terra aos que perseguem resultados puramente inferiores, que tributos pagará o espírito que se candidata à glória na vida eterna?

O Mestre na cruz é a resposta para todos os que procuram a sublimidade da ressurreição. Contemplando esse alvo, soube Paulo buscá-lo, através de incompreensões, açoites, aflições e pedradas, servindo constantemente, em nome do Senhor.

Se desejas, por tua vez, chegar ao mesmo destino, centraliza as aspirações no objetivo santificante e segue, com valoroso esforço, na conquista do eterno prêmio. — (Do livro «Fonte Viva»)

### S U C E S S O

• O sucesso é o produto de três fatores: o talento, o trabalho e a oportunidade. — J. M. Valtour.

• Não tenho o direito de ditar uma fórmula para o sucesso, mas posso explicar a fórmula do fracasso — tente agradar a todo mundo. — Herbert B. Swope.



**"Meu dinheiro rende mais:  
pago com cheque!"**



**...e o meu banco é o Banco Nacional de Minas Gerais"**

Já pensou nas inúmeras vantagens que representa pagar com cheque? Quer saber onde está seu dinheiro? Como controlá-lo, na voregem das despesas? 300.000 clientes respondem: basta confiá-lo ao Banco Nacional de Minas Gerais. Faça como eles. Pague com cheque. Assim, você saberá sempre de quanto pode

dispor. Poderá controlar pormenorizada-mente cada uma de suas despesas. Seu dinheiro crescerá com os juros que o depósito rende todos os dias. E seu cheque é pago sempre com a maior rapidez! Controle o seu orçamento, multiplicando suas economias... pague com cheque do Banco Nacional de Minas Gerais.

**BANCO NACIONAL  
DE MINAS GERAIS S. A.**





Há quem julgue a  
elegância pelas meias,  
mais do que pelo vestido...  
Por isso resolvi acertar  
de uma vez com sua  
escolha e minha  
preferência recaiu sobre  
as meias IBRAM,  
que fazem pernas  
realmente bonitas.



ROSANIS

INDÚSTRIA BRASILEIRA DE MEIAS S.A. - XAV. DE TOLEDO, 114 - S. PAULO

## O Mistério do Czar Alexandre I

Continuação da pag. 47

piro, na presença da imperatriz.

Trinta e duas horas após sua morte, procederam os médicos à autópsia. Tiraram o coração e depositaram-no num vaso de prata. Depois de ter embalsamado e recosturado o cadáver, revestiram-no de seu uniforme de general do exército, com as luvas brancas, a placa e as condecorações.

No fim de dezembro, enquanto a imperatriz, profundamente abalada, permanecia em Taganrog, um cortejo fúnebre se pôs a caminho para Petersburgo. A viagem durou dois meses. A cada parada, as populações acorriam em multidão para beijar o ataúde de seu imperador e reclamavam, segundo o uso russo, a abertura do caixão. Recusando-se as autoridades a fazê-lo, espalhou-se o boato de que um cadáver substituíra o corpo do czar. Em Moscou, os despojos foram depositados no Kremlin, na catedral do Arcanjo. O nervosismo da multidão foi tal que tiveram de colocar no pátio pelotões de cavalaria. Postaram-se mesmo diante das portas canhões carregados.

Em breve o comboio chegou a Tsarskoié Sélo: foi recebido por Nicolau I, o novo czar. Com grande pompa, depositou-se o catafalco sob um dossel, na igreja do palácio. De noite, o caixão foi aberto, em meio dum silêncio religioso. Depois os membros da família imperial, as autoridades oficiais desfilaram. A imperatriz-mãe, Maria Feodorovna, apareceu por sua vez:

— Sim, é mesmo meu filho, meu querido Alexandre — exclamou ela.

Mas tôda a gente se espantou com o aspecto enegrecido da máscara mortuária: as feições devastadas, os ossos salientes, o nariz proeminente, mudavam o augusto rosto.

A 13 de março efetuou-se o entêrrão na fortaleza Pedro-e-Paulo. Uma salva de tiros de canhão anunciou ao povo russo que seu imperador havia por fim encontrado sua morada eterna.

Oficialmente, o Czar Alexandre havia deixado a terra, a 19 de novembro de 1825. Mas as suspeitas do público em breve foram despertadas. Uma narrativa da sentinela de Taganrog veio confirmá-las.

A 18 de novembro, de manhã cedo, o soldado de guarda avistara um vulto de elevada estatura saindo sorrateiramente da morada imperial.

— Quem era? — perguntou o chefe do posto.

— Sua Majestade, o czar — respondeu o soldado.

— Estás louco — exclamou o outro. — O czar está moribundo!

Mas a sentinela manteve sua afirmativa. Era isso resultado duma alucinação?

Impressionados pela persistência dos rumores populares, os historiadores russos procuraram a verdade no estudo aprofundado dos textos. Esquadrinharam, com a maior atenção, o diário da imperatriz. Mas por estranha coincidência, esse manuscrito interrompe-se a 11 de novembro, justamente oito dias antes da suposta morte de Alexandre. Naquele dia, Elisabete teve uma conversa de seis horas com seu espôso. Ninguém jamais soube o assunto da conversação deles. Mas pode-se indagar se a czarina não receou confiar a um papel o segredo alheio.

Outras causas de dúvidas residem nos testemunhos contraditórios referentes à doença de Alexandre. O atestado de óbito do czar explica sua



morte como causada por infecção palustre. Ora, especialistas afirmam, após ter examinado o auto da autópsia que o cadáver não apresentava os sintomas de paludismo, mas antes os da sífilis. Contudo, ninguém jamais supôs que o imperador tivesse sofrido alguma vez as devastações dessa doença. Não era, então, o czar o defunto de Taganrog?

Além disso, o Dr. Tarassof, presente à autópsia, afirmou nas suas «Memórias», não ter assinado o auto, redigido aliás por seus cuidados. Ora, sua assinatura dêle consta mesmo com a das oito outras testemunhas. Dever-se-ia crer que sua memória fraquejou? Ou os familiares do czar julgaram a assinatura de Tarassof indispensável e decidiram-se a falsificá-la? Quanto aos papéis do Príncipe Wolkonsky, amigo íntimo de Alexandre e testemunha de suas derradeiras horas, foram destruídos ulteriormente por ordem de Nicolau II.

Em meio de tais contradições, pode-se imaginar uma hipótese?

Cansado do poder, cansado das responsabilidades, decidiu o czar desaparecer sem que sua decisão pudesse incomodar a autoridade de seu sucessor. Põe sua mulher a par de seu segredo, seu amigo Wolkonsky e seu médico Wyllie. Sob pretexto da saúde da imperatriz, escolhe como lugar de vilegiatura um pequeno pôrto bastante deserto, numa praia pouco freqüentada.

De volta duma viagem à Criméia, cai doente. E' uma indisposição ligeira. Acontece que na mesma época, morre em Taganrog um soldado do hospital militar. A circunstância vai ser aproveitada. O soberano põe sua esposa ao corrente do papel que vai ela desempenhar. Depois se afasta, enquanto levam o cadáver para o quarto imperial. Os médicos que fazem a autópsia, com exceção de Tarassof que se recusa a assinar o auto, não conheceram o czar e não suspeitam da substituição. Mas em Petersburgo, não se pode enganar a velha imperatriz. Põem-na a par do segredo e em voz alta reconhecerá ela no cadáver desfigurado seu filho defunto.

Entretanto, o czar abandonou a região, provavelmente por mar. Por curiosa coincidência, o hiato de um rico inglês deixa nessa mesma época Taganrog, para destino desconhecido.

Que teria acontecido então ao soberano? E' possível que haja voltado à Rússia ao fim de alguns anos. Com a idade, sua tendência mística se acentuou. Quer levar uma vida de penitência; aceita como um dom de Deus os castigos corporais, a vida rude da Sibéria. Tem êle algo de grave a expiar? Pesaria a lembrança do assassinato de Paulo I na consciência do czar? Ninguém pode afirmar coisa alguma. Mas seria curioso imaginar que um parricida coroado tivesse acabado seus dias ornado com a auréola da santidade.

\* \* \*

Quais são agora os argumentos dos partidários da tese oficial? Historiadores sérios, como Brian-Chaninov, como Waliszewski, não põem em dúvida a morte de Alexandre em Taganrog. Apoiam suas afirmativas nas cartas da Czarina Elisabete à sua mãe, cartas escritas após a morte do soberano e tôdas impregnadas da mais profunda dor. Afirmam além disso a impossibilidade material duma substituição de corpo em Taganrog, na presença dos nove médicos signatários do auto. Quanto a Fiodor Kusmitch, seria um desses eremitas tão numerosos no mundo eslavo. Sua grande estatura, seu nobre porte, algumas semelhanças com o czar defunto, teriam bastado para criar a lenda.

(Conclui na pag. 72)



## CANTIGAS

Quando estiveres sôzinha,  
querida, no teu jardim,  
ouvirás o céu de estrelas  
dizendo versos por mim.  
Paulo Freitas

Se você fôsse vendida  
como sêda no balcão,  
comprá-la-ia todinha  
pra vestir meu coração.  
Geraldo Pimenta de Moraes

O' mar, por que não descansas?  
Por que te agitas, em vão?  
Nos teus vaivéns tu retratas  
Meu inquieto coração.  
Paulo Japyassú

Foi assim que, nesta vida,  
passaste por mim, amada:  
por verdes ondas trazida,  
por negras ondas levada.  
Paulo Emilio Pinto

Quanta agonia lá fora  
Na tarde triste que morre.  
Parece que a gente chora  
Na chuva fria que escorre.  
Demóstenes Cristino

Quando Maria quer bem,  
beija com tanta doçura,  
que deixa um pouco de açúcar  
na bôca da criatura.  
Symaco da Costa



# HÁ SEMPRE ALGUÉM

NORMA RAFFERTY

ILUSTRAÇÃO DE

ALVARO APOCALYPSE

## CAPÍTULO II

Para adiante, Angie teve uma porção de convites para sair. Depois de anos de ficar em casa à noite, foi, praticamente a moça mais convidada da escola.

Naqueles dias, ostentava um sorriso fingido. Exteriormente, mostrava-se feliz e despreocupada. Só na escuridão de seu quarto, permitia-se ser o que realmente era: uma menina assustada e infeliz que desejava desesperadamente ter alguém em alguma parte, que realmente a amasse.

Angie não tratou de enganar-se a si mesma, acreditando que Greg gostava dela, ou Slim, ou algum dos outros. Buscavam sua companhia por uma única razão, e, se ela não pagasse depressa, deixá-la-iam cair como uma papa quente. E que faria ela, quando chegasse o momento?

*Por que enganar-me?* — pensava, com cansaço, às vezes. — *Por que haveria um homem de gostar de mim?* Era... era demasiado feia para que alguém gostasse dela. Ninguém se casaria com ela.

As saídas não eram a única preocupação que Angie tinha. Uma vez, ao voltar para casa, cerca das três horas da madrugada, seu pai esperava-a na porta.

— Dez minutos mais e ia sair a procurá-la, senhorita. Sabe que horas são?

— Três menos onze minutos — respondeu, com displicência. — E' melhor ir depressa para a cama, pois amanhã tenho uma prova parcial, se bem me recordo.

Dispôs-se a passar a seu lado, mas êle pegou-a pelo braço e reteve-a.

— Minha querida, não é que não tenha confiança, mas gostaria que deixasse de sair com êsses rapazes de má fama. Por que não escolhe algum dos jovens que conhecemos?

*Porque não me convidam* — poderia ela ter-lhe respondido. — *porque não sou suficientemente bonita, nem bastante graciosa.* Mas

não pôde. Não queria reconhecer isso, nem mesmo diante de seu próprio pai.

— Não são meu tipo — disse-lhe, encolhendo os ombros, e, soltando-se, escapou subindo a escada.

O Sr. Webb não disse nada mais nessa noite, mas ela pôde sentir seu olhar preocupado às suas costas.

Esse malentendido não foi o único. Angie continuou saindo e ficando até tão tarde que sempre estava cansada e inquieta e mais respondona e mal-humorada do que nunca. Tanto êle, como sua mãe, trataram de falar-lhe, mas não quis escutá-los. Estava tão certa de estar fazendo o que era melhor...

Mas estava equivocada, tão equivocada! Foi engraçado, mas Angie encontrou um homem que dela se enamorou e quis casar-se até que descobriu a verdade.

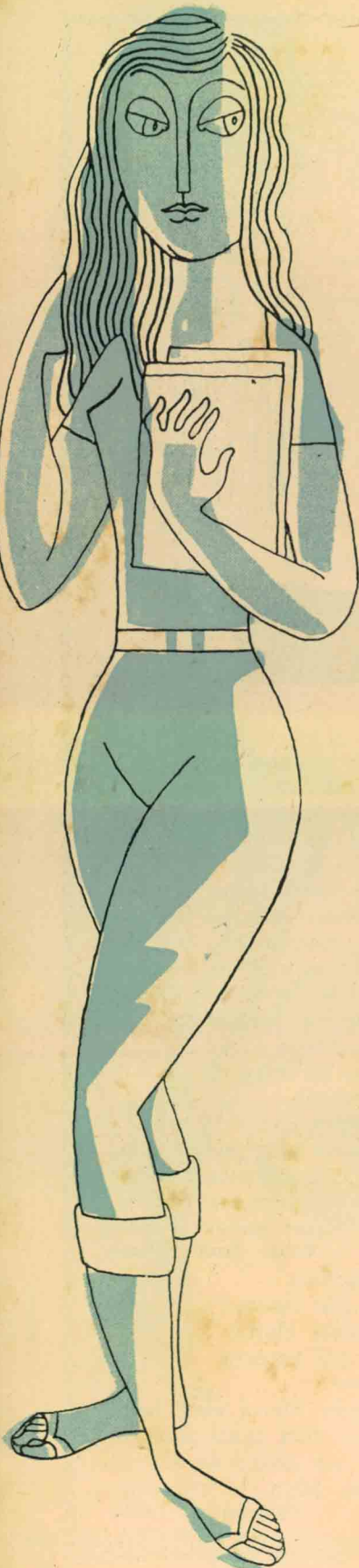
Red Lester podia ser tudo, menos bonito, com seus cabelos ruivos e as sardas que cobriam o rosto. Sua boca era tão grande que parecia estar sempre sorrindo. Acabava de deixar o exército, quando o pai de Angie o contratou para cronista esportivo do diário local, que tanta autoridade lhe dava e à sua família.

Encontraram-se pela primeira vez, quando Angie levou ao jornal a nota que escrevera sobre o banquete que os estudantes iam dar na semana seguinte. Escrevia ela todo o noticiário do colégio e, depois que se graduasse, pensava trabalhar muito durante todo o verão, para entrar na Escola de Jornalismo da Universidade do Estado.

Red estava junto de sua máquina, de costas para ela, quando Angie entrou.

— Olá! — disse-lhe. — E' novo aqui, não é mesmo?

— Minha primeira semana de trabalho — disse, sorrindo, enquanto fazia girar sua cadeira.





## RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Mais para feia que para bonita, mais para vulgar que para elegante, Angie Webb sentia sobre si o peso das críticas que todos eram unânimes em fazer-lhe, quer na escola, onde procedia mal, quer em casa, onde as visitas a reprovavam entre dois goles de chá. E porque era mais feia e mais para vulgar, procurava de propósito fazer-se notada pelas atitudes reprováveis, antes que pelos belos gestos. A ponto de entrar sozinho num restaurante e embriagar-se, a ponto de ir à praia, à noite, exclusivamente em companhia de rapazes, a ponto de oferecer a um deles um dólar para que a beijasse. Por isso mesmo, ninguém procurava aproximar-se dela, ninguém buscava a sua companhia... até que um novato na cidade, chamado Danny Webster, por uma questão de nome parecido, foi sentar-se com ela na mesma carteira da escola. Teve aí início o que ela imaginou ser um romance. Angie pensou até em modificar-se mas acabou vencida pelo seu próprio gênio, quando, depois de o ter convidado para o baile anual da associação de que fazia parte, viu o rapaz combinar com outra o mesmo programa. Então, Angie se enfureceu mais ainda, e passou a sair com as piores companhias possíveis. Já não tinha mesmo que fazer por onde guardar sua reputação, e, quando foi abordada pelo mau elemento Grey Lewellyn, não teve dúvidas em aceitar o seu convite para um passeio.

— Quem é você?

Ela fez um gesto com a cabeça, indicando a porta do gabinete de seu pai.

— A filha do chefe. Mas isto não deve preocupá-lo. Não tenho a mínima influência. Meu nome é Angie.

— Deus meu, que nome! — disse, êle em tom de brincadeira. — Quase tão feio quanto o meu. Diga-me, Angie, que pensaria de uma mãe que desse a um bebê inocente um nome como Royal Eustace?

Não pude deixar de rir.

— Não sei. Creio que jamais lhe perdoaria.

— Bem, meus amigos me chamam Red. E' minha amiga?

— Sou sua amiga, Red — disse ela, solenemente.

Continuaram a conversar durante alguns minutos e, ela deu-se conta de que ia gostando cada vez mais. Pela primeira vez na sua vida esquecia-se de ficar em atitude de defensiva contra alguém. Esquecia-se do sarcasmo. Antes que saísse da redação, êle a convidou a ir a uma partida de beisebol, naquela noite. Suas palavras surpreenderam-na.

— Não é o ideal para começo entre um rapaz e uma moça, mas tenho de ir e... bem, gostaria que fôsse comigo.

— Eu... gostaria de ir.

E era certo. Era a primeira vez que um rapaz a convidava a ir a um lugar... a um lugar onde todos veriam. Mas isso ela não lho disse. Explicou-lhe onde morava e a hora em que podia ir buscá-la.

Naquela noite, Angie divertiu-se como nunca em sua vida. Comeram pipocas e beberam refrescos em copos de papel. Assim contado, não parece muito, mas, para ela, era o princípio de uma vida totalmente nova.

Quando Red a levou a casa, naquela noite, não tratou de beijá-la. Só apertou fortemente a

sua mão e disse:

— Angie, você é uma moça esplêndida. Gosto muito de você.

Ela sentiu-se como no céu.

No domingo de noite, êle levou-a a ver uma fita e, na quarta-feira, a outro jogo de beisebol. Saíram juntos duas ou três vezes por semana, até que terminaram as aulas e, na festa de formatura, estava êle no salão de atos para ver como Angie recebia o seu diploma. Usava um traje azul marinho com gravata cinzenta e havia alisado bem seus cabelos ruivos. Parecia um bebê recém-lavado.

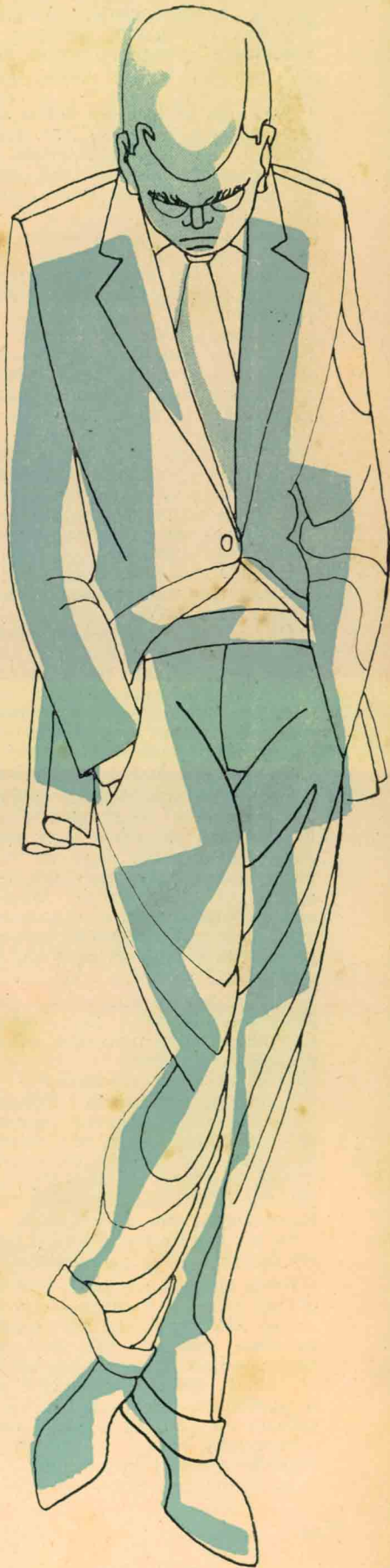
Angie estava ansiosa por que chegasse o último dia de aula, para poder começar a trabalhar no jornal e estar com Red todos os dias. Seu pai queria que ela gozasse uma semana ou duas de repouso, mas a moça não aceitou. Ele devia saber por que. Não dizia nada, mas sorria, e ela sabia que o pai estava contente por vê-la sair com Red. Gostava dêle e soube, desde o começo, o que sentiam um pelo outro. Além disso, é certo que se sentia aliviado porque a filha já não saía com os outros rapazes.

O namôro com Red foi uma coisa tranqüila. Começou por um mútuo afeto autêntico, que se foi desenvolvendo. E' pouco provável que Red alguma vez tenha dito que a amava — pelo menos diretamente — mas ela sabia que era assim.

Torna-se difícil explicar o que a moça sentia por êle. Para ela, o rapaz era tudo quanto uma mulher pode desejar de um homem. Não era bonito, mas tinha uma espécie de encanto tímido que atraía. Dizia que ela tinha feito surgir o que havia nêle de melhor.

— Sempre me conservei mudo junto das moças, até que conheci você — contou-lhe. — Agora, sou um homem diferente.

Pode ser que só o dissesse para adular, mas ela sabia que também se tinha transformado numa





pessoa completamente diferente. De uma inadaptada, selvagem e indomável, tinha-se convertido numa mocinha feliz e quase normal.

Não que se tornasse bonita de repente, mas já não se importava consigo tão desesperadamente e não precisava de sentir-se feia e incômoda, quando estava com ele.

Uma noite, Angie disse-lhe algo a respeito de sua antiga vulgaridade e ele fitou-a algum tempo, em silêncio. Depois disse-lhe, lentamente:

— Sabe duma coisa, Angie? Nunca notei nada em você que não fosse agradável. Há certa beleza nisso. Para mim... bem... para mim você é formosa.

Angie sorriu.

— É a única coisa que interessa, Red. Se a você lhe pareço bem, não nos preocuparemos com o que pensem os outros, não é certo?

— Nunca me preocupei, minha querida — disse ele.

E então, beijou-a. E esse beijo transportou-a a uma rósea nuvenzinha e ali a reteve.

Oh! Se tudo pudesse ficar assim, límpido e formoso! Mas não podia durar. Angie podia mudar sua vida, sua personalidade, toda a sua maneira de pensar, mas não podia alterar a reputação que ela mesma forjara. Tampouco podia evitar que Red o descobrisse.

Se ele apenas tivesse sabido por ela mesma! Angie quis falar-lhe milhares de vezes, mas não pôde. Como podia dizer ao homem a quem amava que havia cometido mil temeridades! Ainda que no íntimo, se tivesse portado bem, quem iria acreditá-lo quando havia feito o possível para que o pensassem?

— Não amei a ninguém — poderia dizer-lhe. Mas ele a olharia com aqueles tranquilos olhos azuis e perguntaria:

— E então, por que saías?

E que lhe responderia? Porque se sentia só e buscara companhia? Porque queria demonstrar ao mundo que não lhe importava o que pensasse de si? Porque cria que era a única forma de fazer-se notada por um rapaz?

Se ela lho tivesse contado, talvez poderia fazê-lo compreender...

Havia um mês que saíam juntos, quando veio ele a saber de tudo. Angie não ficou sabendo quem lho disse, mas isto não importa. Estava sentado à sua mesa, naquela manhã, quando ela entrou e se aproximou dele para falar-lhe. Quando não ergueu a vista, ela compreendeu tudo.

Sentiu-se mal. Formou-se-lhe um nó na garganta e não podia respi-

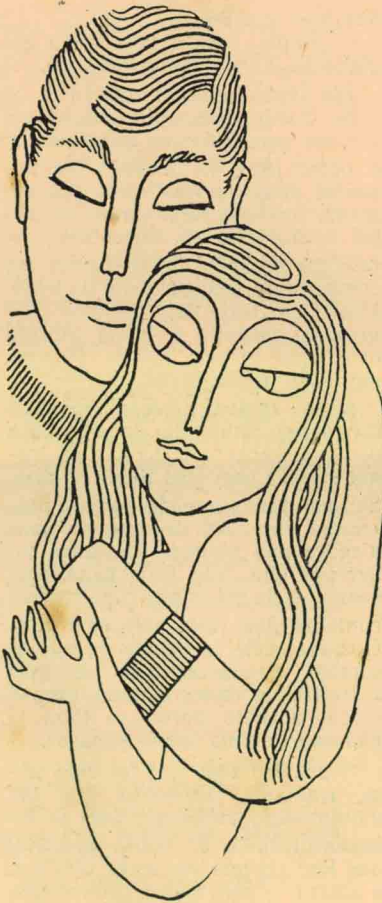
rar. Red estava silencioso, com seus longos dedos imóveis sobre a máquina de escrever.

— Vamos tomar um café, quer?

— perguntou-lhe Angie com a voz partida. — Creio que é melhor que nos falemos agora.

Esperaram até instalar-se no café em frente, tendo diante de si fumegantes xicaras em que não tocariam.

— Alguém andou contando-lhe coisas a meu respeito, não é verdade, Red? A respeito de tudo o que não... sou. — A voz estava firme, mas, no íntimo, Angie sentia-se como de algodão.



— Suponhamos que você me forneça a sua versão, Angie — disse ele finalmente. — Quanto de tudo isso é verdade?

Ela encolheu os ombros.

— Como quer você que eu saiba? Que foi que lhe contaram? Falaram da noite em que bebi demais no restaurante? Do escândalo que houve quanto fui tomar banho somente com rapazes? Dos rapazes com quem saí? De certo, é a verdade...

Sufocada, ela não pôde pronunciar uma palavra mais. Sômen-

te lágrimas, amargas e ardentes lágrimas. Queria contar-lhe tudo, quão desditosa havia sido antes de conhecê-lo, quão solitária. Quanto ele a havia mudado e quanto significava para ela. Mas não podia obrigar-se a ser humilde pela primeira vez na sua vida.

Mas tampouco podia ficar ali sentada, a fitar os olhos dele, magoados e interrogativos. Não podia lutar com ele, como havia lutado com o resto do mundo, de modo que bateu em retirada. Ouvindo que a chamava, mas continuou andando. Não podia voltar à redação. Voltou para casa, único refúgio que conhecia.

Seu pai ia saindo no momento em que ela chegava e Angie empurrou-o, sem lhe dizer uma palavra, soluçando. Trancou-se no seu quarto. Sua mãe tratou de conseguir que lhe falasse, mas ela não quis. Ficou estirada na cama, chorando como nunca havia chorado.

Ainda estava ali, quando o pai voltou e bateu à porta.

— Deixe-nos entrar, Angie, queremos falar com você.

Fêz ela o que lhe dizia, sem se preocupar em alisar os cabelos ou secar as lágrimas que sulcavam seu rosto.

— Que querem? — perguntou carrancuda.

O Sr. Webb atravessou o quarto e sentou-se no banquinho. A mãe permaneceu de pé, silenciosa e assustada.

— Que ocorreu entre você e Red, Angie? — perguntou o pai.

Ela sacudiu a cabeça e voltou a atirar-se sobre a cama. Não podia confiar nem em seu próprio pai.

— Nada — murmurou.

— Bem, não precisa voltar ao trabalho, se não quiser. E não se preocupe mais com Red: vai-se embora...

— Vai-se embora? Mas, por quê? Gosta de estar aqui. Gosta de trabalhar para o senhor; assim mo disse. — Ela estava assombrada. Com certeza não iria embora por sua causa. — Papai, o senhor não o despediu, não é?

— Não o despedi. Disse-me que ia embora.

— Oh! papai! — exclamou, desesperada. — Então se vai porque não quer ver-me. Ele... alguém andou espalhando coisas a meu respeito e...

— Coisas, Angie? — disse, o pai num tom de cansaço. — Coisas — ou a verdade? os seus olhos encontraram-se: os dela avermelhados e torturados, os dele cansados e tristes.

— Papai... papai — sussurrou Angie entre novos e angustiados soluços.



Seus braços rodearam-na e êle palmeou-lhe as costas, embaraçado. Era a primeira vez que a tocava desde que Angie era pequenina. Sua mãe veio pelo outro lado e acariciou-lhe os cabelos. Ela já se sentia um pouco melhor. E então sentiu-se capaz de falar, de falar-lhes realmente pela primeira vez.

— Amo-o. E êle gostava de mim, sei que gostava. Oh! por que fiz as coisas que fiz antes de conhecê-lo? Por que me rebaixei tanto que ninguém me quererá agora? Oh! se pudesse voltar a fazer as coisas direito!...

— Eu... creio que isso é o que muitos de nós dizemos, Angie. Estive-o repetindo a mim mesmo o dia inteiro. Nem tudo é culpa de você. Sua mãe e eu também a temos, talvez mais do que você. Creio que começamos mal com você. Mas queremos compensá-la agora, se pudermos. A única coisa que desejava é poder apagar o que fiz hoje...

No rosto dêle refletiu-se o desespêro.

— Que fez, papai?

Suspirou.

— Agora, já não importa, filha. Já é demasiado tarde para reme-

diá-lo. Desça conosco agora, Angie, você precisa comer.

Mas ela não quis desviar-se do assunto. Sabia que aquilo que não fôra dito tinha algo que ver com Red e consigo.

— Tenho o direito de sabê-lo, papai — insistiu. — Sei que se refere a mim.

— Pedi-lhe... pedi-lhe que se casasse com você, Angie — disse êle, tartamudeando.

— Oh! não, papai, o senhor não pôde fazer semelhante coisa! — gemeu Angie. — Que pensará agora de mim?

— E... isso não é tudo... ofereci-lhe... três mil dólares como presente de casamento e fazê-lo sócio do jornal. Oh! meu Deus, Angie, não sei o que me moveu a fazê-lo. Que... queria que você fôsse feliz, sei que êle seria um bom marido...

— Papai, não quer dizer...

— Antes não o fôsse! Daria dez anos de minha vida para não o haver feito. Só Deus sabe por que, eu não o sei...

— A culpa é minha — acrescentou a mãe, timidamente. — Estava preocupada por sua causa, Angie. Pensei... que devíamos ajudá-la.

— Dei-me conta do êrro que

cometi, quando vi o olhar de Red — continuou o pai. — Repeliu-me... franca e peremptoriamente.

— Se ainda não me odiava, agora o fará. Oh! papai, por que fez isso? Teria podido explicar-lhe tôdas as coisas, mas não... tenho um pai que deseja tanto livrar-se de mim, que está disposto a pagar a um homem para... para que se case comigo. O senhor... o senhor pensa que sou tão feia que nenhum homem poderia gostar de mim por mim mesma?

A voz de seu pai interrompeu-a, enêrgicamente:

— Não é seu rosto feio que afasta as pessoas de você, Angie. E' a feiura de seu íntimo, sua atitude para com tôda a gente, até mesmo para com aqueles de quem gosta. Não é você uma beleza deslumbrante, nem tampouco feia. Poderia ter dezenas de amigos, moças e rapazes, se não os afugentasse com êsse ar superior e soberbo que adotou. Cem mil vezes estive tentado a pô-la em meus joelhos e dar-lhe uma sova, mas pensei que, com os anos isso passaria. Agora vejo que estava muito equivocado.

(Conclui na pag. 80)



quase um sonho...  
ficar assim em silêncio,  
ouvindo música,  
fumando  
*hollywood*

**Cigarros Hollywood**  
5<sup>ta</sup> DE DEZEMBRO SOUZA CRUZ  
RIO DE JANEIRO

Uma tradição de bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ







# A moda não quer mais

## loucuras

OLGA OBRY

**P**ARIS (Via Pannair) — As loucuras estão fora de moda: a silhueta feminina, tal como a natureza a fêz, foi reabilitada pelos grandes costureiros, por unanimidade. Saco, trapézio, colher, império, são palavras antiquadas que viraram «tabu». Ombros, cintura, quadris, busto, voltaram ao seu lugar normal, acentuados, sem extravagâncias nem exa-

← Vestido de coquetel, côr-de-rosa, sem mangas, com tira amarrada no decote, e largo cinto bordado em ponto de tapeçaria, em tons bege e côr-de-rosa. Casaco de lã bege, com meio cinto amarrado nas costas. Chapéu executado na mesma fazenda do vestido, pespontado em toda a volta. Modelo de LANVIN-CASTILLO.

→ Conjunto de vestido, casquinho curto e chapéu de aba larga, em estampado azul e verde, da nova coleção «Pérola do Oceano», de PIERRE BALMAIN.







## A moda não quer mais loucuras

conclusão

gêro, pelo feitio e pelos acessórios : ombros largos e arredondados, sem enchimento, cintura marcada (mas não apertada) por um cinto largo, saia de comprimento e largura razoáveis, com a bainha um palmo abaixo do joelho, de dia, e abrindo-se levemente para baixo, por meio de pregas, panos enviesados ou franzidos. À noite, o vestido desce até ao tornozelo ou pára a meiocaminho entre joelho e tornozelo. Às vèzes, o vestido de noite é mais curto na frente, mais comprido nas costas, e o cinto também tende a «mergulhar» atrás. Voltam as saias de babados, horizontais ou verticais, plissados, franzidos, pregueados ou lisos. Com a volta à normalidade, a moda parisiense volta também à sua tradição do corte sofisticado, do detalhe cuidadosamente elaborado e executado, das proporções graciosas. Os bordados, especialmente o bordado inglês, adornam blusas, golas e vestidos brancos. As côres são suaves, os tecidos leves e flexíveis, os estampados floridos, em matizes esbatidôs. O azul marinho, guardado com branco, substitui o prêto, tons acinzentados misturam-se com bege e amarelo. O branco volta a ser uma das côres prediletas, ao lado de uma larga escala de azuis, côr-de-rosa, malva, lilás, ave-lã, verde, amarelo e bege.

Por cima de um vestido de muselina de sêda côr-de-malva, PIERRE BALMAIN coloca um casaco «redingote», em xadrezinho enviesado, malva e branco, de manga três quartos e cinto afivelado.





Numa criação de PIERRE BALMAIN, e confeccionado em organdi de sêda preta, êste vestido curto é muito próprio para a noite. A saia ampla tem pregas onduladas e a blusa tem a enfeitá-la apenas o decote quadrado.



Todo trabalhado em babados verticais ondulados, êste vestido de organdi de sêda azul-marinho, também de PIERRE BALMAIN, é o ideal para coquetel. As mangas são bastante fôfas e onduladas no mesmo sentido.



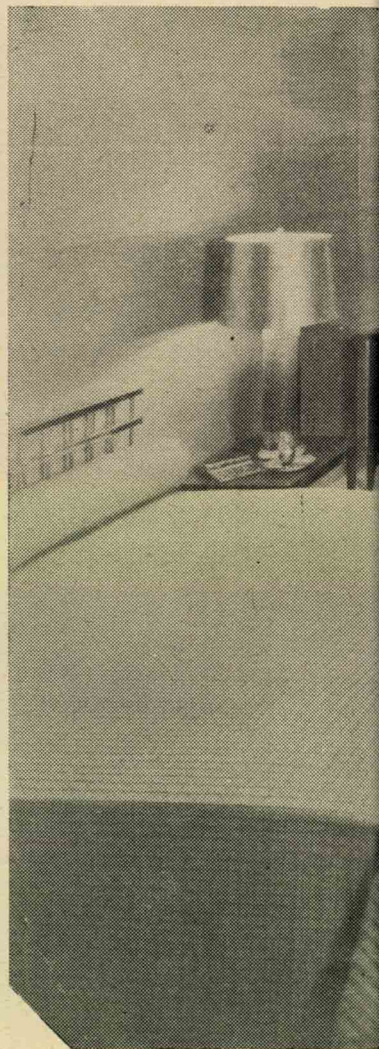


Dormitório com decoração em estilo floral, um tema sempre antigo e moderno. As almofadas do leito duplo e a toalha da mesinha são em tecidos do mesmo padrão. A cortina pode ser feita em "nylon" ou tecido idêntico, apropriado para esse tipo de trabalho. Como as camas, as cadeiras e a poltrona também seguem um estilo conservador, mas muito aplicável nos aposentos íntimos.

PARA  
SEU LAR

*Estilos*

**de quarto**

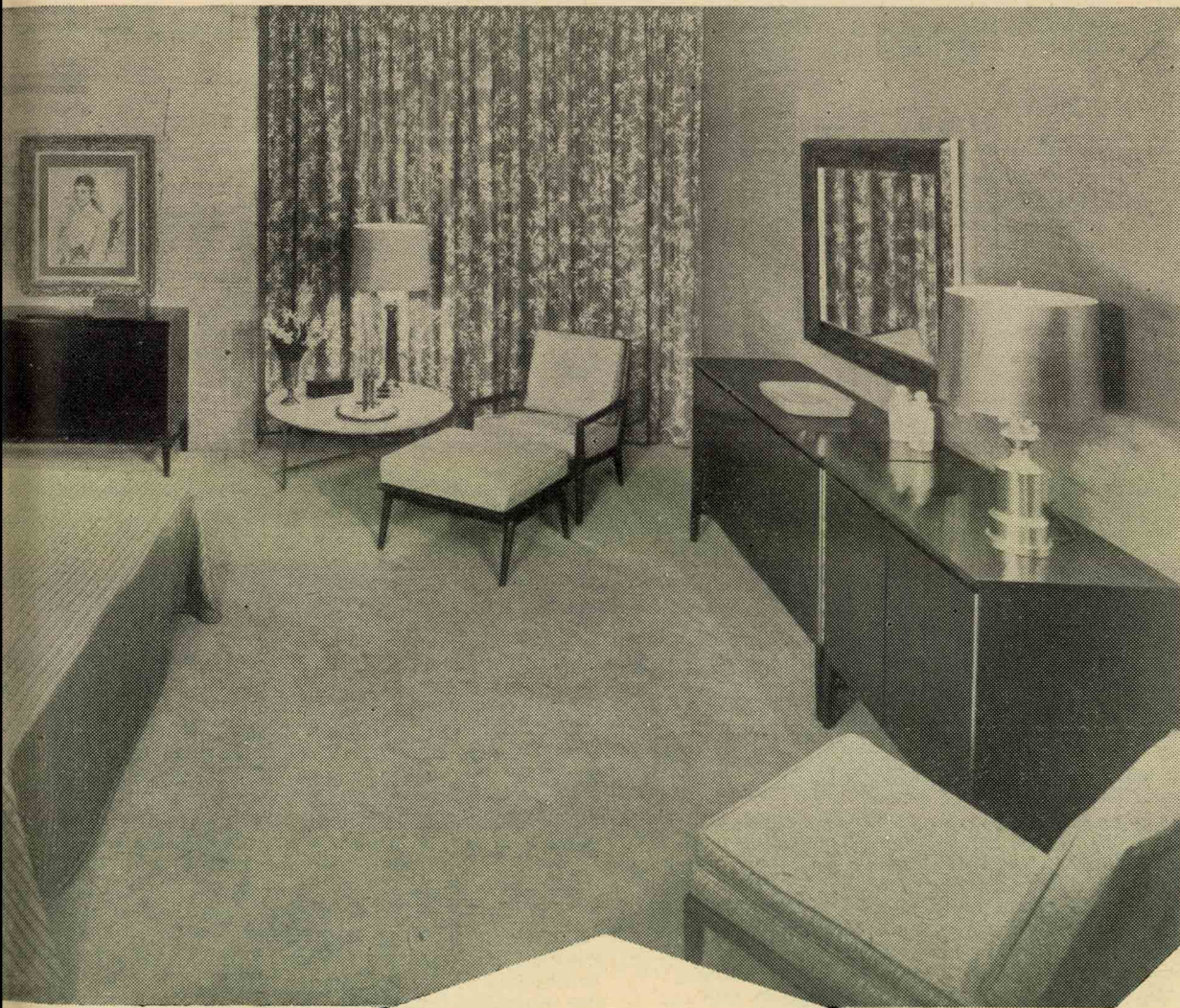


Dormitório com uma decoração que ainda tem muitos apreciadores. O branco predomina na harmonia de cores. O cobre-leito, as sanefas e os cortinados são em tule branco, combinando com a cor dos abajures. As flôres naturais reforçam a idéia de brancura, perfeitamente harmonizada pelo contraste com os móveis de cor escura.



Em matéria de decoração de dormitórios, o moderno nem sempre é o melhor — para certas pessoas. Nesses aposentos, algumas preferem decorações menos estilizadas mas que lhes parecem tão boas quanto as últimas criações da moda. São coisas da personalidade, mais do que explicáveis e tanto mais admissíveis porque recaem sobre os aposentos íntimos, cuja decoração, em última análise, deve ser orientada pelo gosto pessoal de cada um.

Também é certo que os estilos de quarto permanecem por mais tempo do que outros grupos decorativos. Geralmente são móveis de fino acabamento, que, com a simples introdução de adornos modernos, redundam num plano decorativo sempre atual, evidentemente agradáveis pelo conforto e sobriedade que oferecem.



*Quarto decorado num estilo em que é predominante o efeito de sobriedade. As poltronas atendem mais ao conforto do que à originalidade de forma, e têm almofadas em cor o que dá leve contraste com as cômodas e camiseiros. O cobre-leito é de padrão simples, com tecido de trama saliente. Para equilíbrio entre peças distanciadas (as mesinhas, o camiseiro) foi utilizado um jogo de 3 abajures com formas idênticas.*



## O Mistério do Czar Alexandre I

Conclusão da pag. 61

O Grão-duque Nicolau Mikailovitch, historiador de Alexandre, opôs-se igualmente à idéia de uma substituição. Segundo ele, o asceta Fiodor poderia ser um filho natural de Paulo I, misteriosamente desaparecido no começo do século XIX, e tendo com seu meio-irmão certa semelhança.

Em contraposição, Paléologue, antigo embaixador da França em Petersburgo, pretende que o Grão-duque Nicolau só teria recebido autorização de pesquisar nos arquivos secretos dos Romanoff, sob condição de juntar-se à tese oficial.

Para acabar de embaralhar os fios desse labirinto, correu o boato em 1921 de que as autoridades soviéticas, tendo aberto os ataúdes dos soberanos, na igreja Pedro-e-Paulo, encontraram vazio o caixão de Alexandre. Essa notícia não foi oficialmente confirmada: não se pode, pois, tirar disso nenhum argumento decisivo.

Assim, mesmo após sua morte, Alexandre continua o personagem enigmático que foi durante sua vida. A esfinge coroada, o soberano místico levou seu segredo para o túmulo. — **Bernard Boringe.**



## O Que Pensam os Católicos da Psiquiatria

Conclusão da pag. 21

licos, todavia, sente que a opinião do Papa não se aplica à psicanálise como é ela agora geralmente praticada.

Isto não obstante, católicos de todas as condições sociais continuam a ser cautelosos quanto à psiquiatria. Ilustrativa de sua atitude é a experiência do padre, de uma paróquia numa comunidade universitária, que almoçou com um estudante, para ouvi-lo sobre um problema familiar.

— Meu irmão mais velho é doutorando — disse o estudante — e meus pais estão decepcionados.

— Por que? — indagou o padre.

— Porque ele decidiu especializar-se em psiquiatria.

Os pais do estudante eram pessoas inteligentes, bem educadas e até requintadas.

— Mas — conta o padre — eles simplesmente recusaram-se a acreditar que há problemas pessoais que não possam ser resolvidos com uma visita ao confessorário.

Se o aludido estudante de medicina tornar-se um psiquiatra, ele ingressará num dos realmente exclusivos clubes católicos. De acordo com o mais recente censo da Igreja, os Estados Unidos têm 33.574.017 católicos — aproximadamente 20 por cento da população total da nação. Mas este vasto grupo religioso é representado por mais de 450 psiquiatras. Destes, 220 pertencem à combativa «Associação dos Psiquiatras Católicos», criada em 1950 para difundir entre o povo em geral a noção de que «não há discrepância entre ser tanto um bom psiquiatra quanto um bom católico».

Este tipo de educação é um processo lento, porque até os mais ardentes representantes católicos da psiquiatria concordam que Freud, não a Igreja, atirou a primeira pedra. Na verdade, ele atirou várias, inclusive a sua teoria de que muito do padrão de procedimento de um adulto pode ser decalado nas ligações sexuais que ele desenvolve como criança, para com seu pai ou sua mãe.

Nenhuma das teorias de Freud, porém, embora sujeitas a controvérsia, entra seriamente em conflito com a doutrina católica. A sua mais autêntica descoberta — a do inconsciente — é que criou a confusão básica. A assertiva de Freud — subsequentemente confirmada pelos psicoterapeutas — de que o homem nem sempre pode ser julgado responsável por seu comportamento, pareceu a alguns ameaçar um dogma primário do catolicismo: que os homens nascem pecadores, mas são dotados de livre arbítrio; que eles podem escolher entre o Bem e o Mal, entre a lei divina e os caminhos do mal.

— O neurótico é tudo, porém, menos uma pessoa livre — argumenta o padre William C. Bier, do departamento de psicologia da Universidade Fordham.

Um psiquiatra católico, como qualquer outro, conhece a diferença entre um pecado consciente e um efeito inconsciente. O padre católico, contudo, pode não estar munido de conhecimentos psiquiátricos suficientes para distinguir onde corre a linha divisória.

— Alguns homens — assevera o padre Bier — podem necessitar de psicoterapia e podem também ter problemas morais — podem ser pecadores. O psiquiatra, por libertar as pessoas da neurose, pode fazê-las religiosamente livres.

Que acontece quando o católico carece de auxílio de um psiquiatra? Muitos insistem que um católico deles trate, sentindo que isto será uma garantia de que a sua fé «não será tirada». Mas um psiquiatra, participante da Associação, opõe-se vigorosamente a essa idéia.

— Não creio que, sendo eu católico, atenuo o problema — ou mesmo o altere — pondera.

Como um grupo, os psiquiatras católicos têm-se evidentemente aborrecido com os clérigos que censuram publicamente seu trabalho. Muitos sentem que grande parte do malentendido e da suspeição é gerada pelo bispo Fulton J. Sheen, uma das mais influentes personalidades católicas da América. O bispo Fulton Sheen, em livros e pela televisão, tem dado muita atenção à psicanálise e ao Comunismo.

— O profeta de um — escreve em «Peace of Soul» — é Marx, cuja filosofia tem seu centro no conflito social; o profeta da outra é Freud, cuja preocupação principal são os conflitos individuais. Em ambas as concepções, o estado caótico e infeliz das questões humanas é tido como originário da tensão entre a superfície aparente, de um lado, e, as forças ocultas, obscuras e irracionais, do outro lado, as quais, embora desconhecidas, são as determinantes reais de tudo o que acontece. Os psiquiatras católicos lamentam a inferência de que Freud era o inimigo declarado da sociedade e de que ele e Marx fossem as metades componentes da mesma concha filosófica.

Líderes de ambos os lados do debate, no entanto, creem que as dificuldades que dividem o catolicismo e a psiquiatria já ultrapassaram o seu estágio mais virulento. A idéia, por exemplo, de reunir as duas forças para seminários universitários e cursos rápidos de orientação foi muito bem recebida. Desde 1954, um negociante de Indianópolis



lis, chamado Edward F. Gallahue, patrocina o Congresso Gallahue de Religião e Psiquiatria, na Fundação Menninger, em Topeka, Kansas, onde 20 a 30 especialistas se reúnem para trocar pontos de vista. Entre estes, há padres católicos, pastores protestantes e rabinos; psiquiatras, psicanalistas, filósofos e psicólogos. Em Nova York, a Academia Nacional de Religião e Saúde Mental age como instrumento para reunir psiquiatras e clérigos de todas as crenças religiosas para resolver seus problemas comuns. Instituições católicas como a Universidade São João, em Collegeville; Minnesota; Universidade de Fordham, em Nova York; Gonzaga, em Spokane, Estado de Washington; Faculdade Loras, em Dubuque, Iowa, têm mantido cursos de verão sobre psiquiatria para o clero. Talvez ainda mais encorajadoras sejam as subvenções que as faculdades recebem do Instituto Nacional de Saúde Mental, a fim de realizar um currículo sobre saúde mental para os estudantes de teologia. Foram concedidas subvenções às Universidades de Loyola, em Chicago, Harvard e Yeshiva.

Um importante líder católico comenta que numerosos bispos americanos declaram na intimidade seu desejo de patrocinar um grande e rápido programa de ensino de psiquiatria nos seminários. Pensam também que deveriam ser feitos com todos os seminaristas rígidos testes para determinar a adequação emocional.

Num sentido geral, tanto a Igreja Católica quanto a psiquiatria aspiram a dar ao homem certa felicidade. Mas o líder da Igreja imediatamente esclarecerá que a felicidade terrena não é o objetivo principal.

— O psiquiatra — pondera o Padre Bier — está tentando aliviar a miséria humana — e ele deve ser encorajado. A Igreja, também, está preocupada com a felicidade do homem neste mundo, mas está ainda mais preocupada com a sua felicidade no outro mundo. — W. G. Houseman.

— ☆ ☆ ☆ —

## Uma Coisa Depende da Outra

O desenvolvimento intelectual de um homem é grandemente responsável pelo seu sucesso ou insucesso na vida matrimonial. Um estudo levado a efeito entre nove mil casais norte-americanos revelou que os chefes de família dotados apenas do curso elementar (primário) eram justamente os que recebiam salários menores, possuíam maior número de filhos e se davam mais ao divórcio, tendo sido casados duas vezes ou mais, segundo informação do Centro Nacional de Estatísticas.

Ao contrário, a maioria dos homens portadores de algum curso secundário ou superior conserva-se firme no seu primeiro matrimônio, esperançosa em suas ambições e desfrutando de uma boa situação econômica, uma vez que percebe melhores salários.

☆ ☆ ☆

## Relógios do Mundo Inteiro

Eleva-se a 80 milhões o número de relógios fabricados anualmente no mundo, sendo a Suíça a maior produtora, com a metade do total. Segue-se a União Soviética com 10 milhões, os EE.UU. com 9 milhões e meio, a Alemanha com 7,9 milhões, e a França com 4,2 milhões. Como se vê, a indústria suíça, que antes da guerra detinha praticamente o monopólio neste setor, está agora atacada por todos os lados.



# wellaton

o shampoo ultra-moderno  
que lava colorindo!

- Lava, colore, dá brilho e reaviva a cor dos cabelos
- As mais lindas tonalidades da moda 17 nuances.
- Para cada cor de cabelo um tipo de Wellaton.



**WELLATON**

é tão fácil  
de usar!



Distribuidor em Minas Gerais:

**HENRIQUE QUICK**

Rua Curitiba, 175 — Belo Horizonte  
A PEDIDO, enviarei prospectos detalhados  
sobre o uso e aplicação dos produtos.



## TESTE

### TRAVESSA DO OUVIDOR, 31



FOI em 1878 que um grande escritor mineiro teve a idéia de criar no Brasil uma agremiação nos moldes da Academia Francesa. Onze anos depois, outro escritor, nascido em Pernambuco, alimentou a mesma idéia. Todavia, nem um nem outro logrou mais que lançar a semente do que viria a ser a «Casa de Machado de Assis», que só veio a germinar em 1896, quando se realizou a sua primeira reunião preparatória — aliás em dia que se comemorava uma grande data da nossa história — na sede da «Revista Brasileira», de José Veríssimo, na Travessa do Ouvidor, nº 31. Nessa reunião, foi por aclamação dos presentes eleito primeiro presidente da Academia um escritor que, no dizer de Coelho Neto, fizera «a princípio, algumas objeções à idéia». Foi só a 20 de junho de 1897, numa das salas do «Pedagogium», que teve lugar a instalação oficial da Academia, já com um número fixo de cadeiras e a determinação estatutária de seis meses de prazo para que os seus membros tomassem posse.

Com a instituição das Cadeiras, numerou-as a Academia e as colocou sob o patrocínio de vultos «escolhidos entre homens ilustres que engrandeceram a nossa história literária». Logo após a instalação oficial, cumprindo o que determinava o artigo primeiro dos seus Estatutos, cuidou-se de preencher mais vinte Cadeiras, destinadas aos Sócios Correspondentes da Academia.

Enquanto ia a nova agremiação procurando adquirir um ritmo de normalidade na sua vida, tinha também de enfrentar dificuldades, sobretudo financeiras, que não podiam ser superadas pelos 5\$000 por mês pagos pelos seus membros. E ainda passava a Casa por sérias dificuldades quando, na sessão de 6 de janeiro de 1917, Medeiros e Albuquerque, então presidente, anunciou em plenário que um livreiro, não tendo herdeiros forçados, deixava em testamento tudo o que possuía «à Academia Brasileira de Letras, enquanto ela existir, e se deixar de existir, à Santa Casa de Misericórdia». Aí foi que realmente começou a era de bonança, substituindo o período de borrasca econômica que vinha agitando a Academia. Em 1923, na sessão de aniversário da Casa, realizada no antigo Pavilhão Francês, erguido por ocasião dos festejos do centenário da Independência, o presidente agradeceu a doação do imóvel, que passou a ser a sua nova e definitiva sede.

— Aí está, contada em poucas palavras e com algumas omissões propositais, a história dos primeiros anos da Academia Brasileira de Letras. Agora, cabe ao leitor responder às perguntas que se seguem, todas elas relacionadas com esse texto. As respostas certas encontram-se na página 40.

1. Qual o escritor mineiro, autor de «Por Que me Ufano do Meu País», que lançou a idéia de fundar-se a Academia, em 1878?
2. Qual o escritor pernambucano, autor de «Se Eu Fosse Sherlock Holmes», que também propagou a idéia, tendo sido, posteriormente, seu presidente?
3. Em que dia de 1896 realizou-se a primeira reunião preparatória da Academia?
4. Qual o escritor brasileiro, falecido em 1908, eleito presidente, por aclamação, nessa reunião inicial?
5. Quantas Cadeiras estavam reservadas aos Sócios Efetivos da Academia?
6. Quem era o patrono da Cadeira ocupada por Machado de Assis?
7. Quem foi o escritor francês, autor de «A Bêsta Humana», que primeiro recebeu o título de Sócio Correspondente da Academia?
8. Como se chamava o livreiro que doou todos os seus bens à Academia?
9. Além de «Casa de Machado de Assis», que outro nome (francês) tem o imóvel onde funciona a Academia?
10. Quem era o Presidente da Academia, quando ela se transferiu para a sua sede atual?

## POR QUE DETERGENTES?

Por muitos séculos, o sabão foi o único auxiliar da dona-de-casa na lavagem de roupa. Como somente ele existia, pensava-se que nada poderia lavar melhor, nem com mais facilidade, nem com maior economia. Esse engano se desfez apenas há alguns anos, quando se verificou uma transformação radical nos hábitos de limpeza. Surgiram os detergentes. E o mundo assistiu, em pouco tempo, a uma revolução que tornou o sabão antiquado.

Para uma tão grande e rápida aceitação, os detergentes teriam de oferecer enormes vantagens sobre o sabão comum. Quais? perguntará a leitora. Tantas, que seria cansativo enumerar. Tome-mos apenas uma delas, a economia, e vejamos o quanto representa. Na lavagem de roupa com sabão comum, é preciso esfregar, torcer, bater — toda uma faina cansativa. Essa trabalhadeira, que toma tempo e esforço, naturalmente desgasta os tecidos. A roupa dura menos e os resultados são bem precários. Com o emprego do detergente, acontece exatamente o inverso. Porque penetra fundo nos tecidos, dissolvendo rapidamente a gordura da sujeira, o detergente dispensa o esfregar demorado. Basta uma pequena quantidade, uma simples esfregadela, estender — e a roupa ficará imaculadamente limpa.

Sim, é um erro fazer cálculos apenas com o preço de uma utilidade. Sem dúvida, o sabão grosso não custa muito. Mas o seu preço é fabuloso, quando pensamos em tudo o que ele estraga — roupas finas, roupas caras, roupas que precisam durar. Milhares de donas-de-casa, em todo o mundo, pensaram nisso — e se decidiram pelos detergentes. E não fazem segredo do que as levou a essa escolha: economia de tempo, trabalho e dinheiro.

(Informativo J. W. T.)



**Modernos detergentes  
revolucionam  
o lavar em todo o mundo!**

Nos E.U.A., como no Sião ou no Chile,  
os detergentes ganharam milhões de la-  
res — porque lavam com mais economia!



**OMO** — O MODERNO DETERGENTE

**— faz a roupa mais  
limpa do mundo!**



**PODEROSO!** Lava melhor a sua roupa grande, removendo a sujeira, as manchas e a gordura das camisas, lençóis, toalhas, e até dos macacões, tão difíceis de lavar.



**SUAVE!** Lava delicadamente as sedas, "nylons", "rayons" etc. Não contém agentes químicos prejudiciais, conserva os tecidos finos, dando-lhes mais brilho, mais vida.



**ÓTIMO!** Na cozinha, no banheiro, nos pisos e em toda a casa. OMO remove facilmente toda a sujeira. Com OMO, V. não precisa mais nada para a limpeza em seu lar.



**FAÇA ESTE TESTE:**  
Lave duas peças, uma no mólho de OMO e a outra com sabão comum. Compare os mólhos. O de OMO fica muito mais escurecido pela sujeira "arrancada" dos tecidos.

**VEJA PORQUE:** OMO é detergente — possui uma fórmula especial, que lhe dá um poder extra de limpeza! Sua ação detergente penetra mais fundo nos tecidos — toda a sujeira e a gordura se dissolvem num instante! Quase não é preciso esfregar, basta enxaguar uma vez — toda a sujeira sai na água!



"Há muito tempo uso OMO em toda a limpeza e sei que o que OMO faz nenhum sabão pode fazer!" — diz D. Marina de Castro, do bairro de Perdizes, São Paulo.

**OMO** — o moderno detergente lava tudo melhor!







ARTE  
CULINÁRIA

# **S**algadinhos **D**eliciosos



## Massa :

140 g de farinha de trigo  
85 g de manteiga  
2 copos d'água  
3 ovos  
sal

## Recheio :

1 colher de sopa de queijo  
100 g de queijo-creme  
sal e pimenta

## Cobertura :

1 colher de sopa de manteiga  
parmezão ralado  
pimenta

## Modo de fazer o recheio

Depois de bater a manteiga com uma colher de pau, acrescente-lhe o queijo-creme e continue batendo até ficar bem ligado. Tempere com sal e pimenta.

Abra os bolinhos até a metade com uma faca bem amolada. Se houver dentro um pouco de massa ainda crua, remova-a com o cabo de uma colher. Ponha o recheio dentro do espremedor (ou use uma colher), recheie os bolinhos e salpique o queijo parmezão sobre eles.

1 Ferva a água juntamente com a manteiga e, depois de retirá-la do calor, acrescente-lhe a farinha e o sal, peneirados, batendo bem, de preferência com uma colher de pau, até que a massa fique bem consistente, a ponto de soltar-se das bordas da vasilha. Não cozinhe nem bata demais, para que a massa não fique grossa.

2 Em seguida, acrescente à massa os ovos batidos, mexendo sempre. Talvez não seja necessário usar toda a mistura de ovos, pois, no fim, a massa precisa ter uma consistência própria para formar os bolinhos.

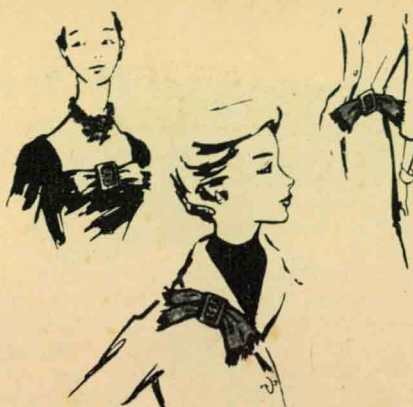
3 Feito isto, coloque-a num espremedor de massa (caso você não o possua, use mesmo uma colher de sopa) e faça os bolinhos, levando-os a assar em forno brando durante uns 15 minutos ou o necessário para que fiquem coradinhos. Use o recheio quando os bolinhos estiverem frios.

4 São realmente convidativos estes salgadinhos.



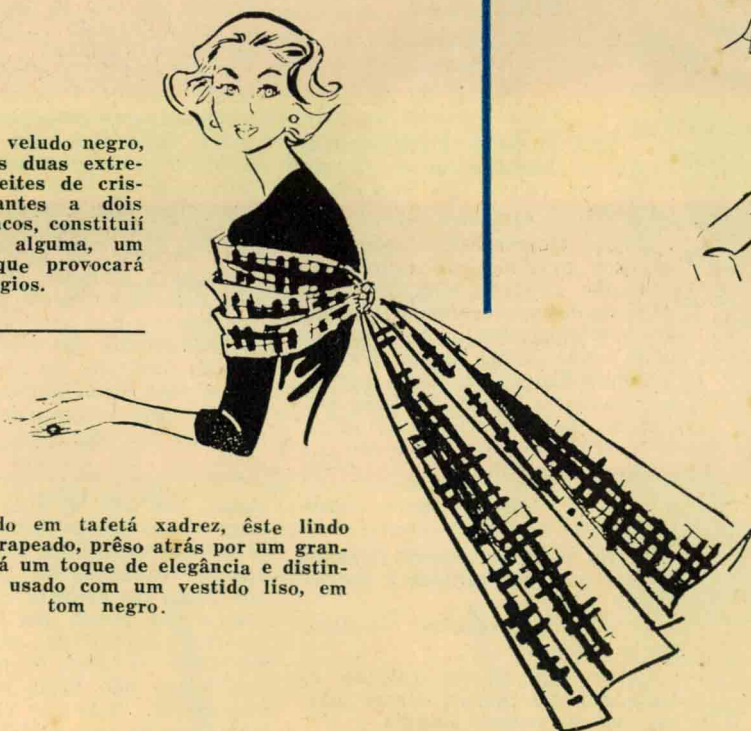


Um outro acessório bastante simples, mas que dá muita vida, se empregado com bom gosto, são os botões. Repare, por exemplo, a sua posição nesta saia.

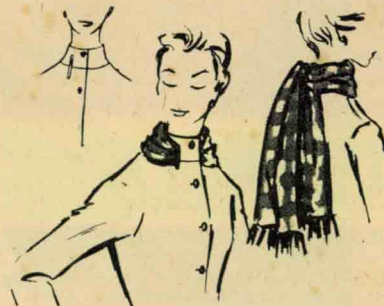


Aqui está uma outra variedade de ornamento, que pode ser usada de três diferentes maneiras. Todas elas muito originais: no decote de um vestido, na gola de um tailleur ou na cintura de vestido inteiro. A fita franjada nas duas extremidades passa por dentro de uma fivela de tamanho regular e deve ser decorada.

Uma fita de veludo negro, contendo nas duas extremidades enfeites de cristal, semelhantes a dois grandes brinco, constitui sem dúvida alguma, um ornamento que provocará elogios.

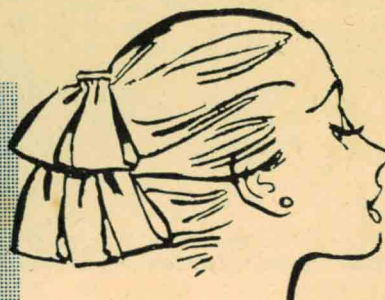


Confeccionado em tafetá xadrez, este lindo ornamento drapeado, preso atrás por um grande broche, dá um toque de elegância e distinção, quando usado com um vestido liso, em tom negro.



A charpa é um enfeite por demais conhecido, mas se usado como sugere o modelo, não deixará de produzir um efeito inteiramente novo. O orifício para a sua passagem, aberto na altura do decote, deve ter aproximadamente 7 centímetros. Atrás, as duas pontas se unem com um nó.

Observe como são interessantes essas travessas enfeitadas com fitas, prendendo o cabelo. Não temos dúvida de que encantarão a quanto as virem e, além de serem úteis e bonitas, são muito fáceis de serem feitas. A fita pode ser de cetim branco, para contrastar com o negro dos cabelos ou então de veludo negro, se o cabelo tiver um tom mais claro. Mas o fato é que, de qualquer modo, este novo ornamento chamará a atenção de todo mundo, pela sua originalidade e simplicidade também.





...e haverá  
um segredo  
em sua  
elegância...

linha

*Intimité*

— conforto e elegância  
na intimidade

*Valisère*

contato que é uma carícia

Exija sempre esta marca  
garantia da tradicional  
qualidade Valisère



Os nossos artigos de nylon  
são confeccionados com  
o legítimo fio Rhodanyl

LINGERIE  
VALISÈRE  
PARA MENINAS  
TAMBÉM



## Há Sempre Alguém

Conclusão da pag. 65

Desditosa como se sentia, Angie reconheceu que ele tinha razão. Havia-os afugentado como, por outra parte, a tôdas as demais pessoas.

Quando conheceu Red, enamorou-se justamente das qualidades que tinham em comum, a timidez inata, a falta de beleza. Mas, juntos haviam feito surgir o melhor que havia um no outro. Red começou a perder sua timidez e ela, a deixar seus complexos em casa. Quando estava com Red, podia rir-se e ser feliz como os demais.

Só que agora... agora não tinha mais Red e já se sentia como um cão perdido, assustada e gemendo.

Fitou o pai, fitou a mãe. Queria odiá-los pelo que lhe haviam feito. Não pôde. Nunca poderia esquecer o que haviam feito, mas podia perdoar-lhes. Criam fazer o bem.

E não fôra o pai quem afastara Red. Tudo era culpa sua e de mais ninguém. Praticara coisas que um homem dificilmente perdoaria, por mais enamorado que estivesse.

No dia seguinte, quando voltou ao trabalho, seus olhos ainda estavam avermelhados, mas Angie tinha querido voltar, apesar de ter seu pai tentado dissuadi-la.

— Não quero vê-la mais magoadá ainda — disse-lhe.

Conseguiu sorrir.

— Está bem papai. Posso aceitar as coisas como são. Merecia o que me aconteceu e de nada serve fechar os olhos. A única coisa que posso fazer agora é tratar de melhorar. Talvez...

Não terminou a frase. Não se animava a dizê-lo, nem ainda a si mesma, que talvez... algum dia Red voltasse.

Já havia partido da cidade. Alguém acreditava que fôra para o Texas. Nada restava dêle senão um velho cachimbo que costumava manter entre os dentes, quando escrevia alguma crônica. Nunca o fumava. Havia-se esquecido de levá-lo. Angie apanhou-o de sua escrivaninha e guardou-o na sua carteira. Sempre andou com ele desde então; era tudo quanto restava de Red.

Bem, como quer que seja, naquele verão ela aprendeu uma por-

ção de coisas sobre a vida, sobre as pessoas, sobre si mesma. Começou a tratar os demais como queria que a tratassem, e, coisa surpreendente, deu resultado. Logicamente não esqueciam as coisas que ela havia dito, porém as perdoavam.

Foi um verão solitário, embora bom em muitos sentidos. Angie não saía com rapazes, mas ia nadar e ao cinema com as moças que havia conhecido em tôda a sua vida; até Carol Dugan, a quem antes odiava, mas de quem agora gostava realmente.

Quase sentia doer-lhe deixar a cidade, quando terminou o verão, mas havia prometido ao pai que

A fortuna revela os nossos vícios e virtudes da mesma maneira que a luz faz com que se distingam os objetos.  
— La Rochefoucauld.

iria para a Escola de Jornalismo.

— Este jornal será seu um dia, Angie — lembrou-lhe, — e são muitas as coisas que você deve aprender.

Angie alugou um quarto em um dos pavilhões de estudantes, mas não conhecia ninguém. Por isso, muito se surpreendeu quando o telefone tocou, na primeira noite. Não sabia quem poderia ser, mas Red era a última pessoa no mundo a quem ela esperava escutar do outro lado da linha. Mas reconheceu sua voz e seu coração deu um salto.

— Red — sussurrou. — Onde está você?

— No café da esquina. Quanto calcula você que tardará a chegar aqui?

— Trinta segundos — disse ela e desligou.

Estava parado na calçada e, quando a viu chegar, correu para ela com os braços abertos.

— Angie, Angie, meu tesouro, senti tanto sua falta que não podia agüentar mais. Desde aquela dia que me chamo de louco de cin-

qüenta maneiras diferentes. Não me importa o que você era ou que haja feito. Você é minha namorada e eu gosto de você. Nunca deixei de amá-la, ainda mesmo depois de ter ouvido tôdas aquelas coisas absurdas a seu respeito. Naquela manhã, na confeitaria, esperei que você me dissesse alguma coisa... alguma coisa para saber que não era realmente o que me diziam. Mas você fugiu...

— Oh! Red! Fugi porque estava tão assustada e envergonhada... Esperava que voltasse a mim...

— Eu... creio que o teria feito, minha querida, se não me tivesse encontrado primeiro com seu pai. E, então, estava demasiado furioso para fazer qualquer coisa... Tinha vontade de bater-lhe. Por isso, fugi. Não podia ficar com ele...

— Sei disso, meu amor. A princípio, também senti a mesma coisa. Mas ele não se deu conta do que estava fazendo... Pensava que nos estava ajudando...

— Fui vê-lo, e sua mãe também estava presente. Portaram-se muito corretamente e me pediram desculpas. Disse-lhes que precisava encontrar você. Oh! meu tesouro, tenho você de volta e isso é a única coisa que conta!...

Angie e Red casaram-se na semana seguinte, na igreja que ela frequentara durante tôda a sua vida. Continuou seus estudos de jornalismo e Red arranhou um emprego num dos jornais locais.

“Não obstante, em breve voltaremos para casa — conta ela. — Papai continua com a idéia de fazer Red seu sócio, e creio que desta vez ele aceitará.

“Sou muito mais feliz do que supus; por isso há algo que devo dizer... às moças como eu, que se sentem desditosas e desesperadas por causa de seu aspecto ou por causa da maneira em que vivem, e que creem que jamais encontrarão alguém que as ame como são: — Não te abandones, por favor, não faças o que fiz, não percas tudo por uns poucos momentos de presumida felicidade. Porque em alguma parte do mundo há alguém para ti... Espera-o. Não te arrependerás... sei disso”.

☆☆☆

## A Gruta de Maquiné

Conclusão da pag. 49

A gruta de Maquiné, oculta numa cidade que tem o coração no nome (Cordisburgo), é o recanto

ideal onde eu, minha mulher e meus filhos (e vocês, se gostarem da idéia) iremos abrigar-nos

no dia em que americanos e russos começarem a soltar suas bombas.



Um novo conceito  
em escrita inspirado  
pela própria natureza!



# Parker 61

de ação capilar

Assim como a força natural da gravidade controla esta ampulheta secular, também forças naturais controlam a tinta, na Parker 61. A extraordinária 61 enche a si mesma com a quantidade exata de tinta, conservando-a em reservatório controlado a vácuo, do qual ela não pode escapar, para vaziar ou manchar. E só quando se está pronto para escrever, no momento em que a pena toca o papel, o fluxo de tinta recomeça, produzindo uma escrita nítida e uniforme. Resistente na qualidade, virtualmente à prova de choques e vazamentos, a Parker 61 oferece um novo padrão em desempenho... e uma segurança que se tornou possível pela própria ação capilar da natureza.

## Superior às canetas-tinteiro comuns por 4 importantes razões!

**Virtualmente à prova de choques** - Depósito de tinta "cativo" que resiste aos choques

**Virtualmente à prova de vazamento** - Reservatório especial, que mantém a tinta sob controle

**Simplicidade de ação** - Nenhuma peça para manipular e desgastar




**Enche a si mesma** -

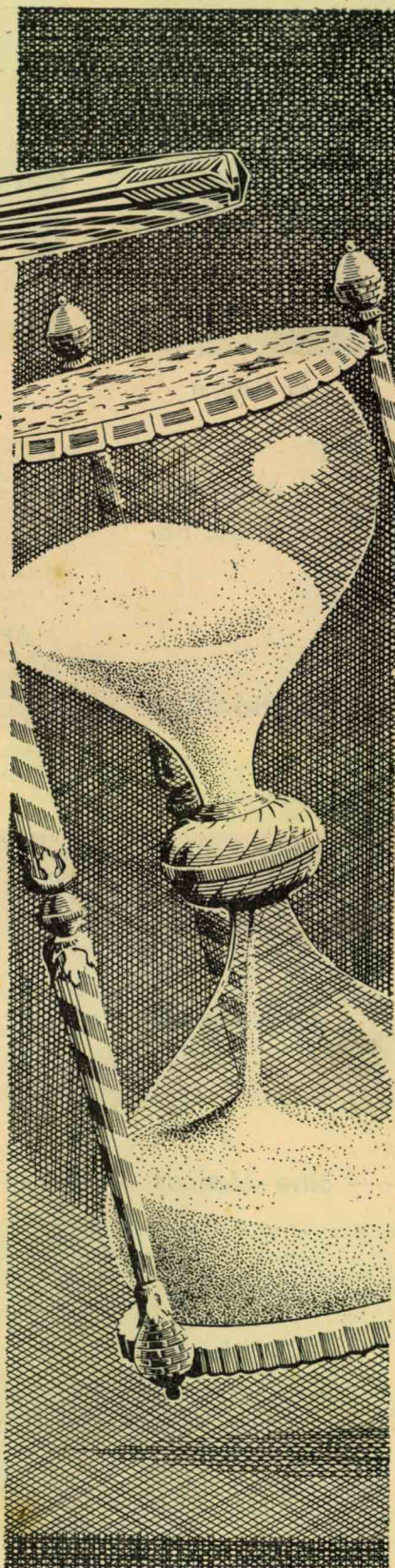
Completamente, e sem sujar os dedos. A tinta é canalizada para o reservatório da Parker 61 por uma força natural digna de confiança... a ação capilar!



Caneta Parker 61 - Caneta Parker "51" Caneta Parker Super "21"

PRODUTOS DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

A marca de qualidade para oferecer confiante ...e possuir com orgulho!



9 - 6242 - P





Anna Magnani



Tony Curtis



Jean Simmons

## magnani x massina

Anna Magnani recebeu centenas de cartas e telefonemas por sua recente (e grande) interpretação no filme «Nella città l'inferno», de Renato Castellani. «Finalmente superei a Massina» — disse a famosa atriz com ar de triunfo. Nesse filme, Giulietta Massina tem, nos encontros com Magnani, um papel de segundo plano. Enquanto isso, Anna Magnani vai, todos os dias, encontrar-se com o cenarista Sergio Amidei para que ele ponha em ordem o roteiro de seu próximo filme. Na foto, Anna Magnani segundo aparece em «Fúria da Carne».

## congratulações

A melhor dentre as mensagens de congratulações recebidas por Tony Curtis, após ter conquistado o cobiçado troféu conferido pela «Associação de Jornalistas de Hollywood» e destinado ao «astro de cinema mundial favorito», foi, sem dúvida a que lhe endereçou sua progenitora. Esta lhe enviou um telegrama, para o «set» de filmagem da película «De Folga Para Amar», dizendo: «Procura lembrar-se de como você se riu e chamou-me de sonhadora — há uns cinco ou seis anos atrás — quando eu lhe disse que isso aconteceria algum dia. Tudo vem provar o que eu constantemente lhe repetia — a mamãe sabe sempre mais!»

## venceu a experiência

Jean Simmons acaba de ser designada para substituir a atriz Sabina Bethmann no principal papel feminino de «Espartaco», a produção Bryna orçada em seis milhões de dólares que será distribuída pela Universal-International. O filme tem como protagonistas Kirk Douglas, Laurence Olivier, Tony Curtis, Charles Laughton, Peter Ustinov e John Gavin, e é dirigido por Stanley Kubrick.

Segundo se informa, essa decisão foi tomada com certa relutância e foi motivada pela troca do diretor do filme. Em vista de Kubrick ter sido agora designado para dirigir a película, verificou-se que ele não dispunha de tempo suficiente para trabalhar com Bethmann no exigente papel de protagonista da película e que seria mais prático designar uma estrela mais experimentada. A fim de cumprir seu novo compromisso, Jean Simmons chegou, há pouco, a Hollywood, procedente do seu sítio no Arizona, e já está sendo submetida aos necessários testes de vestuário e maquiagem no estúdio. Jean Simmons, que recentemente concluiu um trabalho ao lado de Rock Hudson, em «This Earth is Mine», é vista na foto, numa pôse muito característica.

## cine - tópicos

\* O professor Vittorio Novarese, uma das maiores autoridades mundiais em história militar, chegou a Hollywood, vindo de Roma, a fim de servir como consultor técnico em «Espartaco». Nos últimos quinze anos o prof. Novarese tem orientado planos engenhosos de batalha para muitos dos «épicos» de guerra feitos na Europa, incluindo «Guerra e Paz». Espartaco assinala seu primeiro contrato em Hollywood.

\* Lana Turner será a estrela de «Imitação da Vida», uma versão moderna de uma das maiores películas que o cinema já apresentou. Miss Turner faz o papel originariamente interpretado por Claudette Colbert e que é uma caracterização semelhante a seu trabalho em «A Caldeira do

Diabo», que lhe valeu uma menção honrosa na Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood.

\* Recentemente, Maria Schell chegou a Nova York a fim de assistir à primeira exibição do seu último filme «The Hanging Tree», em que aparece como companheira de Gary Cooper. A atriz fará em seguida um filme para televisão baseado no romance de Ernest Hemingway, «Por quem os Sinos Dobram».

\* O milionário Baby Pignatari, ex-noivo de Linda Christian, foi contratado pelo produtor Jerry Wald como conselheiro técnico do seu próximo filme... «O Milionário», também destinado à televisão. O filme pretende mostrar que a riqueza traz

apenas aborrecimentos e graves responsabilidades.

\* Sophia Loren foi convidada pelos produtores Carlo Ponti-Marcello Girosi para ser a principal figura feminina de «Heller with a Gun», filme baseado no livro de um vencedor do Prêmio Pulitzer, Joe Akins.

\* Gérard Philipe é um dos personagens do filme «La Vie A Deux», que Clement Duhour realiza segundo original de Sacha Guitry. Interpreta «Désiré», um camareiro de classe, com impecável elegância.

\* Neste mesmo filme, «La Vie A Deux», Pierre Brasseur incarna o próprio Sacha Guitry, pois interpreta o papel de um autor dramático



AFRÂNIO CARDOSO

## câmara um

Connie Stevens, linda cantora de vinte anos atingiu um ponto alto em sua carreira quando ingressou na Paramount.

Foi logo designada para o papel feminino na produção da York Com Jerry Lewis, "Bancando a Ama Sêca" ("Rock-a-bye-Baby"), até agora seu papel mais importante. Além disso, foi-lhe dado um contrato de sete anos, sem exclusividade. Os componentes do estúdio ficaram tão fascinados pelo seu teste cinematográfico que passaram a considerá-la uma das mais promissoras aquisições novas dos últimos anos. Na película ela faz o papel da jovem irmã de Marilyn Maxwell, e mais tarde casa-se com Jerry.

Há apenas quinze anos atrás, essa pequena loura permaneceu por duas horas no teatro Paramount, de Nova York, esperando conseguir um autógrafo de Jerry Lewis. A multidão era tão grande que ela não pôde conseguir o que queria. Mas o destino foi bom para consigo. Finalmente, a 11 de novembro de 1957, ela conseguiu seu intento. A assinatura de Jerry aparece não somente em seu livro de autógrafos, como também no contrato escrito assinado por ela, fazendo-se estrêla de uma comédia musical. Naquele mesmo dia, o estúdio contratava-a ainda para fazer dois filmes anualmente.

Connie nasceu em Brooklin, New York, em 8 de agosto de 1938, filha de Peter Ingolia e Eleanor McGinley. Seu pai, músico e anfitrião de um clube noturno, ultimamente mudou seu nome para Teddy Stevens, pelo qual é conhecido em sua profissão. Sua mãe reside em Brooklyn, depois de se ter casado novamente. Connie divide seu tempo entre eles, sendo que seu nome verdadeiro é Concett Ann Ingolia, apesar de sempre haver sido conhecida por Connie Stevens. Italianos, irlandeses, ingleses e índios mohicanos são seus ancestrais.

Quando tinha quinze anos de idade, Connie e seu pai mudaram-se para Los Angeles, onde ela se matriculou na "Academia do Sagrado Coração", para moças. Depois de ganhar vários concursos para amadores, foi transferida para a Escola Profissional de Hollywood, a qual dava-lhe mais possibilidades de trabalhar. Logo viu-se transformada na principal cantora de um

pequeno grupo liderado por Carmelita Roderick. Conseguiu, ao mesmo tempo, uma pequena parte na produção do "Hollywood Repertory Theater". "Finian's Rainbow".

Nessa mesma época, começou a cantar com duas outras moças, num grupo chamado "The Three Debs". Mais tarde excursionaram pelos Estados Unidos e Havaí. Durante os últimos anos, ela tem cantado com um outro grupo, o "The Formost". Continuou precariamente sua educação, através de cursos especiais por correspondência, ministrados pela Escola Profissional de Hollywood.

Connie conseguiu seu primeiro trabalho artístico seis meses atrás, na TV, filme de propaganda executado na Metro. Seu agente, Byroe Griffith, tinha-lhe sugerido isso, achando ser, este primeiro passo, um bom começo para fazê-la ingressar no mundo do cinema. Muito certo estava ele, pois daí ela foi diretamente para outros papéis, como "Eighteen and Anxious", "Young and Dangerous", seguidos por "Matinee Theatre", "Teenage Rumble" e "Sugarfoot", filmes feitos para a televisão, onde ela apareceu como protagonista.

Suas cores favoritas são a da alfazema, o branco, o preto e também o azul claro. Seu principal interesse, depois do desejo de se tornar uma grande atriz, é a música. Assim, possui um rico aparelho de alta fidelidade e uma grande coleção de discos (a maioria de jazz). Adora comer mas precisa cuidar de sua dieta, pois mostra muita facilidade para engordar. Sua principal alimentação fala bem de seu grande problema: pasta de amendoim e sanduíches de banana, lasagna e os pratos chineses, dos que não lhe aumentam o peso. Ela diz que seu passatempo favorito é comer ou seja o seu principal mal hábito. Connie gosta de cantar, dançar e sabe, também, esquiar. Não gosta de levantar cedo, porém é sempre pontual nos seus encontros.

No presente momento, Connie divide o seu apartamento, em Hollywood, com sua jovem secretária. Quando não está trabalhando, mora nos subúrbios de Los Angeles, com seu pai. Quando terminar seu presente filme, eles planejam mudar-se para Hollywood, e comprar ou alugar uma casa.



que, antes de morrer, determina que sua herança seja dividida entre os que inspiraram os personagens de suas peças de sucesso.

\* Brevemente será levado à tela um novo filme baseado em romance de Guy des Cars. Trata-se agora de "La Tricheuse", publicado não faz muitos anos, e que descreve aventuras de uma mulher em dois momentos de sua vida: aos vinte, e aos trinta e cinco anos. Sylvia Lopez, que foi uma das principais intérpretes de "Tabarin", será a heroína de "La Tricheuse", sob a direção do próprio diretor Richard Pottier. Seu parceiro previsto: Vittorio Gassmann.

Pierre Brasseur





# Jean Servais,

## da ribalta para o cinema

**2** UEM não viu Jean Servais no empolgante papel de "gangster", em "Rififi"? Quem não o viu em "Aquêle que deve morrer", incarnando um sacerdote grego, por certo não pode julgar o valor dêsse astro do cinema francês, que se destaca em cada novo filme que protagoniza. Referimo-nos a essas duas películas por serem as mais recentemente exibidas entre nós do conhecido artista.

Em "Rififi", Servais é o bandido frio e calculista; em "Aquêle que deve morrer", o sacerdote bom, inimigo da violência, mas que por fim não hesita em pegar em armas para defender o pão de seus companheiros. Dois papéis diametralmente opostos, duas interpretações magistrais. Dir-se-ia que Servais tem duas personalidades artísticas, mas preferimos dizer que o ator tem também dupla personalidade na vida real. Sim, pois quem o vê na tela com aquela "cara de homem mau" não pode imaginar que ali está um homem de gosto requintado e de formação intelectual. Como se sabe, Jean é segundanista de Direito.

Na arte cênica Servais já é um veterano, contando atualmente 46 anos de idade. O intérprete de "Rififi" trabalha no teatro e no cinema desde os 19 anos. Sua

estréia na tela foi auspiciosa, e Servais é considerado como um dos raros atores que estrearam já com sucesso. Em "Criminel" — seu primeiro filme — seu desempenho chamou de tal maneira a atenção dos cineastas franceses que logo depois lhe foi dado um importante papel em "Os Miseráveis". Após a filmagem do romance de Victor Hugo, Servais já estava com o nome feito: a seguir, veio uma série de 19 películas que marcaram definitivamente sua carreira na sétima arte.

O advento da Segunda Guerra mundial que ensanguentou a Europa significou um sério golpe para a carreira vertiginosa de Jean Servais, justamente quando o ator se encontrava no apogeu. Foi um período duro aquêle. — Confessa o próprio Servais — A indústria cinematográfica francesa estava semi-paralizada e o que é pior, os nazistas invadiram a França tornando o que estava ruim em insupportável. Mas, quando as nuvens negras se dissiparam dos céus de Paris, a vida se normalizou, voltou a ser bela e Servais reiniciou sua carreira com o mesmo brilhantismo com que a havia interrompido, a contragosto, em 1943.

Jean Servais, apesar de atuar no cinema francês desde 1931, é belga de nascimento. Em Bruxelas,

sua cidade natal, Servais estudou no conceituado colégio Saint Michel, de onde saiu para matricular-se na Faculdade de Direito daquela cidade. Na verdade, o estudo das leis não o apaixonava; seu grande sonho era ser ator, pisar no palco, representar, receber aplausos, ser criticado. A advocacia definitivamente não o interessava; tinha verdadeiro horror em pensar que iria passar a vida dentro dos tribunais, no austero meio jurídico, entre juizes, jurados, promotores e réus.

No dia em que deixou a Faculdade de Direito, matriculou-se no Conservatório de Arte Dramática de Bruxelas; era o início da sua carreira, era o primeiro passo dado, eram novos horizontes que se abriam para o jovem e sonhador Servais. Mas o moço era ambicioso, não se contentava com Bruxelas; Paris era a cidade ideal para expandir sua ambição.

Ao chegar à Cidade Luz, Servais, que viajava em companhia de Raymond Rouleau, estreou logo na ribalta, em "Le Mal de la Jeunesse", uma peça que foi saudada pelo público e crítica como um sucesso triunfal.

Como ator teatral, o veterano galã interpretou mais de vinte peças, dentre as quais podemos des-

(Conclui na pag. 24)







Servais aparece aqui numa pôse especial.

O cinema exige dos artistas agilidade e perícia. Servais recebe instruções de como tirar um revólver do coldre a tira-coço.



Na tela como na vida real, «Rififi» é um grande atirador.



Cara de «homem mau», mas no íntimo é um homem bom.





# Empreendimento Pioneiro dá Bons Frutos



Vista

A COMPANHIA Aços Especiais (ACESITA) figura, sem favor, entre as que mais decisivamente têm colaborado com o Governo Federal para, dentro do seu plano de Metas, fazer do Brasil, em pouco tempo, uma autêntica potência industrial. Divulgamos, nestas páginas, tópicos extraídos do relatório referente ao ano passado, apresentado pela sua Diretoria aos acionistas. Diante dos dados nêles contidos, não é preciso dizer mais, para que o leitor fique sabendo como e porque está progredindo um dos mais importantes empreendimentos siderúrgicos já levados a efeito no País.

Pelo aumento da eficiência da operação industrial, pela melhoria do rendimento técnico e pelo enobrecimento da produção, objetivou-se obter maior rendimento econômico, dentro das atuais condições da Companhia.

No setor siderúrgico atingiu-se a produção de 58.398 toneladas de lingotes, ou seja 97,3% da capacidade nominal, estimada em 60.000 toneladas anuais. O desbastamento destes lingotes permitiu a produção de 47.298 toneladas de semi-acabados — tarugos e platinas — e estas, a produção de 39.490 toneladas de produtos acabados. Houve um acréscimo de 9.768 toneladas de produtos acabados em relação de 1957. A Forjaria entrou em definitivo na indústria de auto-peças, tendo sido produzidas cerca de 50 tipos de peças forjadas para automóveis, caminhões e tratores. As chapas elétricas fabricadas — 9.571 toneladas — permitiram acentuado desenvolvimento na indústria nacional de aparelhos elétricos.

Com prazer, comunicamos aos senhores Acionistas haver a Acesita consolidado, definitivamente, sua posição econômico-financeira. Passa a Companhia a depender de financiamento apenas para suas despesas de expansão, visto que já se tornou auto-suficiente para as despesas operacionais.

As vendas atingiram a Cr\$ 1.268 milhões em 1958, contra Cr\$ 555 milhões em 1957. Foram vendidas 46.611 toneladas de produtos siderúrgicos no valor de ..... Cr\$ 1.062 milhões em 1958, contra 29.993 toneladas no valor de Cr\$ 412 milhões em 1957.

Dando maior amplitude às vendas, será inaugurada no próximo mês de maio nossa Filial em Recife, para atender aos mercados do Norte do País.

No setor de construções para a expansão, as obras continuam a ser atacadas com determinação. Assim, esperamos que em 1961 a produção de lingotes seja elevada para 120.000 toneladas anuais.

Efetivando sua participação no capital da USIMINAS, a Companhia já investiu, em 1958, a parcela de Cr\$ 14,4 milhões, correspondentes à 1ª chamada de capital, nessa importante empresa siderúrgica em construção em Ipatinga, a 16 km de Acesita.

Foi mantido contato estreito com a CIME (Comité Intergovernamental para as Migrações Europeias) disso resultando a vinda de técnicos especializados da Itália para a nossa Usina. Providência igual foi tomada junto à nossa representada, a Deutsche Edelstahlwerke Aktiengesellschaft, com pleno sucesso.

**PRODUÇÃO SIDERÚRGICA** — Durante o exercício de 1958, operando com o mesmo equipamento em melhor

ritmo, verificaram-se acentuados acréscimos de produção em todas as grandes unidades da Usina.

**ALTO FORNO** — Atingiu-se em 1958 a produção de 48.879 toneladas de gusa, com o acréscimo de 5.733 toneladas sobre a produção de 1957.

Não obstante as dificuldades, ainda presentes, com a utilização de carvão úmido, foi possível atingir-se a média de produção mensal de 4.073 toneladas (3.595 toneladas mensais em 1957), sendo que em agosto atingiu-se o máximo de produção mensal com 5.137 toneladas.

**ACIARIA** — A produção de lingotes atingiu a 58.398 toneladas em 1958, equivalente a 97,3% da capacidade nominal estimada em 60.000 toneladas anuais. O acréscimo de produção sobre 1957 foi de 3.928 toneladas.

Merece ressaltar a maior incidência percentual de aços ligados e para construções mecânicas, bem como de aço-silício para chapas elétricas, conforme quadro abaixo:

	1954	1955	1956	1957	1958
Comuns .....	80	70	55	25	15
Ligados e para construção mecânica .....	20	30	45	65	59
Aço-silício .....				10	26
Total — % .....	100	100	100	100	100

Foi iniciada a produção de aços-ferramenta, destacando-se os tipos CRW e Bora-12.

**LAMINAÇÃO** — No trem desbastador a produção em 1958 alcançou 49.388 toneladas, sendo 33.351 de tarugos, 13.947 de platinas e 2040 de barras redondas grossas. Obteve-se um acréscimo de produção de 8.210 toneladas em relação a 1957, sendo 7.611 de platinas para atender na maioria a fabricação de chapas elétricas.

No trem de chapas, foram produzidas 10.751 toneladas, 25.648 toneladas contra 23.185 em 1957, com acréscimo, portanto, de 2.463 toneladas.

No trem de chapas, foram produzidas 10.751 toneladas, em 1958, das quais 90% de aço-silício contra 5.157 no período de outubro a dezembro de 1957.

**FORJARIA** — A produção de forjados em 1958 atingiu a 1.052 toneladas contra 717 em 1957. Neste mesmo ano iniciou-se a produção em série de peças forjadas para indústria automobilística, marcando definitivamente sua participação no desenvolvimento da indústria brasileira de auto-peças.

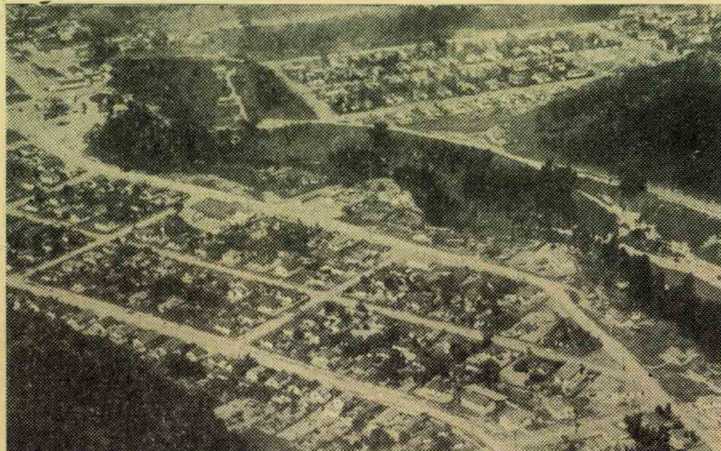
E' de significação especial o fato de que os aços empregados nas peças e nas matrizes são de fabricação própria obedecendo aos mais rigorosos controles de especificações técnicas.

Foram produzidos mais de 50 tipos de peças de caminhões e tratores para importantes firmas, como a Caterpillar, FNM, General Motors, Mercedes Benz, Volkswagen, etc. Estas peças representaram a parcela de 43% sobre a produção terminada. Existem ainda em estudos cerca de mais de 40 tipos de auto-peças para fabricação.

Em 1958 foi intensificado o emprêgo de itabirito nas cargas do alto forno, permitindo reduzir de 0,24 m3 o consumo de carvão por tonelada de gusa, daí a maior produção deste minério que teve acréscimo de 33.889 toneladas em relação a 1957.

**REFLORESTAMENTO** — Acesita, desde sua fundação vem se preocupando intensamente com o problema florestal. Para tanto procurou constituir um patrimônio de matas e terras para reflorestamento proporcionando às suas necessidades de carvão de madeira. Selecionou





parcial da Usina de Acesita.

Esta é a cidade de Acesita, com 20.000 habitantes.

as áreas, tomando como critério a proximidade da usina e a homogeneidade das glebas, no intuito de simplificar e harmonizar as suas atividades fundamentais: a produção de carvão e o reflorestamento das áreas desmatadas.

Até 31-12-58, foram plantados 28.258.300 de pés, dos quais 6.058.593 em 1958.

**ACESITA NA INDÚSTRIA DE AUTO-PEÇAS** — A Acesita, dispondo de equipamentos e instalações industriais para a produção de auto-peças, vem atendendo, dentro de seu programa de produção, à crescente demanda de peças da indústria automobilística.

Em consequência de estudos e trabalhos realizados nesse sentido pôde a Acesita, em 1958, fornecer a esse importante setor industrial cerca de 570 toneladas de auto-peças de diversos tipos.

**ATIVIDADES COMERCIAIS** — As atividades comerciais da Companhia correram normalmente. Houve, no exercício de 1958, acentuada procura de material de nossa fabricação, em virtude, sobretudo, da expansão da indústria automobilística.

O quadro abaixo mostra como se distribuíram em 1958 as nossas vendas:

	Cr\$	%
a) Laminados .....	995.198.264,40	78,47
b) Energia Elétrica .....	94.353.910,30	7,44
c) Forjados .....	45.609.397,30	3,60
d) Ferro Gusa .....	4.562.100,00	0,36
e) Sucata .....	17.014.203,40	1,34
f) Diversos .....	111.499.918,60	8,79
	1.268.237.794,00	100,00

O faturamento em 1958 teve um aumento significativo em decorrência de providências internas que concorreram para melhoria da produção em qualidade e quantidade.

Entre os produtos faturados, consignamos as chapas elétricas, cujo preço de venda tem sido mantido em bases conservadoras, com grande vantagem para os consumidores em relação ao preço de importação. Os produtos de nossa fabricação, de patente da firma Willy H. Schlieker, de Dusseldorf, encontrou franca aceitação, achando-se a freguesia inteiramente satisfeita na utilização do nosso material. O consumo foi além da nossa expectativa, o que nos levou a cogitar imediatamente de completar a instalação, a fim de capacitá-la a produzir os tipos de chapas destinadas à fabricação de transformadores, bem assim prepará-la a atender, em futuro próximo, à demanda nascente, em face do programa de metas do Governo, no que se relaciona com a geração de energia elétrica.

A Diretoria está atenta aos problemas que vão surgindo com o rápido desenvolvimento industrial do País, e, dentro do seu sistema de vendas, diretamente da fábrica ao consumidor, está estendendo uma atuação às praças do norte, com a instalação dentro em breve da filial de Recife. A Companhia terá, assim, a incorporação de mais uma filial de vendas às já existentes de Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre.

**EXPANSÃO DA USINA** — Em 1958, foram concluídas as seguintes obras do plano de expansão da usina:

- 1 — Edifício metálico de 5.000 m<sup>2</sup> para a fundição;
- 2 — Edifício de alvenaria de 1.300 m<sup>2</sup> para oficina e depósito de modelos da fundição;
- 3 — Fábrica de oxigênio de 200 m<sup>3</sup>/hora; esta nova instalação, concluída neste exercício, destina-se

a fornecer oxigênio para escarfigem de lingotes, injeção no banho dos fornos elétricos e utilização geral.

4 — Instalações de britagem da pedra; Foram iniciadas as obras de construção civil das unidades seguintes:

- forno elétrico de fusão;
- forno elétrico de redução;
- ampliação da Aciaria;
- edifício da nova Laminação;
- trem desbastador de 875 mm;
- nova serra.

Deu-se prosseguimento à construção das redes de água e esgotos para as novas instalações.

Nas obras acima foram utilizados cerca de 7.000 m<sup>3</sup> de concreto armado.

Na cidade, foi iniciada a edificação de um hotel e de 70 casas operárias e construída uma ponte de interligação entre os bairros de Quitandinha e Arataca, bem como uma passagem superior na estrada para Coronel Fabriciano.

Estão sendo ultimados os entendimentos e contratos para a duplicação da capacidade da instalação de chapas elétricas, para atender à crescente demanda do mercado.

**ASSISTÊNCIA SOCIAL** — A localização pioneira de Acesita, no interior do País, impôs, como decorrência natural, que se dedicasse, no local, todas as providências indispensáveis à sobrevivência do empreendimento, no que tange aos seus trabalhadores e respectivas famílias.

Constituiu-se, desse modo, núcleo em condições de progresso muito avançado, mas em meio onde, por falta de recursos, foi preciso que a administração cuidasse de problemas sociais em grande escala. Assim é que conta, elétricas, cujo preço de venda tem sido mantido em base educacional e abastecimento de uma população local superior a 20 mil habitantes.

**ACESITA NA ECONOMIA NACIONAL** — Considerando os atuais preços CIF de importação de aço a produção da Acesita permitiu ao País economizar, em 1958, cerca de 12 milhões de dólares, conforme discriminação abaixo:

— AÇOS EM BARRAS E CHAPAS	35.963 t	US\$ 8.990.750.
correspondendo a		
— CHAPAS ELÉTRICAS	9.712 t	US\$ 3.107.840
correspondendo a		
Total	45.675 t	US\$ 12.098.590

**SITUAÇÃO ECONÔMICA** — A situação econômico-financeira da Companhia reflete nitidamente o êxito deste grande empreendimento industrial de base, indispensável à emancipação econômica do Brasil.

Com a racionalização progressiva dos métodos de operação dos sistemas de controle administrativo, objetivando a diminuição dos custos e o aumento da eficiência, foi possível consolidar a estrutura econômico-patrimonial da Acesita.

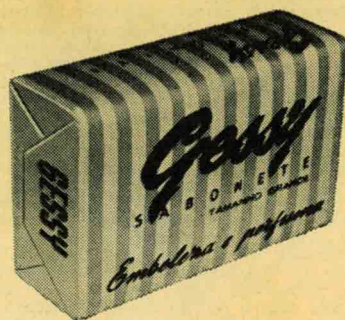
O lucro líquido de Cr\$ 200.121.258,50 — apurado neste exercício, permitiu a amortização total dos prejuízos de exercícios anteriores que, até 31 de dezembro de 1957, atingiam à importância de Cr\$ 71.031.999,30 e das despesas realizadas no País e no Exterior até 31-12-1957, com a Expansão da Usina, num total de Cr\$ 115.940.318,10, além da constituição de fundos estabelecidos dentro de bases técnicas destinadas a garantir o patrimônio.





**MAIS PERFUME...**  
**MAIS ESPUMA...**  
**MAIS BELEZA**  
**PARA VOCÊ!**

Há um novo encanto no banho  
com o delicioso SABONETE GESSY!  
A espuma de GESSY torna a pele  
macia e aveludada, realçando a sua beleza —  
o perfume é suave e provocante...  
e a consistência da massa finíssima  
faz de GESSY o sabonete mais  
durável e econômico! Perfumado...  
delicioso... experimente o



SABONETE  
**Gessy**



# esparsos

## poema da rua deserta

CARMEN VIANNA

Meu coração  
é uma rua deserta  
triste e só  
como uma pétala esquecida  
por entre as páginas  
de um livro  
que há muito ninguém lê...

## noturno

WANDA DE ALMEIDA PRADO

No fundo da noite  
Minha alma buscou  
Uma imagem...

No sonho da noite  
Essa imagem trouxe  
Teu nome...

Na flor do dia  
Teu nome deixou  
Saudade...

## quando as estrêlas morrem

TEREZINHA MARTINS

Longas caminhadas  
Marcaram o destino  
de minha existência.  
E pelos caminhos  
Onde fui passando,  
Encontrei tua voz  
Perdida  
Murmurando a canção do amor.

Vaguei errante  
A procurar-te dentro da noite...  
Mas o pó da estrada  
Engoliu o brilho das estrêlas  
E tua voz  
Morreu em meus ouvidos...





## LIVROS E LETRAS

Euclides Marques Andrade

**A**PARENTEMENTE desprovido de profundidade, «O Degêlo», de Ilya Ehreburg, penetra fundo na alma do homem. Sua técnica narrativa é limpa, escoreita, pura. A busca desvairada de originalidade, sustentada em todos os tons por alguns romancistas modernos, não macula a pureza de «O Degêlo». Aquêles, sufocados por estranhas técnicas, se perdem muitas vezes num virtuosismo estéril. Estéril e distante do homem, o que é pior. Ilya Ehreburg, pelo contrário, caminha firme dentro do coração do ser humano. Inunda de luz os caminhos e descaminhos que a gente humana palmilha. E tudo dentro de absoluta simplicidade, dedilhando as velhas teclas do romance, sem alardes inúteis, sem gritos desesperados de originalidade.

A maior parte de nossos comentaristas e dos comentaristas estrangeiros tem colocado «O Doutor Jivago», de Boris Pasternak, em plano bem superior a «O Degêlo» (Pongetti, numa «boutade», disse que «O Doutor Jivago» era chato). Aliás, como é óbvio, essa comparação é inútil e não se sustenta de nenhum postulado válido da literatura. Cremos, no entanto, que «O Doutor Jivago», apesar de sua imensa pretensão de querer retratar um longo período de tempo, dentro de um grande país do mundo, não fere, em seu conjunto, a mesma nota alta de «O Degêlo». É muito menos a de «Guerra e Paz», livro com o qual foi, inúmeras vezes, aproximado. É inegável que o trabalho de Pasternak situa-se num bom nível literário. Há cenas, no romance, de intensa beleza, e a linguagem do autor, mesmo em uma tradução de uma tradução, alcança, às vezes, aquele tom que provoca profundas ressonâncias na alma do leitor sensível. Mas inegável é, também, que, embora havendo unidade formal no livro, seu centro interior se parte em descontinuidades que afrouxam o ritmo da narrativa. E' trabalho, sem dúvida, de fôlego, trazendo, em muitas páginas, mensagem de fé na verticalidade da criação humana. «O Degêlo», porém, por isto mesmo que menos pretensioso, é mais nobre, mais sereno e fala com mais naturalidade sobre os velhos segredos que sempre despontam na existência de cada um. Lena, Koroteyev, Volodya, o velho Pukhov, todos são gente humana, com absoluta autenticidade. Os per-

## FLASH

### «O Degêlo»

### E «O Doutor Jivago»

sonagens de Ehreburg são recordados com intensa precisão. Nenhum deles fica sendo apenas um nome em um livro. Todos, absolutamente todos, até os menores, ganham corpo e alma em suas mãos de contador de histórias. O mesmo, por exemplo, não se pode dizer de Pasternak em «O Doutor Jivago». Uma infinidade de tipos escorre nas cenas desse livro; e não ficam, depois, em nossa lembrança, como acontece com os seres de «O Degêlo».

Em «O Degêlo», tive mais idéia do que seja a vida na Rússia, a vida de todos os dias com seus pequenos problemas e pequenas esperanças, do que acompanhando as peregrinações do doutor Iuri. Ao lado desse, muitas vezes, eu só via a neve lá fora, enquanto ouvia os ratos, no interior, em sua eterna faina destrutiva. E' bem verdade que, mesmo nessas passagens, a voz de Pasternak alcança aquela nota alta que aperta nossa garganta, no espasmo da angústia ou da emoção. Melhor parar, pois. Qualquer comparação entre os dois trabalhos é, além de imprópria, quase odiosa. Talvez o que tenha enfraquecido minha admiração pelas peregrinações de Iuri seja o excesso de propaganda. A extra-literária, sobretudo, coisa que sempre desconcerta. Fica-se esperando muito e acha-se, às vezes, o muito, pouco. Mas grande é a força de «O Degêlo». Grande, dentro das poucas páginas do romance, é a maneira mansa e quieta de Ehreburg sussurrar sua história.

A tradução de José Guilherme Mendes é boa. O autor, que já fez uma série de reportagens sobre a Rússia, conhece regularmente aquele país, o que deve ter facilitado seu trabalho. Mas expressemos-nos melhor: sua linguagem tem vitalidade. Disse que sua tradução é boa. A afirmação não vale, pois desconheço o original, mas as palavras que ele nos oferece são quentes e vivas. A editora informa que o livro foi traduzido da versão inglesa; José Guilherme Mendes fez declarações nas quais diz ter baseado seu trabalho no original russo. A Editora Civilização Brasileira S/A., sempre responsável por boas apresentações de livros nacionais e estrangeiros, fez bem em incluir o trabalho de Ehreburg em sua coleção «Obras Imortais». «O Degêlo» merece.

## Qual o Melhor Cronista Brasileiro da Atualidade?

**C**OMO temos informado, nossa pergunta acima vem merecendo a atenção dos leitores de todo o País. Respostas de muitos Estados do Brasil, e mesmo do estrangeiro, nos chegam em tôdas as quinzenas. Qualquer leitor de ALTEROSA pode responder à nossa «enquete», bastando escrever-nos, com os motivos de sua preferência. No fim do ano, selecionaremos as três melhores cartas e seus remetentes receberão livros valiosos, numa oferta da Livraria Oscar Nicolai.

### Rachel de Queirós Mantém-se Firme No Primeiro Lugar

**C**OM as respostas recebidas nesta quinzena, dos Srs. Leopoldo Kaminski (Rua Cel. Dulcídio, 1860, Ponta Grossa, Paraná) e Afonso Celso de Oliveira (Rua Aparecida, 90, Sorocaba, São Paulo), a classificação atual é a seguinte: 1º lugar, Rachel de Queirós; 2º, Rubem Braga; 3º, Gilberto de Alencar; 4º, Elsie Lessa e Fernando Sabino; 5º, Henrique Pongetti e 6º lugar, Felix Fernandes Filho. David Nasser recebeu um voto nesta quinzena. Vários outros cronistas, como temos noticiado, estão, até agora, com apenas um voto.

### «Suas Crônicas Têm o Sabor da Fruta Madura»: Rubem Braga

**A**SSIM classificou o Sr. Leopoldo Kaminski, de Ponta Grossa, no Paraná, as crônicas de Rubem Braga. Diz o missivista em certo trecho de sua carta: «Suas crônicas têm o sabor da fruta madura, o cheiro da terra molhada pela chuva, a vivacidade dos pássaros e a poesia dos trigais ondulantes». E mais adiante: «... ele é o cronista brilhante que sabe, como ninguém, mostrar a beleza e a alma das coisas simples que descreve».

Já o Sr. Afonso Celso de Oliveira, de Sorocaba, SP, escolhe David Nasser e assim justifica seu voto: E aí está, pelo processo de excluir, a sobrar-nos uma espécie de cronistas: os que nos apontam os males crônicos que nos jungem à cronicidade de sub-povo, de sub-nação».



## Bahia de Vasconcelos:

### A Voz do Poeta

#### Continua

BAHIA de Vasconcelos era um poeta sem livros, mas muito mais lido do que inúmeros outros que levam em sua bagagem um grande número de títulos. Sua poesia, simples e evocativa, dizia sempre alguma coisa. Não era, como a de muitos, apenas um murmúrio sem eco. Seus poemas, espalhados, às dezenas, em revistas e jornais, encontravam sempre forte ressonância no espírito dos leitores. Além disto, o homem Bahia de Vasconcelos era afável e bondoso. Alto funcionário da Assembléia Legislativa de Minas, sempre soube, naquele cargo e em outros que ocupou com brilho, fazer amigos e admiradores. Por isto é que seu desaparecimento, em abril passado, foi muito sentido. A voz do homem silenciou, mas a voz do poeta continua a cantar em seus poemas. Reuni-los em livro seria uma tarefa meritória.



Bahia de Vasconcelos.

## «Ternura», de Hélio Gonçalves



HÉLIO Gonçalves é um poeta. Esta é a primeira conclusão que se tira da leitura de «Ternura». Há emoção e sentimento em seus versos. Se ele não controla ainda todo o ímpeto da palavra, tudo indica que, com o tempo, sua técnica será mais apurada. «Ternura», editado pela Pongetti é livro que se lê com agrado.

## Historiografia Mineira, de Oilliam José

FOMOS dos primeiros a fazer menção às pesquisas e estudos de Oilliam José em torno da «Historiografia Mineira» (ALTEROSA nº 289). Agora, o esforço do autor de «Marlière, o Civilizador» se concretizou e o livro já se encontra nas livrarias, tendo sido editado pela Itatiaia. Estamos apenas noticiando seu aparecimento. Em breve, voltaremos a ele, para um comentário mais longo.

## Os Livros (e os Escritores) São Notícias

- Dormevilly Nóbrega acaba de publicar «Teares da Madrugada». A força lírica de Dormevilly está presente neste trabalho. A ele voltaremos com mais vagar.
- «Na Vertigem da Vida...», de Renato Elisio, em segunda edição, da Livraria S. José, já se encontra nas mostras literárias. O livro merece a atenção dos leitores.
- Ulisses Diniz publica, em São Paulo, «Brasil, Terra da Promissão e Pérolas e Rubis». Nesta coletânea o autor canta, com enlevo e arte, as belezas de nosso País.
- Oswaldo Freitas publica «A-gua-Morta», versos. Bom trabalho.
- A Pongetti acaba de lançar «Entardecer», poemas de Soares de Faria. Futuramente, voltaremos a este trabalho do poeta mineiro, cujo estro é inspirado.
- Na Inglaterra saiu a história do radar («The Pulse of Radar») contada por Sir Robert Watson-Watt. O livro é interessante e desvenda para o leitor o que parecia um segredo indecifrável.



Apartamentos completos  
com telefones. Próximo  
ao centro da cidade.  
Pessoal selecionado e lavanderia própria.

☆

## HOTEL BRAGANÇA

Av. Mem de Sá, 117 — Tel.  
22-7600 (R. Interna).  
RIO DE JANEIRO

## A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfacede «Brilhante», ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfacede «Brilhante» permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfacede «Brilhante». Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.





MILTON CAMPOS  
Recebeu votação pessedista na  
eleição para o Senado.



BENEDITO VALADARES  
Não está conseguindo deter a ação  
dos "anjos rebeldes".



MAGALHÃES PINTO  
Um bom candidato indicado pela UDN  
para suceder ao Sr. Bias Fortes.

## PICADÃO

A O CONTRÁRIO do que muita gente pode supor, o equacionamento do problema sucessório em Minas parece evoluir para uma solução bem diferente da que se verificou em 1955, quando o Sr. Bias Fortes pôde reunir, sem maiores dificuldades, uma coligação de partidos praticamente invencível, dentro de um clima emocional que inclinava fortemente a opinião mineira em seu favor.

A pressão militar e dos poderes da União contra a candidatura do Sr. Juscelino Kubitschek, agravada com as acintosas ameaças de subversão do regime, serviu para exacerbar os ânimos dos mineiros, unindo ainda mais os partidos que se haviam coligado em 1950, para levá-lo ao Palácio da Liberdade. Como consequência natural dos acontecimentos ligados à política federal, estendeu-se essa reação dos brios mineiros ao plano estadual no sentido de assegurar ao atual Presidente da República a base indispensável à sua vitória nas urnas. E foi assim que se pôde ver até

mesmo figuras tradicionalmente udenistas, em todas as classes sociais, voltarem-se para as candidaturas Kubitschek e Bias Fortes, então consideradas como representativas da consciência cívica e democrática de Minas.

A derrota do Sr. Milton Campos, então candidato à vice-presidência da República, assim como a votação dada ao Sr. Bilac Pinto como candidato udenista ao governo mineiro (menos de 400 mil votos) documentam bem aquele estado de exaltação em que se colocava o eleitorado mineiro, graças aos erros táticos dos que conduziam a política situacionista federal contra o candidato de Minas ao Catete.

No próximo ano, entretanto, tudo indica que teremos um embate vigoroso de forças partidárias, com 3 ou 4 candidatos disputando a cadeira ocupada pelo Sr. Bias Fortes.

Nos arraiais do PTB, a começar pelos seus atuais dirigentes, liderados pelo deputado San Thiago Dantas, ninguém mais esconde a decepção que o partido sofreu com o fun-

cionamento da atual coligação situacionista, com exceção apenas daqueles que foram colocados nos cargos públicos ou na Assembléia menos como representantes dos ideais trabalhistas do que como amigos pessoais do presidente Kubitschek. Nesse sentido, aliás, já se fizeram ouvir os líderes mais categorizados do trabalhismo mineiro, admitindo a necessidade imperiosa de uma candidatura própria à sucessão do Sr. Bias Fortes como única forma de polarizar os votos dos trabalhadores para a legenda trabalhista e fortalecer o conceito popular do partido numa afirmação de princípios que, alegam, jamais poderiam ser bem aplicados sob um governo de chefia pessedista.

Por outro lado, já são bem conhecidas as divergências entre PR e o PSD, agravadas ultimamente com a «cristianização» da candidatura Bernardes Filho ao Senado. Recordando-se, a propósito, que o eleitorado pessedista não está mais disposto a acatar uma eventual prorrogação do protocolo assinado entre as cúpulas do PR e do PSD, e o maior documento dessa disposição reside na estrondosa vitória do candidato udenista ao Senado Federal — Sr. Milton Campos — que recebeu um elevado concurso de votos pessedistas em detrimento do Sr. Bernardes Filho, sem embargo das reiteradas recomendações da cúpula pessedista. A explosão do descontentamento

• Na opinião do Sr. Geraldo Correia, presidente da Bolsa de Valores de Minas Gerais, a atuação do Sr. Lucas Lopes no Ministério da Fazenda está começando a surtir efeito, com resultados benéficos para o País, «que já está caminhando a passos largos para a estabilização de preços, com acentuadas tendências de baixa». A grande queda nos ágios, verificada nas últimas semanas, assim como a transferência dos fretes e seguros das importações para o mercado livre, são apontados pelo conhecido «business-man» como outros importantes sintomas de recuperação do valor de nossa moeda.

• Outra faceta curiosa do empirismo voraz que devora os orçamentos mineiros foi revelada agora, na Assembléia: mais de 50 postos de saúde, no interior, não funcionam porque não se conseguem médicos para dirigi-los, mas têm os seus quadros completos, com funcionários nomeados e recebendo proventos sem trabalhar.

• O Sr. Assis Chateaubriand está decididamente disposto a lutar pela candidatura do Sr. José Maria Alkmin à sucessão presidencial. Toda a cadeia de seus jornais está voltada para essa campanha, cuja

## REGISTRO

• Um rápido exame dos nomes que mais se têm destacado no combate à candidatura Jânio Quadros acaba por elevar o ex-governador paulista ao conceito popular: quase todos os cupins dos tesouros públicos marcham à frente desse combate.





**BERNARDES FILHO**

Apontado como provável candidato do PR no pleito que se aproxima.



**BIAS FORTES**

Também está sendo fortemente combatido pelos "anjos rebeldes" do PSD.

tamento que vem lavrando entre os diretórios pessedistas do interior, contra a possibilidade de uma renovação do protocolo com o PR, já não pode mais ser detida e disso constitui expressiva demonstração o chamado «encontro» de Nova Era. Nesta cidade do Vale do Rio Doce, teve lugar nos primeiros dias deste mês, uma verdadeira convenção dos pessedistas daquela zona mineira, convocada pelos deputados federais Padre Pedro Vidigal e Guilhermino de Oliveira, numa acintosa manifestação anti-perrista, anti-valadarista e anti-biista, que não deixou sombra de dúvidas sobre a formação de uma nova Ala Liberal no pessedismo mineiro, a exemplo do que ocorreu em 1945. Nesse sentido, aliás, convém recordar que o Padre Pedro Vidigal, em recentes declarações, afirmou que a «assinatura de acordos indecentes ou protocolos imorais contra os interesses do PSD e do povo mineiro significará a eleição do Sr. Magalhães Pinto para o Palácio da Liberdade». E a propósito, não será demais lembrar que o PR, detendo praticamente a metade das pastas do Governo e dos cargos de direção nas empresas estatais, não se considera ainda satisfeito, o que nos permite avaliar quão difícil será contentá-lo na nova partilha a surgir de uma possível recomposição com o PSD para o pleito do ano vindouro... Afinal, esse saco de gatos é o epílogo natural e lógico

de uma coligação que nunca passou de um conchavo de cúpulas, para satisfação exclusiva de interesses pessoais, inteiramente divorciados das verdadeiras finalidades da política em seu sentido absoluto: — a promoção do progresso e do bem estar da coletividade.

Não será temerário prever-se, deste modo, que os quatro maiores partidos — UDN, PSD, PR e PTB — se apresentarão com candidatos próprios para a sucessão do Sr. BIAS FORTES, disputando as preferências de um eleitorado que, segundo se espera, deverá subir a 3 milhões de cidadãos.

E' bem verdade que esse quadro poderá modificar-se, tendo em vista fatos novos que venham a influir nas tendências partidárias, a começar pelas combinações no plano federal. Mas não devemos esquecer que as eleições, tanto em Minas como em todo o País, já não são mais conduzidas pelas cúpulas ou pelos donos de partidos. O eleitorado, desiludido com tantas promessas não cumpridas, farto de mistificações e desonestidade administrativa, está fazendo a sua própria escolha, independentemente da coloração partidária dos candidatos. Haja vista o fenômeno Jânio Quadros.

Enquanto isso, o Sr. Magalhães Pinto, candidato indicado pela UDN, já se encontra em plena campanha

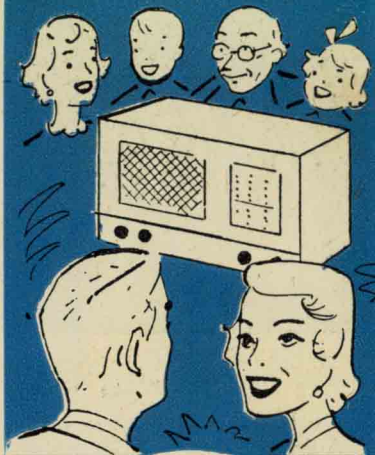
(Conclui na pag. 3)

repercussão, entretanto, não está encontrando nenhuma ressonância popular ou partidária. Nem mesmo o PSD está levando a sério a hipótese da viabilidade dessa candidatura.

Os lucros apurados pela Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, no exercício de 1958, elevaram-se, em números redondos, a Cr\$ 1.100.000.000,00 (um bilhão e cem milhões de cruzeiros), o que vem comprovar que a siderurgia (sem o estatismo) continua sendo um grande negócio no Brasil.

E, por falar em siderurgia, os japoneses que entraram com 40% do capital da USIMINAS, já devem estar alarmados com a nefasta influência do poder público naquela organização. Ainda em fase de organização, é impressionante o empenhamento que ali se desenvolve, e o nome dos 60% que representam o dinheiro do povo no empreendimento. E há mais: um automóvel para cada diretor, com motorista e gasolina a faltar, para uso de seus familiares. No final das contas, o povo acabará pagando tudo isso no preço do ferro e do aço.

## Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música nos céus de Minas



# rádio MINAS

# rádio PAMPULHA

**Direção de  
RAMOS DE CARVALHO**

Dep. Comercial  
Edifício Acaiaça — 14º andar —  
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —  
Belo Horizonte.  
Representantes no Rio e São Paulo:  
M. A. Galvão & Cia. Ltda.  
Rio — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º  
andar — Tel. 42-2020.  
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,  
342 — 1º andar — Tel. 33-6965





CLUBE ATLÉTICO MINEIRO  
Ao vencedor... os chapéus.

ATLÉTICO:  
QUATRO  
TÍTULOS

PICADEIRO

**D**URANTE CINCO anos, de 1952 a 1956, certo comerciante de Belo Horizonte, representante de uma fábrica de chapéus, teve au-

torização de sua representada para distribuir chapéus entre os jogadores do clube que se sagrasse campeão de futebol, na divisão de profissionais. Durante cinco anos, os chapéus foram devidamente encaminhados aos componentes da representação de futebol do Clube Atlético Mineiro, e, afinal, ano atrasado, decidiu a fábrica interromper aquela distribuição, uma vez que a brincadeira começava a perder a graça. E o América, campeão de 57, não ganhou chapéus.

No campeonato de 1958, só concluído na segunda metade de abril de 59, o Atlético voltou a conquistar o campeonato, após uma campanha cheia de altos e baixos, que lhe garantiu um total de quatro títulos: campeão do Torneio de Classificação (do qual participaram 18 clubes), campeão do primeiro turno, «lanterninha» do segundo turno (sem uma única vitória) e, afinal, Campeão com letra maiúscula, após uma melhor-de-três liquidada em apenas duas partidas, frente ao América (campeão do segundo turno), ambas vencidas pelo «score» mínimo (1x0).

Se a conquista do galardão não chegou a ser surpresa para os torcedores mais apaixonados do Atlético, uma surpresa eles tiveram: superada com a vitória do América, a «mística atleticana» criada pelo título de «penta-campeão», a fábrica de chapéus, em 1958, havia restabelecido a autorização para que seu representante oferecesse o artigo aos vencedores. Com isso, os veteranos do C. A. M. vêm agora crescer a sua coleção desses objetos de proteger a cabeça.

## ROMANCE À BEIRA DO LAGO

**P**ARA QUEM imagina que o chamado «amor à primeira vista» é fenômeno devido exclusivamente à imaginação dos autores de enredos cinematográficos, o recente Festival Nacional do Índio, que teve o seu início em Belo Horizonte, veio mostrar que aquela premissa nada tem de verdadeira. Já no primeiro dia daquela «promoção», uma jovem chamada Hilda Mara da Silva, de 20 anos, natural de Mantena (MG), encontrou o seu príncipe encantado — aliás, autêntico — na pessoa do jovem camaiurá Tulé, também chamado Tegulé, que fazia parte do grupo de setenta e tantos índios trazidos da selva para o asfalto. Não consta que Tulé tenha sido, em qualquer ocasião de sua vida, dado a frequentar cinemas, e, no entanto, bastou-lhe uma simples troca de olhares com Hilda para nascer o romance que, a esta altura, deve estar-se consumando, na região do alto Xingu, graças ao esforço dos nossos colegas do «Diário de Minas», os quais, sabedores do princípio de namoro, procuraram facilitar as coisas para a moça.

Datilógrafa, diplomada no Giná-

sio, a moça de Mantena é órfã de pai e mãe, possuindo apenas dois parentes próximos, um irmão e um tio, ambos residindo em pontos distantes do Estado. Até o momento em que, no meio da multidão que enchia a Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, aconteceu o encontro de olhares, ela não havia sentido a menor inclinação para o casamento. Sentiu-a a partir daquele instante, e, cedinho, na manhã seguinte, lá se foi para a Pamulha, onde, na Casa do Baile, estavam alojados os silvícolas que vieram conhecer a civilização. Tulé, que é cunhado do chefe Canato, da tribo camaiurá, entusiasmou-se ao receber aquela visita matinal, e foi assim que, ainda no segundo capítulo do romance, ficou decidido o seu «happy-end», para tanto encaregando-se o referido jornal de promover o transporte de Hilda, já com enxoval pronto, para o seu futuro lar, numa maloca do Alto Xingu. E assim foi feito tendo Hilda convidado o repórter que a acompanhou, para padrinho do primeiro herdeiro.



A NOIVA HILDA  
Amor (real) à primeira vista.





Grupo focalizado durante o ato inaugural da moderna loja, com a presença dos fundadores e diretores da organização Francisco Longo e destacadas figuras do nosso mundo social.

## EM NOVAS INSTALAÇÕES A FIRMA «FRANCISCO LONGO — IMPORTAÇÕES E REPRESENTAÇÕES S. A.»

**D**ECORADA com bom gosto, com magníficas obras de arte dentro as quais se destaca um mural (do artista alemão Helmut Bitter) todo esculpido em mármore, no qual foram gastos nada menos de três mil quilos de matéria prima, e que representa diversas fases da civilização antiga, foi há

pouco inaugurada em Belo Horizonte a nova loja da firma «Francisco Longo — Importações e Representações S. A.», distribuidora para o Estado dos produtos da Companhia Burroughs do Brasil Inc., da Tecnogeral S. A., e das Indústrias Decora Lux Ltda.

No espaço de 700 metros quadra-

dos (a loja é uma das maiores da América do Sul), os clientes da firma encontram a máquina de somar elétrica «Ten Key», fabricada pela «Burroughs», agora inteiramente nacional, bem como toda a série de máquinas e equipamentos destinados a mecanizar, automatizar e racionalizar os serviços contábeis, montados e distribuídos por aquela representada para todo o Brasil.

Na série incluem-se desde a máquina de somar, até a mais complexa máquina de contabilidade, e os computadores mecânicos, eletrônicos e eletro-mecânicos, fabricados nos Estados Unidos pelas várias divisões da «Burroughs Corporation».

Encontram-se ainda em «Francisco Longo — Importações e Representações S. A.» os afamados móveis «Securit», fabricados pela «Tecnogeral» e atualmente utilizados em todo o País, devido à sua extraordinária qualidade. Além disso, há toda uma variedade de poltronas e cadeiras de aço «Decora-Lux», hoje utilizadas por quase todas as grandes organizações de Belo Horizonte.

A Firma «Francisco Longo — Importações e Representações S. A.» tem, na sua presidência, o Sr. Francisco Longo; é seu vice-presidente o Sr. Orlando Longo; e diretor-superintendente o Dr. Carlos Campos. Na sua nova loja, situada à Rua Carijós, 140, vai, certamente, prestar melhores serviços aos seus numerosos clientes.

## CASA DOS FUNCIONÁRIOS DE MINAS

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1958

A T I V O		P A S S I V O	
<b>BENS FÍSICOS</b>		<b>FUNDO DE MONTEPIO (Art. 1 — 11 do Estatuto)</b>	
Bens para o próprio funcionamento			145.633,30
Imóveis .....	660.000,00	<b>CREDORES</b>	
Móveis & Utensílios .....	159.957,60	Operações de funcionamento	67.480,00
Biblioteca .....	469.904,50	Credores Diversos .....	609.324,20
	1.289.862,10	Credores de Depósito e Caução .....	240.000,00
Imóveis s/ Promessa de Venda .....	2.508.355,40	Credores p/ Títulos em Caução .....	120.000,00
			1.036.804,20
<b>BENS DE CONSUMO</b>		Credores p/ Imóveis s/ Promessa de Venda ....	484.994,30
Material em almoxarifado	179.200,00		1.521.798,50
<b>BENS MOBILIÁRIOS</b>		<b>PATRIMÔNIO</b>	
Títulos da Dívida Pública	1.740.580,00	Saldo desta conta .....	5.723.360,20
<b>DEVEDORES</b>		Sub-total .....	7.390.792,00
Operações de funcionamento	916.546,80	<b>CONTAS DE COMPENSAÇÃO</b>	
<b>CAIXA E BANCOS</b>		De ordem .....	3.238.355,40
Caixa .....	286.145,60		10.629.147,40
Bancos .....	470.102,10		
Sub-total .....	7.390.792,00		
<b>CONTAS DE COMPENSAÇÃO</b>			
De ordem .....	3.238.355,40		
	10.629.147,40		

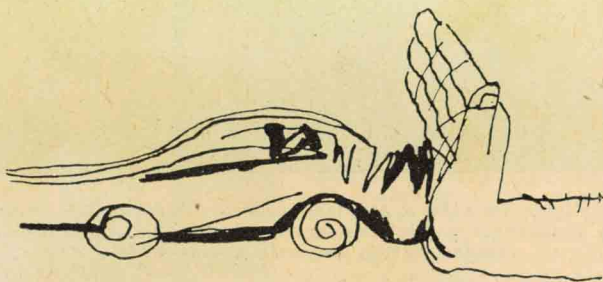
Ulysses Silva — Presidente — José Orégia Guimarães — G. L. — C. R. C. M. G. — 4.006

R E C E I T A		D E S P E S A	
Receitas Diversas .....	421.174,20	Despesas Administrativas .....	1.095.260,40
Receitas Estatutárias .....	1.246.923,10	Despesas Diversas .....	31.256,60
Receitas Financeiras .....	204.827,50	Despesas Financeiras .....	116,00
Receitas Patrimoniais .....	84.000,00	“Superavit” verificado .....	830.291,80
	1.956.924,80		1.956.924,80

Belo Horizonte, 31 de dezembro de 1958 — Ulysses Silva — Presidente — José Orégia Guimarães — G. L. — C. R. C. M. G. — 4.006.



## O DESTINO CALÇA OS FREIOS



**M**ESMO sendo em Nova Iorque, havia escurecido na esquina da Quinta Avenida com Rua 77, em certa noite de dezembro de 1931. Com rápido estremecer de freios, um táxi parou na esquina, para dar saída a seu passageiro. O homem que desceu ficou imóvel por um minuto, antes de iniciar a travessia para o outro lado da rua.

Correndo pela avenida, surgiu arruinado automóvel, dirigido por certo Mário Contasino. Quando, em fração de segundos, o chofer viu o homem do táxi precipitar-se bem no seu caminho, mal teve tempo de calcar os freios. Apesar da rápida manobra, o impacto do veículo contra o homem deu a impressão de que o atropelado contava com escassas probabilidades de salvar a vida.

Sem demora, o pedestre foi conduzido a um hospital, onde os médicos, prestando-lhe os primeiros socorros, constataram que o atropelado tinha sofrido luxação da clavícula e uma série de cortes no rosto. Verificando que o paciente era uma alta personalidade, eles notificaram sua esposa quanto ao que lhe acontecera. Depois, passaram toda a noite ao pé do seu leito, estudando as suas reações ao tratamento.

O acidentado era um inglês ilustre, então visitando os Estados Unidos, com a finalidade de pronunciar uma série de conferências. Contava com robusta constituição física, mas, ainda assim, as suas melhoras foram consideradas incríveis, do ponto de vista médico. Apesar da extrema violência do atropelamento, o inglês não acusava um

só osso quebrado, e, dentro de 5 dias, já reunira suficiente energia para sentar-se na cama. Volvido algum tempo após o acidente, ele o explicou como a mais rude provação de sua vida, dizendo mais: «Não entendo a razão por que não fiquei reduzido a pedacinhos. Por certo, sou muito rijo, de muita sorte, ou ambas as coisas».

Quando tinham passado 8 dias após o desastre, o inglês deixou o hospital, numa cadeira de rodas. Se, por um lado, estava enfraquecido e marcado por cicatrizes, não era menos certo que tivera forças para vencer um ataque de pleuris, e conservar a sua grande coragem. No dia imediato, os jornais nova-iorquinos mencionaram, em curtas notas, o restabelecimento do conferencista inglês, assim como abriram espaço para uma notícia — quase do mesmo gênero — enviada da Europa. Em Kyritz, Alemanha, o carro de um jovem líder político germânico, então subindo na popularidade entre as massas, tinha trombado violentamente com outro veículo. Pela força do impacto, o promissor homem público fôra atirado contra o pára-brisas do seu automóvel.

Mas, exatamente como acontecera ao robusto inglês, a sorte acompanhara o político alemão, deixando-o tão-somente com um dedo quebrado. Parece ponto pacífico que o destino, ou a sorte — seja o que for — tinha reservado outros planos para Winston S. Churchill e Adolfo Hitler, os acidentados no primeiro e no segundo desastre, respectivamente. — **David Wise.**

### expediente

#### ADMINISTRAÇÃO:

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar  
— Fones: Gerência 2-4251; Redação 2-0652 — Caixa Postal 279 —  
End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

#### SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho  
Rua da Matriz, 108 — conj. 503  
Fone: 26-1881.

#### REP. EM SÃO PAULO:

Newton Feitoza — Rua Boa Vista,  
245 — 3º andar — Fone: 33-1432

#### ASSINATURAS:

2 anos (48 números) .. Cr \$600,00  
1 ano (24 números) .. Cr \$320,00  
1 semestre (12 números) Cr \$170,00

Preços para todos os países do continente americano, Portugal e

Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços: US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

#### VENDA AVULSA:

Em todo o Brasil .... Cr\$ 15,00  
Portugal e Colônias .. Esc. 5,00  
Número atrasado .... Cr\$ 20,00

REDAÇÃO: Miranda e Castro,  
diretor: Neil R. da Silva, secretário.

ARTE: Álvaro Apocalypse,  
Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

SEÇÕES: André F. de Carvalho,  
Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Euclides Marques Andrade,

Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessoa Esteves, Stella Marina e Temple Manning.

FOTOGRAFIAS: Aristides Roriz, Augusto Cardoso, Dario Carrera Justo, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Luxardo, Nivaldo Corrêa, Câmera Press, Keystone, KFS, Odham Press, Reuter e Transworld.

CORRESPONDENTES: Olga Obry e Domingos de Lucca Junior, em Paris; Orlandi Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

☆

A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

☆

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.



Economia!  
Facilidade!  
Sucesso!



*...eis o que as senhoras  
donas de casa conseguirão  
com o livro*

## COMER BEM

*por DONA BENTA*

Receitas excelentes e experimentadas de salgados, doces, bolos, cock-tails, sorvetes, etc. Pratos saborosos, econômicos, fáceis de serem preparados. Sucesso garantido mesmo para as mais inexperientes donas de casa. Confie em *Dona Benta* e resolva para sempre os seus problemas de cozinha.

Volume com 544  
págs., cartonado,  
**\$ 150,00**



**UM LIVRO QUE VALE POR UMA BIBLIOTECA DE ARTE CULINÁRIA!**

A venda em todas as livrarias do Brasil  
edição aa

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**  
Rua dos Gusmões, 639 - São Paulo





Um símbolo do seu carinho...

...é a proteção de um  
COBERTOR "PARAHYBA"!

Seu bebê, por quem você se desdobra em cuidados, merece o melhor: merece um Cobertor "PARAHYBA", fabricado com lãs escolhidas dentre as de melhor procedência e por modernos processos que asseguram a firmeza da côr e a beleza originais. Ao adquirir um cobertor, examine e escolha um dos lindos padrões do legítimo Cobertor "PARAHYBA" — um produto da

TECELAGEM

**PARAHYBA** S/A

CX. POSTAL 20 — S. JOSÉ DOS CAMPOS — SP